

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E TECNOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL E DIREITOS
HUMANOS

PABLO RODRIGO DE ANDRADE BARBOSA

A (RE)PRODUÇÃO DO ANTICIGANISMO NA CIDADE E A COMUNIDADE
CIGANA DO BAIRRO FRAGATA EM PELOTAS/RS.

Pelotas

2022

PABLO RODRIGO DE ANDRADE BARBOSA

**A (RE)PRODUÇÃO DO ANTICIGANISMO NA CIDADE E A COMUNIDADE
CIGANA DO BAIRRO FRAGATA EM PELOTAS/RS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas (PPGSDH/UCPel) como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Questão Social, Trabalho, Sociabilidades e Resistências Políticas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristine Jaques Ribeiro.

Pelotas

2022

Ficha Catalográfica

B238r Barbosa, Pablo Rodrigo de Andrade

A (re)produção do anticiganismo na cidade e a comunidade cigana do bairro Fragata em Pelotas/RS / Pablo Rodrigo de Andrade Barbosa. – Pelotas: UCPEL, 2022.

103 f.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos, Universidade Católica de Pelotas. - Pelotas, BR-RS, 2022.

Orientadora: Cristine Jaques Ribeiro

1. Cidade. 2. Cigano. 3. Anticiganismo 4. Estigma. I. Ribeiro, Cristine Jaques. II. Título.

Bibliotecária responsável: Cristiane de Freitas Chim CRB 10/1233

“Amazing grace, how sweet the sound
That saved a wretch like me
I once was lost, but now am found
Was blind, but now I see
'Twas grace that taught my heart to fear
And grace my fears relieved
How precious did that grace appear
The hour I first believed
When we've been there ten thousand years
Bright shining as the Sun
We've no less days to sing God's praise
Than when we've first begun”

John Newton - Amazing Grace

Não há música no mundo que toque mais meu coração

DEDICATÓRIA

À minha esposa e à minha mãe,

tudo por elas

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem quem não estaria se não fosse Deus. Sou totalmente apaixonado, e não só o mestrado, mas todos meus dias serão de Deus.

À minha esposa, que é o amor da minha vida. Minha amiga, companheira, sabe o quanto foi difícil tudo isso e sempre acreditou que eu conseguiria.

À minha mãe, guerreira, batalhadora, abdicou da sua própria vida para dar o melhor para seus filhos, cada vitória é mais dela que minha.

Aos meus irmãos, amigos em todo tempo.

À toda família e aos amigos que ajudaram de inúmeras formas, seria impossível a luta sem eles.

À professora Cristine, amiga, paciente e sensível.

Ao grupo de estudos Questão Agrária, Urbana e Ambiental/Observatório de Conflitos da Cidade e a UCPEL

Aos meus amigos ciganos.

LISTA DE SIGLAS

AMKS	Associação Internacional Mayle Sara Kali
BNH	Banco Nacional da Habitação
CAPES Superior	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
MCMV	Minha Casa, Minha Vida
PPG	Programa de Pós-Graduação
PSDH	Política Social e Direitos Humanos
RS	Rio Grande do Sul
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas

RESUMO

A presente dissertação analisa a relação da negação do direito a cidade com os estigmas postos nas comunidades ciganas que acabam por produzir o anticiganismo. E de que forma esse anticiganismo afeta diretamente a vida de uma comunidade cigana do bairro Fragata, na cidade de Pelotas-RS. A cidade tem sido produzida através de uma lógica onde cada espaço da cidade é vista como capital, essa lógica cria uma cidade segregada, onde o objetivo é uma cidade “ideal”, uma “cidade-imagem”. Essa cidade-imagem cobra que os cidadãos vivam de um modo padrão, ou seja, o trabalhar, dormir, comer, viver são feitos à luz dessa cidade-imagem, isso acaba por criar um subjetivo da cidade, onde as pessoas que não se encaixam nesse *modus operandi* acabam por ser estigmatizadas. Desde a primeira aparição dos ciganos a Europa os mesmos são perseguidos, sofrem violências, assassinatos, além de prisões sem motivo aparente, isso tudo por serem diferentes. No Brasil aconteceu o mesmo, foram estigmatizados de ladrões, vagabundos, roubadores, acabaram por ser expulsos de várias cidades do país. O estigma, essa marca que os ciganos carregam por não viverem do mesmo modo, acaba por produzir o anticiganismo, que tem relação direta com o subjetivo criado pela cidade-imagem. O orgulho que eles possuem de ser ciganos acaba por ser negado a eles quando precisam mentir que não são ciganos para não afetar seu trabalho. Desta forma o objetivo dessa dissertação é problematizar toda essa relação entre cidade e anticiganismo e como isso afetava a vida desses ciganos do bairro Fragata. Os resultados, obtidos através da pesquisa teórica e de campo, evidenciaram sobretudo, a influência da cidade-imagem na produção de anticiganismo, que tem afetado a vida particular de cada cigano, o que tem feito os ciganos terem medo da cultura cigana se esvaír com o passar do tempo.

Palavras-chave: Cigano; Cidade; Anticiganismo; Estigma.

ABSTRACT

The present dissertation analyzes the relationship between the denial of the right to the city and the stigmas placed on gypsy communities that end up producing anti-gypsyism. And how this anti-gypsyism directly affects the life of a gypsy community in the Fragata neighborhood, in the city of Pelotas-RS. The area has been produced through a logic where each city is seen as a capital, this logic creates a segregated city, where the objective is an "ideal" city, an "image city". This image-city demands that citizens live by a standard, that is, working, sleeping, eating, living are done in the light of this image-city, this ends up creating a subjective aspect of the city, where people who do not fit *modus operandi* end up being stigmatized. Since the first persecution of the same gypsies in Europe they are persecuted, victims of violence, in addition to causes without apparent, this because they are different. The same thing happened in Brazil, they were stigmatized as thieves, vagabonds, robbed, and ended up being expelled from several cities in the country. Stigma, this mark that gypsies carry for not living in the same way, ends up producing anti-gypsyism, which is directly related to the subjective created by the city-image. The pride they have in being gypsies is eventually denied them when they have to lie that they are not gypsies for their work. In this way, the objective of this dissertation is to problematize this whole relationship between city and anti-gypsyism and how it affected the lives of these gypsies in the Fragata neighborhood. The results, obtained through theoretical and field research, showed above all the influence of the city-image in the production of anti-life made by each gypsy, which gypsies fear from gypsy culture if and evade with the passage of time.

Keywords: Gypsy; City; Anti-Gypsyism; Stigma.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 A CIDADE NEOLIBERAL	15
1.1 OS ENTRAVES DO DIREITO COMO POLÍTICA SOCIAL E O NEOLIBERALISMO	15
1.2 QUE MODELO DE CIDADE É ESSE?	23
1.3 A HISTORICIDADE DA QUESTÃO: DO REGIME MILITAR AO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA (MCMV)	29
2 QUEM SÃO OS CIGANOS?	37
2.1 COMO SE DEU O CONTATO COM OS CIGANOS?	37
2.2 QUEM SÃO E COMO VIVEM OS CIGANOS?	39
2.2.1. Os Ciganos Ao Longo Da História: Do Mundo Ao Fragata	39
2.3 ALGUMAS ANÁLISES SOBRE OS CIGANOS	48
3 O ANTICIGANISMO COMO ESTIGMA	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE	82
APÊNDICE II	84

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos (PPG-PSDH) e atende às exigências de obtenção do título de mestre. Pesquisa vinculada à linha de pesquisa Questão Social, Trabalho, Sociabilidades e Resistências Políticas. A dissertação tem como tema os estigmas ciganos e a cidade.

É resultado das diversas reuniões, debates e trocas de conhecimento teórico/prático do grupo de estudos: Questão Agrária, Urbana e Ambiental/Observatório de Conflitos da Cidade, em que, por muito tempo, abordamos diversas temáticas relacionadas à cidade. Debatendo e refletindo sobre a cidade e os atravessamentos nas comunidades.

A dissertação buscou problematizar a vida da comunidade cigana, tentando conhecer como se dá o viver cigano e os estigmas (GOFFMAN, 2008) sofridos pelos mesmos, analisando, assim, um conceito construído por Moonen¹ (2012) chamado “anticiganismo”² e como ele se dá na relação com a cidade e no cotidiano, podendo ser um causador de processos de exclusão nessa comunidade. A partir dessa premissa, tentamos chegar a conclusões sobre o que tem afetado diretamente a vida dos ciganos e como isso pode mudar.

É importante pesquisar e problematizar sobre o tema cigano/cidade porque convivo com eles desde os 10 anos. Cresci no meio dessa comunidade e consigo perceber que há relações que precisamos conhecer melhor entre os ciganos, e sobre eles e a cidade. Vivendo nessa comunidade aprendi muito sobre o modo de viver deles, fiz várias amizades e percebi que os ciganos são um grupo muito heterogêneo, pois embora tenham muita afinidade sobre o modo de ser cigano, não são todos iguais (JÚNIOR, 2013).

Ao nos aproximarmos do universo dos ciganos, vale ressaltar que essas características não são uniformes e estanques em todos os

¹ O antropólogo Frans Moonen, ex-coordenador do Núcleo de Estudos Ciganos de Recife (NEC). Faleceu no ano de 2014 deixando grande contribuição à defesa dos direitos humanos do Povo Romani - povo cigano - do Brasil.

² Moonen (2012) entende anticiganismo como a hostilidade, preconceito, discriminação ou racismo direcionado especificamente ao povo cigano.

grupos de romani do mundo. Cada um possui sua própria identidade. Todavia, em linhas gerais, existem aproximações bastante significativas. (JÚNIOR, 2013, pg. 96)

Essa comunidade que foi pesquisada desconstrói o senso comum de que todos ciganos são ricos e possuem muito dinheiro – o que não é verdade. Os ciganos sempre foram estigmatizados³ devido a seus estilos de vida, mas na sua história há muita pobreza e periferização⁴ das comunidades ciganas. Como explicado acima, crescendo no meio dessa comunidade, pude ver uma série de entraves culturais, sociais e econômicos, e a dúvida é: até que ponto isso é causado pela produção capitalista da cidade e de seus estigmas? Esses entraves são frutos do anticiganismo?

Junto à problemática da comunidade cigana, veio a mim, através do Grupo de Estudos e Pesquisa “Questão Agrária, Urbana e Ambiental/Observatório de Conflitos da Cidade”, o tema do “direito à cidade”⁵(LEFEBVRE, 2001), que é meu foco desde a graduação em Serviço Social. Além do amor que tenho pelo tema, percebo que pode haver uma grande ligação entre os estigmas – existentes devido ao anticiganismo - e os entraves que sofrem a comunidade cigana em relação à negação do direito à cidade.

Assim nasce o interesse de abordar o tema da comunidade cigana nessa sociedade que nega o direito à cidade (LEFEBVRE, 2001). Direito esse que diz respeito a muito mais do que à moradia, mas também à saúde, à educação, à sociabilização, à alimentação, ao transporte, enfim, ao direito de “viver”.

³ Para falar sobre estigma, adotaremos o conceito usado pelo autor Erving Goffman em sua obra intitulada “Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (2008). O autor diz que ideia de estigma vem dos gregos, que criaram o termo para se referir a sinais corporais dos quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo depreciativo.

⁴ Por periferização entendemos o movimento de expulsão dos trabalhadores das áreas centrais no processo de higienização das cidades. Os trabalhadores são expulsos para áreas periféricas da cidade, onde há quase nenhuma infraestrutura, tudo isso para eletizar os territórios, fato esse explicado por autores como Boulos (2015), Rolnik (1995), Maricato (2002;2003) e etc.

⁵ “O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade”. (LEFEBVRE, 2001, pg. 134)

Portanto, os temas que foram analisados com mais foco foram três: a cidade (e o direito à cidade), o anticiganismo e os estigmas. Temas esses que serão desenvolvidos através de pesquisa bibliográfica e que terão como autores principais Henry Lefebvre, no tema direito à cidade, Moonen, no tema do anticiganismo, e Goffman, no que diz respeito ao estigma, mas óbvio que irá muito além desses autores.

O primeiro capítulo trata diretamente do direito à cidade, de como a cidade tem sido produzida para satisfazer os desejos do capital, ou seja, a cidade virou um objeto a ser vendido pelo qual nem todos têm condições de pagar e usufruir. Também como a negação da cidade afeta a vida dos ciganos e também qual a relação dessa negação com a produção de estigmas sofridos por essa comunidade.

O segundo tema abordará a questão dos ciganos, de onde eles vieram; sua passagem na Europa; como eles chegam ao Brasil; e a história de vida desta comunidade estudada, tentando enxergar o anticiganismo existente em toda história cigana.

No terceiro e último capítulo, tentaremos entender como se dá a relação desta comunidade cigana com a cidade de Pelotas. Para tanto, acompanhamos a comunidade cigana, situada no bairro Fragata, da cidade de Pelotas/RS, onde convive uma família composta por 9 pessoas (uma menor de idade), há mais de dez anos. Ficamos felizes pela gravidade do coronavírus ter diminuído na cidade de Pelotas, nos dando a opção de podermos ter um convívio de vários dias, quando podemos escutar dos próprios ciganos sobre muitas de suas questões. É importante também dizer que não conseguimos entrevistar outras comunidades ciganas que estão situadas na cidade de Pelotas, tendo em vista a dificuldade de criar relação com eles, sem o conhecimento pessoal dos mesmos.

Mas por que pesquisar e problematizar o tema? É importante problematizar os fatores que nascem no centro desta sociedade que é estruturada através de relações que precisam ser mais conhecidas (frutos do sistema capitalista) e que podem estar causando processos de negação do direito à cidade da comunidade cigana em Pelotas, e não só desta comunidade estudada, mas também de todas as comunidades em Pelotas.

Assim, instigamos processos de análise sobre o tema para tentar identificar as possibilidades futuras de intervenção que viabilizem a esperança da garantia da qualidade de vida da comunidade cigana, que cresce em número na cidade de Pelotas nos últimos anos. Também é uma esperança para o pesquisador comprometido com a pauta dos direitos humanos e sociais. Assim, este trabalho tem a pretensão de ser um instrumento de construção de uma cidade mais acessível para a comunidade cigana, instigando o rompimento de rótulos e estigmas. Algo que garanta o acesso aos direitos básicos, através de políticas ou programas que usem os dados científicos como base para uma ação profissional (serviço social e outras profissões) que possa melhorar a qualidade de vida desta comunidade e de outros ciganos.

Nesse tempo que pude conhecê-los melhor, pude analisar de forma empírica que essa comunidade cigana é um povo que vive em torno do trabalho e da sua cultura. Aprendem sobre trabalho desde cedo, 12-13 anos os homens (quando já dirigem) – trabalham com venda de carros, panelas, roupas e todo tipo de venda - e as mulheres desde cedo também, 12-13 anos – ênfase aos afazeres de casa, pois o trabalho de rua é mais focado na leitura de mãos. Sei disso porque, como disse, cresci no meio desta comunidade e pude analisar seus costumes, ou seja, experiência de vida mesmo.

O questionamento e a problematização dessa ideia é se esse trabalho - central na cultura - desde cedo seria gerado pela cultura dos mesmos ou pelo silêncio do Estado? A questão é entender até aonde vai a cultura dessa comunidade no seu estilo de vida e onde entram os entraves do Estado, com a falta de políticas específicas a essa população.

Vários são os problemas que os ciganos enfrentam, sejam eles econômicos, sociais, culturais e familiares. Os ciganos não são todos ricos como é reproduzido no senso comum (um povo cheio de ouros e joias (Moonen, 2012)), também há ciganos pobres, ainda que sejam poucos. Sobre esta comunidade, neste tempo que convivi com eles, pude perceber que não são uma comunidade “rica”, mas também não são pobres.

Pode-se ficar a dúvida do por que ser essa família estudada e não uma família em situação de vulnerabilidade. A comunidade cigana de Pelotas é uma comunidade de difícil acesso, eles – na sua grande maioria - não permitem

esse tipo de aproximação, mas devido à minha relação de anos com eles, deram-me livre acesso para isso e até mesmo gostaram da ideia. Essa família mora em uma casa de aluguel (não possuem a casa própria) no bairro Fragata, um deles vive da compra e venda de carros usados, outros vivem da venda de panelas, outro da venda de lençóis, os dois mais velhos vivem de suas aposentadorias. Ou seja, não passam fome, mas não são ricos. Essa é a análise que faço neste tempo convivendo com eles.

Aqui a temática do direito à cidade será relacionada. Falar de direito à cidade é importante porque vai além da parte econômica. Falar de direito à cidade é falar dos entraves e das relações complexas que acontecem no dia a dia de cada indivíduo. Mesmo essa comunidade não possuindo problemas financeiros, eles não possuem acesso de qualidade à educação, visto que não há uma política de educação que pense no povo cigano, pois eles viajam muito, mesmo que a casa deles seja em Pelotas. Ou seja, é mais do que ter o direito à habitação garantido, estamos falando do direito à saúde, à educação, ao lazer, ao transporte, à água, ao alimento, à terra, à sociabilização. O direito de fazer parte da cidade. E não somente isso, mas fazer parte da construção dessa cidade, ou seja, estamos falando do “direito de habitar”(LEFEBVRE, 2001), do direito de existir.

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito a cidade. (LEFEBVRE, 2001, pg. 134)

Assim, através dessa pesquisa de campo dos dados teóricos - a partir da pesquisa bibliográfica e do tempo convivido com os ciganos – analisamos como e para quem a cidade tem sido construída. Então poderemos refletir sobre a criação desses estigmas vividos pelos ciganos e pensaremos em instrumentos para o enfrentamento aos estigmas que produzem anticiganismo e fazem com que os ciganos sofram por viver a cultura cigana.

1 A CIDADE NEOLIBERAL

Neste tópico buscamos debater como a cidade tem sido produzida ao longo dos anos e para quem a mesma tem sido construída, passando por diferentes momentos históricos. Assim, problematizamos o crescimento desenfreado das cidades que visam apenas ao lucro do grande capital (VAINER, 2002) e que não levam em conta o bem-estar dos cidadãos, produzindo uma cidade socialmente/economicamente desigual e espacialmente segregada, que não leva em conta o modo de viver das populações.

A ideia defendida aqui é que o interesse do grande capital tem sido o responsável por fazer da cidade um produto caro (VAINER, 2002), que a grande maioria dos cidadãos não pode pagar. Assim, o que se tem visto é uma cidade dividida em classes, ou seja, os espaços em que os ricos (patrões, empresários, políticos, famosos e etc.) habitam e os espaços onde a classe trabalhadora habita, a periferia (BOULOS, 2015; ROLNIK, 1995).

Assim, neste capítulo tentamos abordar como a cidade, de modo geral, tem sido produzida no capitalismo. Entendemos que essa cidade tem sido padronizada por certos grupos e interesses, que fazem com que a cidade seja um espaço que impõe modelos para os modos de viver, tentando silenciar alguns por não serem hegemônicos. A partir dessa premissa iremos nos outros capítulos falar de como os ciganos relacionam-se a essa realidade.

1.1 OS ENTRAVES DO DIREITO COMO POLÍTICA SOCIAL E O NEOLIBERALISMO

Na primeira parte do capítulo vamos falar um pouco da possibilidade do direito à cidade como política social e como o neoliberalismo afeta essa lógica. Dessa maneira, tentaremos mostrar de forma histórica como o *welfare state* e o neoliberalismo foram possibilidades e o porquê do neoliberalismo ganhar força. Na segunda parte, tentaremos mostrar que isso, a cidade neoliberal, não

acontece de forma natural, mas é socialmente produzida (ROLNIK, 1995). Ao longo da história vemos que os trabalhadores foram, aos poucos, sendo expulsos em um processo de gentrificação do centro (BOULOS, 2015), o que chamamos também de higienização. Essa higienização é grande fonte de lucro para aqueles que possuem o grande capital, porque ganham lucro com a elevação dos preços das áreas centrais, visto que agora os trabalhadores não habitam mais ali. Ganham também com a construção das moradias dos trabalhadores nas periferias e, por último, ganham com a chamada “especulação imobiliária” (RESENDE, 2013), que explicaremos melhor no texto, mas que de forma resumida é o ganho na valorização dos espaços em áreas vazias, devido ao investimento de infraestrutura por parte do Estado.

No outro lado da história, o alvo dessa lógica é a classe trabalhadora. Os trabalhadores estão vendo a produção de uma cidade que não é para eles, ou seja, a negação explícita do direito à cidade. Ao longo dos anos, a questão da cidade tem sido vista por quase todos os governos apenas de forma técnica (LEFEBVRE, 2001), ou seja, de forma numérica, como se o problema fosse a falta de moradias, o número de habitação. Nessa lógica, vários governos têm pensado em programas e formas de produzir inúmeras casas, mas o problema não tem sido resolvido porque essa organização de sociedade, que tem como base o sistema capitalista de produção, produz uma cidade desigual, que naturaliza as mazelas sociais.

Nesta lógica⁶ veremos que a urbanização tem aumentado ano após ano (SANTOS, 1993), e o déficit habitacional também (BOLAFFI, 1982; BOULOS, 2015), e, para além deste problema, cada vez mais direitos básicos, como água, alimento, saúde, educação, liberdade, transporte e a própria cidade têm sido negados à periferia (EVERTON, 2020).

Entendemos o direito à cidade como “forma superior dos direitos” (LEFEBVRE, 2001)⁷, o cumprimento de todos os direitos básicos e de acesso a uma cidade que seja construída por e para todos. Assim, contra a lógica

⁶ Entendemos, aqui, lógica como uma racionalidade construída sobre a cidade.

⁷ “O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade.” (LEFEBVRE, 2001, pg. 134)

hegemônica de fazer cidade (a lógica do capital; da cidade produto; da cidade imagem (VAINER, 2002)) proporíamos uma cidade para todos, que respeitasse o modo de viver das populações sem padronizar o habitar, usando a política não para fazer da cidade um produto, mas um território que tenha todos os direitos cumpridos e, assim, as populações teriam a vida que tanto almejam ter.

Antes de falarmos um pouco de política social, do *welfare state* e do neoliberalismo, precisamos falar sobre o que é política social, e nessa lógica seguimos o autor Marshall que diz:

'Política Social' não é um termo técnico com um significado exato... é utilizado para se referir às políticas governamentais que têm a preocupação de estar direcionadas a ter algum impacto direto no Bem-Estar dos cidadãos por meio do provimento de serviços e renda. A questão central consiste, portanto, em seguridade social, assistência social, saúde e serviços de Bem-Estar, política de habitação. (MARSHALL apud. CARVALHO, 2010, pg. 30)

Entendo que a questão central diz respeito a direitos e garantia de qualidade de vida, mas é importante falar do contexto em que nascem as políticas sociais, que é o sistema capitalista. O sistema capitalista é muito complexo e produtor de pauperização das populações, baseando-se totalmente na exploração da mais-valia, acabando por criar concentração de renda, por um lado, e, por outro, pobreza, ou seja, desigualdade social.

As formas de apropriação da riqueza e sua concentração em poucas mãos são definidas pela lógica "normal" do capitalismo, qual seja, a extração da mais-valia na esfera da produção. [...] Não se trata de fenômenos marginais envolvendo alguns milionários oportunistas, corruptos e mafiosos. Pelo contrário, esses processos fazem parte da dinâmica estrutural das finanças e dos negócios internacionais (CATTANI, 2007. pg. 213)

Essa exploração acaba por gerar a questão social, que se manifesta de inúmeras formas: é a fome existente em todos os países, em uns mais, em outros menos; é a violência, que aflora em níveis mais elevados em países mais desiguais; é a falta de água; a falta de moradia, que tem se manifestado em números cada vez mais elevados no Brasil (BOULOS, 2015); e tudo isso acaba por operacionalizar a negação da cidade para boa parte da população (LEFEBVRE, 2001). Todas essas manifestações da questão social acabam por produzir grandes revoltas, visto que é necessário que as populações se articulem e lutem por seus direitos mais básicos, impulsionados até mesmo pelo medo da morte, que é eminente todos os dias nas zonas onde mora a

grande maioria da classe trabalhadora, alvos da “necropolítica” (MBEMBE, 2018).

Mas, antes de explicar quais são os resultados dessa articulação da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, é importante entendermos outro fruto da concentração de renda, que é o poder político concentrado nas mãos daqueles que possuem o capital. Em um livro chamado “a cidade do pensamento único”, Vainer (2002) vai dar o nome de “cidade-empresa” para explicar o que temos visto hoje nas cidades: o âmbito da política profissional (política partidária, câmaras, congressos e etc) tomado por empresários, fazendo da cidade uma empresa que deve trabalhar com vendas de produtos (a própria cidade) àqueles que podem pagar por este produto, o que ele chama de “objeto de luxo”. E o mesmo diz que “analogia cidade-empresa desliza, suave e sutilmente para uma analogia cidade-empresários”. (VAINER, 2002)

A melhor solução, aqui como em outras situações similares, é recorrer a quem entende do métier se de empresa se trata, convoquem-se os empresários; se o assunto é business, melhor deixá-lo nas mãos de businessmen. [...] Assim, o fim da separação rígida quer dizer, em bom catalão, participação direta, sem mediações, dos capitalistas e empresários nos processos de decisão referentes ao planejamento e execução de políticas... (VAINER, 2002, pg. 87, 88)

Assim, nesta lógica, entendemos de maneira mais nítida o porquê de o Estado ser um facilitador da produção de riqueza e pouco interessado nos direitos humanos mais básicos. O Estado – representado por essa classe capitalista – vê a cidade e seus moradores apenas como objeto de venda e mão de obra. Agora podemos entender como que se dá este conflito entre os interesses capitalistas - entendidos até aqui como a manutenção do seu patrimônio, como: casas, carros, empresas, fazendas, chácaras, ações e outros. Observamos, para além disso, o crescimento desse conflito, através do lucro da exploração da classe trabalhadora – em contraste com os interesses da classe trabalhadora – e não só interesses, mas necessidades – como alimento, água, moradia, transporte, lazer, saúde, trabalho, educação, segurança e tantos outros, como a possibilidade de ocupar a cidade e construir a mesma – direito à cidade (LEFEBVRE, 2001) – de uma maneira que respeite o modo de viver das populações. A luta também é por um Estado que garanta esses direitos humanos mínimos às populações e não trate as políticas sociais

como bem-estar. Mas por que não ter um Estado que garanta mais que o mínimo?

Esta definição passa ao largo da questão de saber se as políticas sociais são emancipadoras ou não; se ajudam o mercado; e o que realmente significa “básico”? Não seria mais apropriado exigir de um *welfare state* que satisfaça mais que nossas necessidades básicas ou mínimas? (ESPING-ANDERSEN, 1991, pg. 98)

Esse conflito de interesses é mais forte em países e cidades mais desiguais, onde há poucos desses direitos citados garantidos e onde há exploração, o desemprego está em níveis altos, fazendo assim com que a população tenha que se articular na luta por seus direitos mais básicos. É em resposta à questão social e à pressão popular que as políticas sociais existem.

As políticas sociais e a formatação de padrões de proteção social são desdobramentos e até mesmo respostas às formas de enfrentamento – em geral setorializadas e fragmentadas – às expressões multifacetadas da questão social no capitalismo, cujo fundamento se encontra nas relações da exploração do capital sobre o trabalho. (BEHRING; BOSCHETTI, 2016, pg. 51)

Em alguns momentos históricos, dependendo também de outros fatores – que não teremos espaços e tempo para debater e nos aprofundarmos nesta pesquisa – como uma guerra mundial, ou uma crise financeira gerada da concentração de renda deste sistema capitalista, como aconteceu em 1929 no “crash” da bolsa de valores- determinadas situações acabam por gerar uma profunda pauperização da população, que, caso não haja alguma ação do Estado para intervir na situação, pode causar revoltas e até mesmo revoluções que poderiam gerar uma nova ordem social, ameaçando assim o sistema e a posição social dos capitalistas.

Um desses casos históricos é a Europa do pós-segunda guerra mundial. O continente Europeu, que foi palco da segunda guerra mundial, viu-se devastado pela mesma. As cidades estavam totalmente destruídas e a população europeia carecia de “tudo” naquele momento: moradia, alimento, água, trabalho e etc (GILBERT, 2009). Além dessa situação existia também a chamada guerra-fria, que era esse embate entre a ideologia liberal, do livre-mercado, e da ideologia socialista/comunista que ganhava força na Europa com a União Soviética. Para enfrentar esses dilemas, o Estado europeu, que

era e é instrumento de poder da classe capitalista, teve que intervir, cedendo direitos à população através do *Welfare State* (com nomes diferentes em diferentes países, com diferentes intervenções). “Uma definição comum nos manuais é a de que ele envolve responsabilidade estatal no sentido de garantir o bem-estar básico dos cidadãos” (ESPING-ANDERSEN, 1991, pg.98), evitando, assim, uma possível revolta e um possível avanço socialista. O *Welfare State* (diferentes nomes nos países europeus) tinha como objetivo alcançar o pleno emprego e diminuir as desigualdades sociais (BEHRING;BOSCHETTI, 2016).

Esping-Andersen diz que “num *welfare state* genuíno a maioria de suas atividades rotineiras diárias devem estar voltadas para as necessidades de bem-estar de famílias” (ESPING-ANDERSEN, 1991, pg. 100). E como fica a burguesia neste momento? É o famoso ditado: “Vão-se os anéis, ficam-se os dedos”. É importante lembrar que por mais que neste momento o Estado tenha pensado mais na população, não houve uma ruptura com os interesses liberais.

Em outras palavras, não existe polarização irreconciliável entre Estado liberal e Estado social, ou, de outro modo, não houve ruptura radical entre Estado liberal predominante no século XIX e o Estado social capitalista do século XX. Houve, sim, uma mudança profunda na perspectiva do Estado que abrandou seus princípios liberais... (BEHRING;BOSCHETTI, 2016, pg. 63)

Ainda assim era guiado por valores diferentes dos determinados pelo mercado, como diz Carvalho (2010).

A política social usa o poder político para suprir ou modificar operações do sistema econômico, para alcançar resultados que não seriam possíveis pelo sistema econômico sozinho. Assim, essa é guiada por valores diferentes daqueles determinados pelas forças do mercado. (CARVALHO, 2010, pg. 11)

Esta é a grande ambiguidade das políticas sociais. Por um lado, elas são o bem da população trabalhadora, são elas que garantem os direitos mais básicos da população e uma melhor qualidade de vida, ou seja, uma vida digna a mesma. Mas as políticas sociais têm outro objetivo também, que é o de apaziguar as tensões sociais criadas pela questão social e por suas mazelas, como a falta de moradia, falta d’água, falta de alimento, violência, pobreza e

etc. Assim, as políticas sociais fazem parte do método que a burguesia – classe capitalista – usa para fazer a manutenção do sistema capitalista, o qual tornaria impossível o fim da questão social. Logo, as políticas sociais são, ao mesmo tempo, esperança de uma vida melhor para os trabalhadores e a certeza da manutenção da exploração por parte dos capitalistas. A ideia de um Estado que interviesse na economia (BEHRING; BOSCHETTI, 2016) e garantisse educação, emprego, saúde, habitação, ou seja, um Estado de bem-estar social não durou muito tempo. Os chamados trinta anos gloriosos começam a chegar ao seu fim em meados dos anos setenta, com o ganho de força das ideias neoliberais. Com o neoliberalismo, vêm as políticas de privatizações das estatais europeias, o que faz com que a lógica do mercado volte a ganhar força e a exploração também.

[...]este surgiu logo após a Segunda Guerra Mundial, como uma reação teórica ao Estado intervencionista e de bem-estar, e que suas premissas estavam elaboradas originalmente no texto de Friedrich Hayek, O caminho da servidão, publicado em 1944, sendo que “seu propósito era combater o keynesianismo e o solidarismo reinantes e preparar as bases para um outro tipo de capitalismo, duro e livre de regras para o futuro” (ANDERSON apud. BEHRING; BOSCHETTI, 2016, pg. 125)

Os neoliberais, diz Navarro (1998), acreditam que o Estado não deve intervir na regulação do mercado, visto que o livre movimento do capital garantiria melhor eficiência na redistribuição desses recursos internacionais. Neste modo, perdemos de vista a perspectiva dos direitos humanos básicos, que é trocada pela meritocracia. Aqui, as políticas sociais são vistas como “favores” e não, como direito. O Estado continua usando seus instrumentos para colaborar com os desejos do capital, fazendo reformas políticas no mesmo, privatizando as estatais e oferecendo ao mercado internacional tudo que é possível oferecer.

Para contextualizarmos melhor, podemos pensar no Brasil desses últimos anos. O Brasil foi presidido por governos progressistas (Partido dos Trabalhadores) durante quatorze anos no poder e muito se mudou no que diz respeito a políticas sociais. Vimos um grande avanço no que diz respeito à política de habitação, com o programa Minha Casa, Minha Vida, que acabou por propiciar o direito à moradia a milhões (BOULOS, 2015) de famílias

brasileiras⁸, ainda que tenha tido muitos problemas. Vimos também avanço no acesso à educação, quando a classe trabalhadora e seus filhos começaram a vislumbrar um possível futuro profissional melhor, através do SISU e do PROUNI, programas de acesso ao ensino superior. Sem falar dos programas de acesso à terra, da diminuição dos níveis de pobreza e da fome.⁹ Mas já no governo Dilma (2014-2016) começou a aumentar a tensão dos interesses sociais (capitalistas/trabalhadores), visto que, devido a uma crise capitalista mundial, a diminuição dos lucros dos grandes empresários começaram a chegar ao Brasil.

Nesta lógica, junto a tantos outros fatores, a burguesia precisava apontar culpados e tomar medidas de intervenção. Assim se deu o golpe em 2016, quando Michel Temer assumiu a presidência. Michel Temer chega ao poder representando os interesses dos capitalistas que precisavam acabar - diminuir - com o máximo possível dos direitos, privatizando e capitalizando o que fosse possível nos próximos dois anos que ainda havia de governo. Nesse meio tempo a burguesia e a mídia se juntavam para dar sequência a esse governo com campanhas contra qualquer tipo de governos progressistas, mostrando serem eles os culpados da situação de crise econômica no país.

Tanto o governo de Michel Temer (2016-2018) e o de Jair Bolsonaro (2018-atual) seguem essa lógica neoliberal, deram sequência a reformas, como a reforma da previdência, que foi aprovada em novembro de 2019 e que aumentará o tempo de trabalho em quase dez anos da população. Em várias falas do presidente Jair Bolsonaro e de seu ministro da economia, Paulo Guedes, deixaram nítido que, em suas opiniões, os idosos são culpados pela crise, visto que não produzem mais para o mercado. Além disso, fizeram mudanças no sistema de educação com muitos cortes orçamentários, pretendendo precarizar a educação (através de cortes de bolsas CAPES de

⁸ Isso é um fato, visto que muitas pessoas conseguiram realizar o sonho da casa própria. Mas o programa foi muito criticado visto todas as alianças que fez com a especulação imobiliária, como veremos mais à frente.

⁹ “A redução do nível de pobreza e extrema pobreza observada no país até meados de 2013 é explicada por um conjunto de fatores, tais como a elevação do nível de emprego formal até próximo ao pleno emprego, aumento dos rendimentos do trabalho em decorrência da maior formalização e a política de valorização do salário mínimo. Além desses aspectos, contribuiu para a redução da pobreza o aumento nas transferências governamentais, em especial ao surgimento e expansão, a partir de 2003, do Programa Bolsa Família.” (CARVALHO et al. 2021, pg. 1)

pós-graduação e também com intervenções em reitorias), para uma possível privatização num futuro bem próximo.

O período 2016-18 pode representar o fim do mencionado ciclo de construção da cidadania social (1988-15). A radicalização do projeto liberal, derrotado nas últimas quatro eleições, caminha no sentido de levar ao extremo a reforma do Estado iniciada nos anos de 1990. O objetivo é “privatizar tudo o que for possível”, tanto na infraestrutura econômica quanto na infraestrutura social. (FAGNANI, 2017, pg. 10)

Esses governos neoliberais também acabaram com os conselhos federais, o que prejudica a democracia e a participação popular na formulação de políticas sociais que potencializam os sujeitos e atendem as demandas da população. Agora está em andamento uma reforma administrativa que visa acabar com a estabilidade dos funcionários públicos, o que já mostra o interesse em privatização desses locais.

A lógica neoliberal evidencia também a necropolítica¹⁰ (MBEMBE, 2018), porque ela destina a morte para boa parte da população, através da negação de serviços mais básicos como o alimento, a terra, a habitação, a educação e etc. Se essa lógica enxerga tudo como mercadoria, e até mesmo a cidade, como diz Vainer (2002), quem não pode pagar por essa mercadoria acaba se tornando corpos matáveis (MBEMBE, 2018).

1.2 QUE MODELO DE CIDADE É ESSE?

É importante dizer, antes de tudo, que, quando falamos de cidade, temos em mente um tipo geral, sabendo que em toda cidade há uma multiplicidade de questões que perpassam a produção da mesma, a história, o contexto geográfico, econômico, cultural e etc. Mas, ainda assim, as cidades seguiram e têm seguido uma lógica hegemônica de produção de si, a lógica do capital.

¹⁰ Achille Mbembe mostra que a morte, enquanto um objeto de gestão, foi apropriada pelo poder político, o qual não se limita apenas em indicar medidas sobre como a vida deve ser gerida, mas também apontar como devemos morrer e quem deve morrer. E mais: em certos territórios, os indivíduos vivem a partir de níveis tão mínimos de sobrevivência que a distinção entre vida e morte é muito sutil. Assim, o risco da morte torna-se presente o tempo todo. E essa é a marca central da necropolítica. (BONTEMPO, 2020, pg. 559)

Historicamente, no início das cidades não existiam as periferias, o que existia eram os cortiços. Os pobres ainda moravam perto da indústria e do patrão, visto que ainda não tinha tecnologia e o trabalho urbano era quase todo industrial. Com o aumento da tecnologia, a força da urbanização, o êxodo rural, o fortalecimento do capitalismo, aparece o surgimento da periferia – e isso por motivo de interesse do capital. Então, os trabalhadores são designados para as mesmas, já que agora havia formas deles se locomoverem até as indústrias.

Em segundo lugar, a organização da cidade passa a ser marcada pela divisão da sociedade em classes: de um lado os proprietários dos meios de produção, os ricos detentores do dinheiro e bens; de outro, os vendedores de sua força de trabalho, os livres e despossuídos. (ROLNIK, 1995, pg. 39)

Boulos (2015) diz que pelo processo de urbanização os transportes começam a ser evidenciados na cidade, como o ônibus, que permite agora que os trabalhadores morem longe, acabando com a necessidade de morarem perto da indústria e dos patrões. Esse fato acaba facilitando a política de higienização, que expulsa os mais pobres do centro, elitizando territórios. Isso tudo é muito elaborado, porque a segregação é uma grande fonte de lucro. Expulsando os trabalhadores para áreas mais distantes do centro, criam-se áreas vazias entre o centro e área de moradia dos trabalhadores, com essas áreas vazias, Boulos (2015) diz que se cria a chamada “especulação imobiliária”. Resende (2013) define especulação imobiliária como:

estoque de imóveis na expectativa de que seu valor de mercado aumente no futuro. Desta forma, a especulação ocorre quando os proprietários ou grupos econômicos adquirem ou retêm deliberadamente a posse da terra para futura negociação” (RESENDE, 2013, pg. 81)

Assim, a classe alta cria capital vendendo os lotes da periferia, porque eram eles mesmos que faziam os lotes para os trabalhadores. Lucram também na valorização das áreas centrais através da elitização dos territórios – dita por Rolnik (1995) como “cidade de classes” -, o que faz esses pedaços da cidade onde os “chefes” moram (lugares que possuem a infraestrutura total, investidas pelo poder público na maioria das vezes) valorizarem muito, com a ausência desses trabalhadores. Aumentando o valor dos lugares onde os patrões moram, acabam por expulsar os mais pobres, visto que agora eles não têm

condições de pagar por esses pedaços de terra devido a outros problemas sociais, como o baixo índice de emprego e o baixo salário daqueles que trabalham.

Considerando-se que a imensa maioria da população brasileira se encontra na base da pirâmide social, cuja renda salarial está nas menores faixas, é possível concluir que esse contingente está fadado a habitar os setores onde o valor da terra urbana condiz com seu poder aquisitivo. Nesse sentido, as camadas sociais de menor renda se instalam nas regiões “mais baratas”, carecendo de inúmeros bens necessários para sua reprodução e mínima qualidade de vida urbana. (BATTAUS; OLIVEIRA, 2016, pg. 86)

Para além de morar em áreas de mínima infraestrutura e ter baixa qualidade de vida, precisamos pensar também no déficit habitacional que começa a aumentar nessa lógica. Quando pensamos em déficit habitacional, vem a lógica da necessidade de produção de casas e da falta de casas, e nunca o que cria essa demanda, como a elitização do território, especulação imobiliária, existência de latifúndios, informalidade e, principalmente, o próprio sistema capitalista, que, por sua natureza, produz concentração de capital. A casa também é um patrimônio, um capital, está quase que destinado a esse fim, poucos com muito e muitos com pouco (nada).

O Estado tem sua parcela de culpa. No início das cidades não eram os patrões que levavam essa “infraestrutura mínima” (transporte, ruas e etc) para as periferias recém-criadas (BOULOS, 2015). Era o poder público que tinha esse papel. O poder público é quem construía esse acesso dos trabalhadores até o trabalho (até o centro). Com esse investimento de linhas asfálticas, luz, água, transporte e outros, os espaços vazios do meio do caminho acabavam por valorizar, o que fazia com que os donos das terras lucrassem com esse aumento de preço (BOULOS, 2015). Não havia interesse do poder público em outros problemas complexos que faziam parte do início das cidades, problemas esses que fazem parte das cidades ainda hoje: extrema pobreza, segregação espacial, violência, educação precária, fome e etc.

Não há interesse por parte do poder público porque desde lá há uma relação entre poder público e privado muito estreita. Essa relação, influenciada pela ideologia neoliberal de fazer cidade, vê a cidade como um produto, e produto de luxo a ser vendido.

Transformada em coisa a ser vendida e comprada, tal como a constrói o discurso do planejamento estratégico, a cidade não é apenas uma mercadoria, mas também, e sobretudo, uma mercadoria de luxo, destinada a um grupo de elite de potenciais compradores: capital internacional, visitantes e usuários solváveis (VAINER, 2002, p. 83)

Para isso, há necessidade da criação dessa “cidade imagem” que valoriza aquilo que é visto e a subjetividade da mesma. Aqui entendemos por que toda a população que foge do “padrão” social e cultural (periféricos, ciganos, nômades, moradores de rua, indígenas e etc.) acaba sofrendo estigmas (GOFFMAN, 2008), porque o modo de viver deles acaba por “sujar” a imagem da cidade padrão (VAINER, 2002), da cidade a ser vendida. Rolnik (1995) diz que quase não há espaços que não sejam investidos pelo mercado na cidade contemporânea. Bom, como falei, o problema é que “a cidade virou um mercadinho, você só pode pegar aquilo que você tem condição de pagar”. E uma grande parte da população não tem condição de pagar.

[...] o primeiro elemento que entra em jogo é a questão de mercantilização do espaço, ou seja, a terra urbana, que era comumente ocupada, passa a ser mercadoria que se compra e vende como um lote de bois, sapatos e etc. (ROLNIK, 1995, pg. 39)

Mas para se vender um produto é importante trabalhar no marketing dele, criar essa imagem da cidade a ser vendida. Por isso, a importância de fazer com que os trabalhadores (pobres) sejam periféricos, porque nessa ideia de fazer cidade, a visualização da chamada “cidade real” (MARICATO, 2002) prejudicaria os negócios da cidade. Essa lógica é o motor do processo de gentrificação – palavra derivado do inglês “gentry”, que significa “alta burguesia, pequena nobreza” – que é essa expulsão dos pobres para áreas periféricas que já explicamos no texto. Maricato (2003) chama essa lógica de “máquina de produzir favelas”.

A consolidação e melhoria da cidade ilegal e sem urbanização exige o contraponto da produção de novas moradias, do contrário estaremos consolidando a dinâmica da “máquina de produzir favelas” com as políticas públicas correndo sempre atrás do prejuízo. (MARICATO, 2003, pg. 13)

Essa divisão da cidade em espaços habitados por ricos e espaços habitados por pobres, pré-estabelecidos, é denunciada há muitos anos. Tem-se

uma ideia de que a academia foi quem conseguiu evidenciar essa questão através da pesquisa e da ciência, e em parte é verdade. O estudo científico é importante para potencializar a voz daqueles que sofreram com processos de silenciamento feitos pelo sistema, e também para ser base para a produção de políticas sociais que atendam as demandas dessas classes subalternizadas. Mas os trabalhadores sempre conseguiram enxergar a situação em que se encontravam e como essa cidade era totalmente dualizada, se é assim que podemos chamar.

Nos anos 1950, conseguimos ver que caminho a cidade que temos diante de nós, hoje, estava percorrendo, se assim podemos falar. Uma cidade demarcada por desigualdades múltiplas, isso é o que conseguimos ver na obra de Carolina Maria de Jesus (2014), intitulada “Quarto de despejo – o diário de uma favelada”, que relata bem toda essa lógica. Como já diz o nome da obra, o livro é um diário que relata o dia a dia de uma favelada (a própria autora) nos anos 50, na extinta favela do Canindé, em São Paulo. Carolina expõe a vida dura que os trabalhadores (trabalho esse informal e precarizado) tinham, não tendo o que comer, morando de forma muito precária e sem acesso a quase nenhuma política. A mesma chega a dizer:

[...] saí e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo que eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. (JESUS, 2014. pg. 12)

E sobre a mesma situação de pobreza, Carolina ainda relata:

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (JESUS, 2014. pg. 39)

Em toda escrita de Carolina (2014), conseguimos enxergar a dor que era a sua vida e a falta de perspectiva. Vida sofrida é para essa população que

Carolina representa. Mas além de conseguir enxergar a sua situação e sentir na pele o quanto a pobreza é dura e desgastante, Carolina enxergava o outro lado da moeda. Ao sair para catar seus recicláveis (trabalho que mantinha a família), a escritora, muita das vezes, tinha que ir ao centro da cidade e lá ela conseguia ver uma outra vida, um outro mundo, nas palavras dela diz:

1958 quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens hão de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas. (JESUS, 2014. pg. 85)

Carolina (2014) vê que são dois mundos diferentes, a ponto de chamar “cidade” de esse lugar “bonito”, esse “paraíso”, como ela mesma disse. O que é possível entender nas escritas de Carolina é que as zonas periféricas são tratadas como “não-cidade”, e os moradores dessa “não-cidade” não são cidadãos, não são humanos, e por isso são alvos da necropolítica (MBEMBE, 2018). Assim, a periferia torna-se alvo do silêncio ensurdecido do Estado no quesito políticas públicas e infraestrutura, mas alvo certo no quesito policiamento e repressão (EVERTON, 2020).

Portanto, é a função da higienização, como Carolina conclui, o objetivo da classe econômica, porque os detentores do poder econômico e político ganham, de várias formas, lucro físico e simbólico. A higienização da cidade e a “criação” de espaços precarizados (periféricos), na grande maioria das vezes ilegal, faz com que haja valorização também desse centro. Em algumas cidades há “ilhas” (MARICATO, 2003), também condomínios, onde o território é supervalorizado pela distância das áreas precarizadas e por infraestrutura do lugar, infraestrutura essa mediada pelo Estado.

O grande capital também ganha com a valorização das áreas vazias, que se tornam mais valorizadas pelas “melhorias” que acontecem nesse caminho do centro até a periferia, como estrada, luz, água e toda infraestrutura (RESENDE, 2013). Ou seja, a valorização imobiliária é objetivo de exclusão social que caracteriza o desenvolvimento das cidades.

Tendo falado de como se dava a cidade nos anos 50 sob a ótica de Carolina de Jesus, veremos agora outros períodos históricos para entender melhor como se dá essa cidade produto, produto caro que não é para todos.

1.3 A HISTORICIDADE DA QUESTÃO: DO REGIME MILITAR AO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA (MCMV)

De forma bastante direta podemos dizer que essa lógica perdurou e ganhou força nos vinte e um anos de ditadura. Como já visto aqui, no que diz respeito à cidade, a política quase sempre foi vista como trampolim daqueles que queriam explorar a cidade e aqueles que nela trabalham e vivem. Assim, esses poderosos também viam os dilemas sociais – as mazelas sociais – como algo técnico. Lefebvre (2001), em sua obra intitulada “o direito à cidade”, diz que o problema da moradia sempre foi visto de maneira técnica apenas, e que isso não resolve a questão, ou seja, o problema não é apenas a quantidade de casas que faltam ou quantidade de famílias sem habitação, mas sim o causador desses números, um sistema mais complexo (BOULOS, 2015).

No período ditatorial, logo em 1964, é criado o BNH - Banco Nacional da Habitação. O BNH tinha como objetivo o financiamento de casas para a população de baixa renda, mas com o tempo vemos que não foi bem isso que aconteceu, existiam outros interesses.

A motivação principal para a criação do Banco Nacional da Habitação foi de ordem política. Segundo os mentores do BNH, o desempenho marcante na produção de casas populares deveria permitir ao regime militar emergente obter a simpatia de largos setores das massas que constituíram o principal apoio social do governo populista derrubado em 1964. (AZEVEDO, 1988, p. 109)

Entre os anos 1970-1980, só o crescimento da população urbana já era maior do que toda população total (SANTOS, 1993). De forma automática, esse processo de aumento da população urbana produz aumento das demandas, que vão de habitação a todo um equipamento da cidade, a chamada infraestrutura - investimentos necessários na saúde, educação, transporte, asfalto, saneamento e etc.

O problema dito por Lefebvre (2001) de que a questão da habitação geralmente é tratada como numérica neste período não foi diferente, pois foi visto como “déficit habitacional”. Bolaffi (1982), no entanto, mostra que, segundo relatório anual do BNH, realizado no ano de 1971, os recursos só foram suficientes para atender 24% da demanda urbana. Assim, seis anos depois do início do BNH, o déficit habitacional acabou aumentando em 76%. Sobre a quantidade de casas produzidas pelo BNH e suas destinação, Azevedo (1988) diz:

Apesar da quantidade nada desprezível de unidades financiadas pelo BNH nos seus 22 anos de existência - quase 4,5 milhões, como se pode observar pela tabela - calcula-se, em função de dados comparativos dos dois últimos censos, que somente 27,66% das moradias construídas se beneficiaram de alguma linha de financiamento oficial. Entre as unidades financiadas pelo BNH apenas 33,5 foram formalmente destinadas aos setores populares. (AZEVEDO, 1988, pg. 116)

Chegamos à ideia de que o aumento gigantesco da população urbana, e naturalmente das demandas, e a resposta do BNH fazem com que o processo de gentrificação, já explicado no texto, continue ocorrendo, continuando com a lógica da “cidade de classes” (ROLNIK, 1995).

Como dito, o objetivo do BNH era o financiamento de habitações para a classe econômica mais baixa, logo, os principais clientes desse banco deveriam ser os trabalhadores. Entretanto, não é isso que acontece, porque as habitações são destinadas em maior número para a classe média, como o Minha Casa Minha Vida, que falaremos mais adiante.

Por outro lado, quase metade das unidades financiadas (48,8%) foi destinada aos setores de classe média de altos rendimentos (mercado médio). A distorção é ainda maior se levarmos em conta que o custo da unidade habitacional popular é muito menor do que o dos demais níveis de renda. (AZEVEDO, 1988, pg. 116)

Assim, fica nítido que, independente da política, programa ou estratégia, o que fica obscuro e não aparece de forma primária é o verdadeiro interesse, que é o ganho de capital por parte das empresas e poderosos que estão na ponta dessas políticas e programas, e também o ganho de legitimação de governos que precisam do apoio popular para chegar aos seus objetivos, ou seja, ganho político. Azevedo ainda diz que sempre que o regime militar dava

uma enfraquecida, os investimentos em habitações para a classe baixa aumentavam.

Em resumo, pode-se afirmar que, durante o regime militar, os períodos de maior investimento em habitação para as camadas de menor renda e de maior sensibilidade aos problemas das casas populares foram justamente aqueles em que o governo pretendia expandir sua legitimidade política. Entretanto, deve-se ressaltar que a influência da conjuntura política não foi direta, mas se materializou através das respostas dadas às crises enfrentadas pelo BNH, decorrentes, principalmente, de políticas econômicas globais que penalizavam as clientelas real e potencial do Banco (AZEVEDO, 1988, p. 113).

Além disso, sabemos que um governo – e principalmente um regime militar – precisa de uma grande difusão de sua ideologia, não apenas para que continue no poder, mas para que seus objetivos também sejam alcançados. Seria uma ideologia de ordem que os regimes militares buscavam. Havia a necessidade de acabar com esse “antagonismo” ideológico e político das cidades, criado pelos chamados “subversivos” (CARDOSO, 2013), geralmente educadores de esquerda. Mas que antagonismo é esse?

É a dialética da cidade, o antagonismo entre patrão/trabalhador, capitalistas/trabalhadores, vinda do sistema capitalista de produção que põe em conflito os interesses. Querendo fortalecer o sistema, mas acabando com os conflitos, assim agia o regime militar, com “ideia de plasmar uma imagem de cidade marcada pela ausência de antagonismo e conflito social” (FREIRE, 2017, p. 559).

Toda essa lógica de exclusão e falta de interesse do poder público em acabar com o problema habitacional e do urbanismo na cidade se faz presente nos principais programas que tinham essa finalidade. Como é o caso do MCMV (Minha Casa, Minha Vida). O programa MCMV também seguiu essa lógica quando analisamos os dados. Boulos (2015) diz que o déficit habitacional afetava, em 2015, cerca de 22 milhões de pessoas.

O mesmo estudo que citamos mostra que, destas 22 milhões de pessoas, cerca de 39% vivem em situação de coabitação familiar, isto é, moram de favor na casa de parentes, onde ocupam algum pequeno cômodo. Outros 32% têm um ônus excessivo com aluguel, ou seja, deixam de consumir o básico para sobrevivência pelo peso que o aluguel representa na renda familiar. Há ainda uma parte que vive em casas absolutamente precárias e outros em cortiços. Estas são as condições de vida em que se encontram os sem-teto no Brasil.

O maior destes problemas, que afeta quase 10,5 milhões de famílias (sempre segundo os dados oficiais) é a falta de infraestrutura e serviços básicos a uma moradia: luz elétrica, água encanada, esgoto e coleta de lixo (BOULOS, 2015, pg.14)

O déficit habitacional no Brasil em 2008 era de cinco milhões e trezentos mil famílias, isso um ano antes do programa “minha casa, minha vida” ser lançado. Em dois mil e doze, depois de quase dois milhões de casas construídas, o déficit era de cinco milhões e oitocentos mil famílias, ou seja, quinhentos mil famílias a mais no déficit.

Assim, mostra-se que, conforme o tempo vai passando, não tem surtido efeito as atitudes do poder público para os periféricos. Esse modo de fazer cidade tem aumentando o déficit habitacional. Boulos (2015) explica dizendo que isso se dá devido à imensa especulação imobiliária, que aumenta a população em vulnerabilidade social e afasta a mesma dos grandes centros, garantindo o aumento de vazios urbanos e áreas ociosas.

Assim, ocupar a cidade não é uma opção, mas é necessidade (BOULOS, 2015), ocupar não é uma exceção, mas uma regra nas cidades do Brasil. Há também a necessidade de ocupar por parte daqueles que ganham suas casas no programa MCMV, visto que essas casas não são funcionais. As entregas das casas não são pensadas nem dialogadas com a população, além de serem de qualidade muito baixa.

Os conjuntos habitacionais são construídos em regiões muito periféricas, com pouca infraestrutura, já que os terrenos aí custam menos para as empreiteiras. A qualidade e tamanho das moradias são também os piores possíveis. Para as famílias com menos de 3 salários, o parâmetro do tamanho das casas é de 32 metros quadrados! São as conhecidas “caixas de fósforo” populares (BOULOS, 2015, pg.22,23)

Isso tudo acaba por fazer habitações que negam o habitar a população. Se o habitar é negado, como é possível que o direito à cidade seja garantido? O direito à cidade é mais amplo, como diz Lefebvre (2001).

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (LEFEBVRE, 2001, pg. 134)

E também Araújo (2012) confirma essa lógica.

O ato de habitar é uma condição revolucionária porque é capaz de se opor dialeticamente ao movimento de homogeneização do capital, mas habitar não se resume apenas a ter uma moradia, afinal, trata-se do direito à cidade no sentido político mais profundo possível. (ARAÚJO, 2012, pg.136)

A Fundação João Pinheiro (2018) diz que o déficit habitacional no Brasil era de seis milhões e sessenta e oito mil casas e que, depois de um ano, em 2015, o déficit aumentou para seis milhões, trezentos e cinquenta e cinco mil casas. Esses dados que a fundação (2018) trouxe são importantes. Mesmo o MCMV produzindo inúmeras casas, o problema está se agravando. E como chegamos à conclusão de que o programa não tem interesse de acabar com o problema? Observemos a citação abaixo:

Em relação à população atendida, cerca 75% do recurso e 60% das habitações do programa foram destinadas a famílias com renda maior do que 3 salários-mínimos, exatamente porque – se tratando de imóveis mais caros – as empreiteiras ganham mais. Apenas 40% das moradias do programa são para famílias com renda menor do que 3 salários-mínimos, o que representa menos de 10% do déficit habitacional nesta faixa de renda. É um filão que interessa menos às construtoras. (BOULOS, 2015, pg.22)

Ou seja, um programa que é responsável pelo fim do problema de habitação no Brasil só acabaria com 10% do problema habitacional. Algo está errado. Nessa ideia neoliberal de fazer cidade, a exclusão é uma marca. O higienismo da cidade acaba por marginalizar a população periférica, que é vista como quem “estraga” a imagem. Essa mesma população, que acaba sendo empecilho para os desejos do capital, acaba sofrendo represália por isso. O Estado não se faz presente nas periferias com os direitos e políticas públicas, mas se faz presente com a militarização, como diz Everton (2020).

A política do estado de exceção permanente como paradigma de governo se aplica no contexto das periferias como forma de conter os pobres das cidades, promovendo inclusive práticas de extermínio. As periferias são verdadeiros espaços de exceção, lugares de “exílio dos pobres” [...].(EVERTON, 2020, pg. 136)

Vainer (2002) diz que para que tudo isso aconteça e seja legitimado, é necessária uma despolitização da cidade. Assim, a cidade mercadoria também

vira cidade-empresa. E como se resolve os problemas de uma cidade-empresa?

Como assegurar que a cidade-empresa, planejada e gerida estrategicamente como uma empresa, alcance a eficácia, isto é, a produtividade e a competitividade que se esperam de uma empresa? A melhor solução, aqui como em outras situações similares, é recorrer a quem entende do métier. Se de empresa se trata, convoquem-se os empresários; se o assunto é business, melhor deixá-lo nas mãos de businessmen. (VAINER, 2002, pg. 87)

É desta forma que os empresários assumem a cena pública, criando, junto ao poder público, uma série de parcerias público/privado para que a cidade-empresa também seja cidade-mercadoria (VAINER, 2002) e possa ser vendida a preços mais elevados. Um bom exemplo dessa lógica da cidade empresa é o fato de os empresários estarem em toda parte no poder público. Na cidade, são vereadores e prefeitos; no Estado, são deputados e governadores – como o caso do Dória em São Paulo. Também assumem até a presidência em alguns países, como Donald Trump, nos Estados Unidos. Visto isso, é necessário o debate sobre a temática.

É necessário que a periferia construa e propague sua própria política, sua própria forma de fazer cidade, que seja contra a hegemonia de fazer cidade. Os periféricos não podem ser vistos como problemas ou empecilhos para a cidade, mas devem ser vistos como sujeitos políticos, que construam e façam parte da construção não só da cidade, mas das leis e da subjetividade deste lugar.

Frente a tal realidade é possível afirmar que a agenda do século XXI está sendo construída pelas experiências coletivas que exigem a subversão do planejamento imposto. Exigem que os recursos públicos sejam direcionados para as populações da cidade. Exigem mais do que isso, exigem construir coletivamente a reinvenção de um outro conceito de cidade, a partir das bases populares, pois manifestam que as populações vivem em seus territórios sem estrutura urbana e frente a isso, apresentam pautas junto aos governos, solicitando o compromisso das gestões em correlacionar o direito à moradia aos demais direitos, como água potável, saneamento básico, alimentação, mobilidade urbana, entre outros. (RIBEIRO in KRUGER, 2020, pg. 17)

A periferia também não deve ser vista só como um lugar de opressão e dominação, mas como um lugar que pulsa vida política, lugar esse que tem interesse em uma nova sociedade/cidade/Estado. Nêgamos a ideia de estado

de exceção que tem acontecido nas periferias (EVERTON, 2020), criminalizando os moradores das mesmas, operando nos corpos deles a necropolítica (MBEMBE, 2018).

Assim, entendendo a lógica hegemônica de fazer cidade que tentamos mostrar ao longo do debate, podemos chegar a algumas realidades. A certeza é de que temos mais perguntas do que respostas. A primeira ideia a que chegamos é que essa cidade que tem sido construída para os desejos do capital tem violentado o modo de viver de várias populações, e isso não pode ser resolvido apenas com a produção de mais casas. Assim, ideias governamentais que vão do BNH ao MCMV, por mais que tragam certo alívio à classe trabalhadora, ainda não resolvem a questão da negação do direito à cidade (BOULOS, 2015). Então, junto a afirmativa de que essa cidade não é para todos fica a pergunta: “Como fazer cidade para todos”?

A segunda questão que fica em uma rápida análise, a partir de diferentes períodos históricos, quanto ao direito à cidade, com ênfase maior na habitação, é que a política e o Estado têm sido instrumento da classe capitalista para chegar a seus objetivos. Seja na criação de leis ou na produção de infraestrutura nas áreas desejadas pela classe alta, a lógica do capital tem conseguido, ao longo dos anos, a hegemonia na produção da cidade.

Assim, podemos enxergar a cidade como um espaço de interesses ambíguos. De um lado, os objetivos capitalistas que querem e fazem da cidade um produto a ser vendido, e pra isso essa “imagem” da cidade não pode ser destruída pelos diferentes modos de viver, principalmente os modos de viver periféricos, e é por isso que acontece todo o processo de gentrificação. De outro lado, há os interesses da classe trabalhadora, que veem na cidade um espaço de vida, onde se dá o modo de viver das populações.

Portanto, é necessária a resistência e a luta da classe trabalhadora, que de modo organizado deve juntar-se aos movimentos sociais em busca de uma nova cidade, contra-hegemônica. Também se faz necessário o envolvimento de profissionais do mundo acadêmico, cientistas de várias áreas, como antropologia, sociologia, direito, arquitetura, serviço social, em um trabalho interdisciplinar na produção de conhecimento que seja base para um

movimento político que produza políticas que reivindiquem uma cidade democrática, para todos, garantindo assim o direito à cidade.

Analisando que a cidade tem sido produzida de forma padronizada e que esse padrão tem sido uma forma de violência com os trabalhadores e as minorias, pode-se pensar sobre quais modos de viver estão sofrendo essa violência. Desta forma, os ciganos aparecem como mais um dos grupos que ocupam essa cidade e que, muitas vezes, precisam mudar seu modo de viver para conseguir sobreviver.

Assim, como ficam os ciganos nessa história? Se a cidade tem sido padronizada, de que forma os ciganos irão viver sua cultura se a mesma não é hegemônica? Sobre isso, Teixeira explica o que acontece:

Ou seja, trata-se da velha política de 'mantenha-os em movimento': Minas Gerais expulsa seus ciganos para São Paulo, que os expulsa para o Rio de Janeiro, que os expulsa para o Espírito Santo, que os expulsa para a Bahia, de onde são expulsos para Minas Gerais, etc. Ou seja, o melhor lugar para os ciganos sempre é no bairro, no município ou no estado vizinho; ou então no país vizinho ou num país bem distante. (TEIXEIRA, 2008, p.19)

É importante pensar que quando falamos dos modos de vida de uma população, falamos diretamente da vida desta população. Padronizar uma cidade a um modo de vida é matar as populações que possuem uma cultura diferente da hegemônica. Mas como esses ciganos vivem? De que forma podemos saber que eles, de fato, vivem de um modo diferente? É isso que entenderemos no próximo capítulo.

2 QUEM SÃO OS CIGANOS?

Neste capítulo tentaremos explicar de forma simples e nítida quem são os ciganos¹¹ e de que maneira vivem e pensam. Óbvio que não daremos conta de todo assunto, visto que os ciganos são um povo muito heterogêneo, pois pensam de maneira muito diferente uns dos outros, por mais que haja uma base cultural estabelecida.¹² Assim, desde já, sabemos que não temos uma “verdade” sobre este povo, mas entendemos que é importante a informação na luta contra os preconceitos que os ciganos têm sofrido ao longo dos anos. Assim, iremos difundir o que os próprios ciganos pensam sobre si e sobre a cidade e fazer breves reflexões sobre o anticiganismo no capítulo final.

Assim, a partir deste capítulo traremos as falas dos entrevistados sobre o que pensam acerca do que está sendo apresentado neste texto: cidade, ciganos e anticiganismo.

2.1 COMO SE DEU O CONTATO COM OS CIGANOS?

É importante falar como se deu tal pesquisa e dizer que ela foi aprovada pelo comitê de ética (numero do parecer: 50017421.3.0000.5339). Foram entrevistados 8 homens e mulheres (5 homens e 3 mulheres) que fazem parte desta família, dessas 8 pessoas, 7 são consideradas ciganas e 1 não é considerada cigana, visto que uma é namorada de um cigano. Não devemos esquecer de que uma dessas 7 pessoas consideradas ciganas não é cigana de nascença, mas vive há mais de 50 anos na família, desde que se casou com um cigano. Hoje, é considerada cigana, falando romani e vivendo o dia a dia cigano. Aqui, de

¹¹ “Definiremos como ciganos (também identificados por rom, roma, romani), com base em estudos de diversos ciganólogos, todos os romani que, de forma geral, se dividem em três grandes grupos. Primeiro grupo: Rom ou Roma, falam o romani, divididos em vários subgrupos (kalderash, matchuaia, lovara, curara, horahanei etc.) são predominantes nos países balcânicos e no leste europeu, mas a partir do século XIX migraram para outros países da Europa e para as Américas; segundo grupo: Sinti, língua sintó, encontrados na Alemanha, Itália e França, onde também são conhecidos como manouch; e terceiro grupo: Calon ou Kalé, falam caló, são os ciganos ibéricos, vivem em Portugal e na Espanha, mas também foram deportados ou migraram para outros países da Europa e América do Sul a partir do século XVI” (JUNIOR, 2013, pg. 96)

¹² “Ao nos aproximarmos do universo dos ciganos, vale ressaltar que essas características não são uniformes e estanques em todos os grupos de romani do mundo. Cada um possui sua própria identidade. Todavia, em linhas gerais existem aproximações bastante significativas.” (JUNIOR, 2013, pg. 96)

forma óbvia, ela será considerada também como cigana. Quanto a Rafaela, a não cigana, considere importante ela - não cigana - participar da pesquisa, visto que poderia trazer a opinião de pessoas que não são ciganas, mas que estão totalmente envolvidas com a cultura e o modo de viver dos mesmos.

É mister também falar que essa é uma pesquisa qualitativa (ALYRIO, 2009), que se dividiu em duas etapas: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo (DESLANDES, 2002), feita de forma remota e presencial. A pesquisa de campo aconteceu numa comunidade cigana que está localizada no bairro Fragata¹³ da cidade de Pelotas-RS. Essa comunidade foi escolhida tendo em vista a permissão dos mesmos para tal pesquisa, devido ao contato prévio e aproximação histórica.

Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui muita importância aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Neste sentido, esse modo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos que o envolvem. Assim, tentaremos chegar mais profundamente à realidade e potencializar o sujeito político que cada cigano é. O intuito não foi só entrevistá-los, mas continuar convivendo com eles, analisando assim o cotidiano dos mesmos.

Foram entrevistados todos os ciganos da família (exceto as crianças) que vivem há mais de 15 anos no bairro Fragata. São 8 ciganos, contemplando idosos, mulheres, homens e jovens. A pesquisa foi feita através de entrevistas semiestruturadas, acompanhadas de um roteiro de perguntas com questões abertas, que foram realizadas no segundo semestre de 2021 e no primeiro semestre de 2022. Para não usarmos os nomes reais de cada participante e assim prezar pela imagem de cada um, usaremos nomes fictícios e identificaremos os participantes como: cigano¹⁴ João, cigana Maria, cigano Marcos, cigana Marjorie, brasileira¹⁵¹⁶ Rafaela, cigano John, cigano Alexandre, cigano Obina.

¹³ Pode ser que o leitor se pergunte: “Por que essa comunidade em específico”? Os ciganos, de forma geral, são um povo difícil de contatar para esse tipo de pesquisa, devido aos traumas e preconceitos sofridos, não confiam nos brasileiros de forma geral. Assim, o contato que tenho com eles há alguns anos “abriu essa porta” para que a pesquisa acontecesse. É importante também dizer que foi esse contato que despertou o desejo de pesquisar as relações entre ciganos e cidade.

¹⁴ Decidi por “cigano” antes do nome para ficar mais fácil para o leitor entender se quem está falando é cigano ou não, visto que entre os entrevistados há ciganos e “brasileiro”, visto que se

A partir deste momento do texto, incluirei as falas dos mesmos para entendermos como se encaixa o que eles pensam e vivem no que estamos discutindo aqui.

2.2 QUEM SÃO E COMO VIVEM OS CIGANOS?

Nesse tempo todo convivendo com os ciganos pude ver como a vida cigana é diferente da vida “brasileira”, é assim que eles se referem à vida dos não-ciganos. Os ciganos falam o português fluentemente, mas há um grande sotaque que faz com que eles pareçam ser de outro estado. A língua principal deles é o romani (Moonen, 2012), chamado por eles de romanês. E não só a língua é diferente, mas os modos de vida, a cultura, a moral e as maneiras de se relacionarem com a cidade.

Os próprios ciganos gostam e fazem questão de destacar essa diferença quando chamam os que não são ciganos de “brasileiros” (JÚNIOR, 2013). Eles não se consideram brasileiros, mas ciganos. Os brasileiros também são chamados de gajô (homem não-cigano) e oraclorrô (guri não-cigano) - não sabemos se é assim que escreve, visto que eles também desconhecem uma escrita da língua - na língua romani.

Mas para entendermos melhor a maneira como eles vivem e se relacionam com a cidade, precisamos ir para a história e ver de onde vieram, como apareceram na Europa e chegaram ao Brasil.

2.2.1. Os Ciganos Ao Longo Da História: Do Mundo Ao Fragata

colocasse só o nome fictício daria um trabalho a mais para o leitor ir ver a cada vez que o nome aparecesse.

¹⁵ Ao se dirigirem aos não ciganos em nosso país, utilizam o termo ‘brasileiros’, como se eles não o fossem. (JÚNIOR, 2013, pg. 97)

¹⁶ Decidi por “brasileiro” antes do nome fictício pelos mesmos motivos de por “cigano” antes do nome. Escolhi a palavra “brasileiro” porque é assim que os ciganos referem-se aos não-ciganos.

Antes de mais nada, é importante elucidar alguns pontos sobre a família que participou da pesquisa, para, após isso, trazer mais da história cigana no mundo e no Brasil. A família, de modo geral, está vivendo há mais de 15 anos no bairro Fragata, localizado na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. O ponto de encontro é esta casa no Fragata. Nessa casa moram 4 idosos, dos quais duas são mulheres e dois são homens, João, Maria, Marcos e Marjorie. Marjorie é mãe de John. João e Maria são avós de Alexandre e Obina. João é irmão de Marcos. E John namora uma brasileira chamada Rafaela. Esses foram os entrevistados.

O interessante disso é que poderemos ver o ponto de vista de não ciganos que estão diretamente ligados à cultura cigana; se ela percebe ou não os estigmas e preconceitos que serão debatidos no texto. Essa família é bem heterogênea, no que diz respeito à idade, à cultura, às ideias, ao pensamento e ao modo de viver. Veremos isso nas respostas das entrevistas. É uma família de ciganos que trabalham de forma bem distinta uns dos outros, mas de forma bem comum no que diz respeito à cultura cigana. Vendem carros, panelas, lençóis, roupa de cama, travesseiros, ou seja, vivem como vendedores. Não são pobres, não passam por necessidades materiais e querem manter firme a cultura cigana em um tempo tão difícil para isso. Agora que o leitor já consegue trazer a imagem da família à mente, precisamos ir para a história cigana no mundo para entendermos ainda melhor a situação dos mesmos.

Antes de começarmos a tentar fazer uma busca e reflexão sobre a história cigana, precisamos deixar enfatizada a dificuldade de fazer isso. A bibliografia dos ciganos no Brasil é muito reduzida quando comparada a outros temas, existem poucos antropólogos e outros pesquisadores que deem ênfase a essa temática. Por isso, trabalhamos muito a obra do autor Franz Moonen, falecido em 2014 e que deixou um legado gigantesco.

Sobre a sua origem (dos ciganos) não há nenhuma nitidez. Sabemos que hoje os ciganos são uma grande mistura de povos, tendo em vista a quantidade de países pelos quais passaram. A possibilidade mais forte é que eles seriam de origem indiana, tendo em visto a proximidade linguística, como fala Moonen (2012).

Conforme se vê, a origem dos ciganos sempre foi um verdadeiro mistério, e por isso existem, ainda hoje, as mais diversas lendas e fantasias. Somente no Século XVIII o assunto começou a ser discutido com mais seriedade, quando os linguistas concluíram que os ciganos deveriam ser originários da Índia. As provas linguísticas surgiram por acaso em 1753 quando, numa universidade holandesa, um estudante húngaro descobriu semelhanças entre a língua cigana do seu país e a língua falada por colegas indianos. Constatou-se assim um evidente parentesco entre as línguas ciganas e o sânscrito. A teoria da origem indiana das línguas ciganas seria divulgada somente anos depois na Alemanha, por Christian Büttner em 1771, por Johann Rüdiger em 1782, e por Heinrich Grellmann em 1783, este o mais conhecido dos três. (MOONEN, 2012, pág. 7 e 8)

E aqui começa a primeira questão. Nem os ciganos próprios aqui de Pelotas sabem a sua real origem, sobre isso Obina diz:

Outro “bagulho” que seria legal tu botar. Cada cigano tem um pensamento diferente. Um tem um pensamento que os ciganos vieram da Iugoslávia. Meu pensamento é contrário, não acho isso. Meu avô me ensinou uma coisa, o avô de outro ensina outro. Cada um acredita em uma coisa e nenhum dos dois sabe o que é certo. Isso que é ruim, não tem algo que é certo, que tu saiba de onde tu vem. A gente sabe que os ciganos vieram do deserto, mas ninguém sabe de onde eles partiram certo, uns falam da Índia, outros da Pérsia, da Iugoslávia, Romênia e etc.

Isso acontece tendo em vista que a tradição dos mesmos sempre foi passada através da oralidade, devido a muitos não saberem ler ou escrever. Quanto à oralidade e ao desapego à história total dos ciganos, Fonseca diz:

Os ciganos não têm mitos sobre a criação do mundo, nem sobre suas próprias origens; não têm grande sentido de passado histórico. Com muita frequência suas memórias não abrangem mais do que três ou quatro gerações – isto é, as experiências de ancestrais que a pessoa mais velha do grupo é capaz de lembrar. O resto, por assim dizer, não é história. Essa sensação é, talvez, um legado dos dias nômades, quando os mortos eram literalmente deixados para trás. (Fonseca, 1996, p.272)

Com isso, muito se perdeu na oralidade, e hoje há muitas dúvidas. Não existe consenso, alguns pensam que de fato vieram da Índia, outros pensam que vieram da Romênia (aqui provavelmente seja uma confusão com o dialeto que se chama Romani, e porque viveram alguns anos na atual Romênia).

[...] a cultura dos ciganos Rom que durante séculos viveram nos Bálcãs - na atual Romênia na qualidade de escravos, libertos somente em meados do Século XIX - onde desenvolveram uma

cultura fortemente influenciada pelas diversas culturas nacionais, em especial a romena. (MOONEN, 2012, pag. 10)

Outros acreditam ser marroquinos, mas, enfim, não há consenso sobre sua origem. Entretanto, devido aos poucos pesquisadores reforçarem a ideia de que os mesmos vieram da Índia pela aproximação linguística, tal foto tornou-se bem aceito, sendo que hoje os pesquisadores só não sabem de que lugar da Índia.

Desde então, a origem indiana nunca mais foi colocada em dúvida e linguistas posteriores apenas têm acrescentado mais dados comprobatórios, restando hoje apenas dúvidas sobre em que época ou épocas, e em que parte ou partes da Índia estas línguas eram faladas, admitindo-se em geral que tenha sido a região noroeste da então Índia (atual Paquistão), por volta do ano 1000 da era cristã. (MOONEN, 2012, pg. 8)

Fraser (1992) fala de maneira correta que só a questão linguística – aproximação – não pode ser usada para definir exatamente de onde um povo vem, sendo que há outras possibilidades. Pode ser que o povo cigano tenha vivido muitos anos com algum povo indiano em outro lugar do mundo, ou podem ter vivido longos anos na própria Índia, o que faria também com que tivessem traços da língua, mas a origem do povo, ainda assim, não se saberia. Na opinião do mesmo autor (FRASER, 1992), o que acontece é uma “indianização” do povo cigano.

Mas algo que não é incerto é a diversidade e heterogeneidade deste povo. É errado quando pomos todos os ciganos no mesmo nicho, do mesmo jeito que fazem com os índios. Como os indígenas são diversos, os ciganos também são. Os ciganos e ciganólogos não-ciganos distinguem ao menos três grandes grupos:

Definiremos como ciganos (também identificados por rom, roma, romani), com base em estudos de diversos ciganólogos, todos os romani que, de forma geral, se dividem em três grandes grupos. Primeiro grupo: Rom ou Roma, falam o romani, divididos em vários subgrupos (kalderash, matchuaia, lovara, curara, horahanei etc.) são predominantes nos países balcânicos e no leste europeu, mas a partir do século XIX migraram para outros países da Europa e para as Américas; segundo grupo: Sinti, língua sintó, encontrados na Alemanha, Itália e França, onde também são conhecidos como manouch; e terceiro grupo: Calon ou Kalé, falam caló, são os ciganos ibéricos, vivem em Portugal e na Espanha, mas também foram deportados ou migraram para outros países da Europa e América do Sul a partir do século XVI (JÚNIOR, 2013, pg. 96)

Nesta mesma ideia, Moonen (2012) afirma:

1. Os Rom, ou Roma, que falam a língua romani; são divididos em vários sub-grupos, com denominações próprias, como os Kalderash, Matchuaia, Lovara, Curara e.o.; são predominantes nos países balcânicos, mas a partir do Século XIX migraram também para outros países europeus e para as Américas.
2. Os Sinti, que falam a língua sintó, são mais encontrados na Alemanha, Itália e França, onde também são chamados Manouch.
3. Os Calon ou Kalé, que falam a língua caló, os “ciganos ibéricos”, que vivem principalmente em Portugal e na Espanha, onde são mais conhecidos como Gitanos, mas que no decorrer dos tempos se espalharam também por outros países da Europa e foram deportados ou migraram inclusive para a América do Sul. Estes grupos e dezenas de sub-grupos, cujos nomes muitas vezes derivam de antigas profissões (Kalderash = caldeireiros; Ursari = domadores de ursos) (MOONEN, 2012, pg.9)

Como já dissemos, ninguém sabe com certeza - nem os próprios ciganos - de onde os ciganos são originários, nem em quais países começaram sua história. Mas se tem registrado o “caminhar” dos ciganos pelo menos desde o século XV, quando Moonen afirma ser sua primeira migração na Europa, onde já aparentam ser estigmatizados.

No início do Século XV aparecem na Europa Ocidental as primeiras notícias sobre viajantes exóticos, indivíduos com uma pele escura ou ‘preta’ e, segundo muitos cronistas, com uma “aparência horrível” e com alguns hábitos nada agradáveis. (MOONEN, 2012, pg. 17)

O que é interessante nesta fala de Moonen, é que o modo de viver já parecera chocar os habitantes da Europa logo na sua primeira migração. Nesta época os ciganos já estavam em quase toda Europa, em países como Holanda, Bélgica e França, Moonen diz que:

Na mesma época, a presença de ciganos é registrada também na Holanda, na Bélgica e na França, onde já são notícia pelo menos desde 1418, quando aparecem em Colmar trinta “pagãos” com mulheres e crianças. Três dias após este pequeno grupo ter saído, chegou um grupo maior de cerca de cem “pagãos”, que se diziam oriundos do Egito: eram pretos e as mulheres, vestindo uma espécie de cobertor, previam o futuro lendo a mão, mas ao mesmo tempo furtavam o dinheiro dos bolsos dos clientes. (MOONEN, 2012, pg. 18)

Só a forma dos europeus verem os ciganos já mostra que algo ruim estava prestes a acontecer, e foi isso que aconteceu, uma perseguição aflorou-se contra os ciganos. Moonen diz que na Dinamarca, a partir de 1554, era

proibido hospedar ciganos, e quem os matasse poderia ficar com suas propriedades.¹⁷

E de que forma os ciganos eram perseguidos? Com muitas penas! Sobre a Holanda, Moonen (2012) diz:

Em outras cidades da Holanda aconteceram fatos semelhantes. Nijmegen hospedou bem os ciganos pela primeira vez em 1429, mas em 1536 e 1543, foram sumariamente expulsos da cidade. Em Zutphen, os ciganos foram bem recebidos em 1430, 1445, 1459 e três anos seguidos na década de 90, mas em 1538 e 1542 foram expulsos. O primeiro edital anticigano foi publicado em 1544 pela província de Gelderland. Neste edital consta que perambulava um “grande número” de ciganos pela região e que estes incomodavam a população, pelo que todos deviam deixar a região dentro de dois dias, sob pena de punição física e confisco de bens. [...] As penas de morte ainda são raras nesta época, mas acontecem. Numa pequena cidade da província de Overijssel, em 1577, foram enforcados quatro ciganos pelos crimes de terem assaltado muitas casas e, principalmente, de terem falsificado moedas, coisa simples que, conforme confessaram, qualquer cigano sabia fazer. Suas mulheres e crianças foram banidas. As punições, no entanto, são pesadas: açoites em praça pública (quase sempre “até sangrar”), marcação com ferro quente (geralmente nas costas), corte de partes do nariz ou das orelhas, para facilmente serem reconhecidos, tudo isto sempre seguido pelo banimento perpétuo da cidade ou província. Em casos de reincidência, a pena de morte, principalmente para os homens, através de enforcamento ou decapitação. As mulheres em geral escapam da pena capital e são apenas banidas, junto com os seus filhos, para evitar que as autoridades tivessem que sustentar depois a quase sempre numerosa prole cigana. (MOONEN, 2012, pg. 27 e 28)

Como falamos no primeiro capítulo, desde o século XV os ciganos já não possuem o direito à cidade, porque são vistos como forasteiros, como não-humanos. Já em 1560, na Espanha (MOONEN, 2012), os ciganos são proibidos de deslocamentos de mais de duas pessoas, ou seja, os ciganos não poderiam andar de casal e seus filhos na rua.

Uma segunda grande migração na Europa vai acontecer já nos séculos XIX e XX, muito influenciada pelas guerras que aconteciam no mundo. Sobre essa grande migração, Moonen (2012) afirma:

Outros fatores que certamente também influenciaram, foram a miséria em que viviam enormes parcelas da população rural e urbana europeia no final do Século XIX e início do Século XX, além das duas Guerras Mundiais que provocaram enormes migrações internas e

¹⁷ Na Dinamarca, a perseguição aos ciganos inicia a partir de 1554: é proibido hospedar ciganos e quem matá-los pode ficar com suas propriedades; as autoridades locais que permitirem a presença de ciganos tornam-se responsáveis pelos danos por eles causados (MOONEN, 2012, pg. 18)

externas, e que fizeram com que milhões de europeus procurassem melhores condições de vida em outros países, ou até em outros continentes. Entre estes migrantes com certeza encontravam-se também ciganos Rom. [...] Na Europa Ocidental, a chegada destes milhares de novos migrantes ciganos oriundos do Leste fez com que alguns países criassem ou repensassem suas políticas ciganas. De um modo geral, estas políticas seriam anticiganas, culminando na Alemanha nazista com o holocausto cigano. (MOONEN, 2012, pg. 39)

Pouco é falado sobre o holocausto cigano. Muito se fala na quantidade de judeus que morreram, na quantidade de europeus que morreram, mas quase nada sobre a quantidade de ciganos que sofreram nas mãos de Hitler. Mas a pergunta que fica é: “Como os ciganos chegaram ao Brasil? Foi também por violência?”

O que se sabe é que eles vieram de Portugal, contra sua vontade - como aconteceu em quase toda migração dos ciganos ao longo da história.

Não há dúvida alguma que os primeiros ciganos que desembarcaram no Brasil foram oriundos de Portugal. Não vieram voluntariamente, mas deportados daquele país. Foi o que aconteceu, por exemplo, em 1574 com um certo João de Torres e sua mulher Angelina que foram presos apenas pelo fato de serem ciganos. Inicialmente João foi condenado às galés e Angelina deveria deixar o país dentro de dez dias. Alegando, no entanto, que “era fraco e quebrado, e não era para servir em coisa de mar e muito pobre, que não tinha nada de seu”, João pediu para poder sair do Reino, ou então que pudesse ir para o Brasil para sempre. O pedido logo foi deferido e a pena foi mudada para “cinco anos para o Brasil, onde levará sua mulher e filhos” (MOONEN, 2012, pg. 79)

Esses ciganos acabaram vivendo aqui no Brasil de várias formas, mas geralmente com trabalhos artísticos, o que acaba influenciando um pouco o estereótipo que se tem de ciganos nos dias de hoje

Não há dúvida alguma sobre os dotes artísticos dos ciganos, principalmente as suas habilidades como músicos e dançarinos. Não sabemos se os ciganos acima citados foram artistas profissionais, ou artistas ocasionais, para alegrarem aniversários, casamentos e outras festas da elite brasileira daqueles tempos. A atividade econômica principal dos ciganos parece mesmo ter sido o comércio ambulante, de animais ou objetos, viajando pelos sertões do Brasil. Para a região Nordeste temos informações, embora de segunda mão, através do inglês (mas nascido em Portugal) Henry Koster, que viveu em Pernambuco de 1809 a 1815 (MOONEN, 2012, pg. 85)

Assim, não se sabe bem como os ciganos, sejam Rom, Sinti e Calon, acabaram ocupando cada estado do país, mas provavelmente tenha sido pela itinerância, muitas vezes necessária, seja pelo trabalho artístico ou de venda,

pois se faz necessário sair de um lugar ao outro para ganhar mais lucro; ou por uma itinerância forçada, que acontecia devido ao anticiganismo.

O que se sabe é que Rom, Sinti e Calon acabam vivendo de uma maneira diferente e tendo uma cultura diversificada, porque respondem, também de forma diferente, às questões sociais relacionadas aos ciganos, anticiganismo, sedentarismo, itinerância, trabalho e etc.

A comunidade em que estamos fazendo a pesquisa é dos rom. Moonen (2012) ainda diz que os rom geralmente enxergam os outros como ciganos não-autênticos, porque não seguem tanto a cultura e, em muitos casos, perderam até a língua. Sobre essa mudança Obina também diz:

Eu acho o certo, hoje, é cigano casar com cigano, e cigana casar com cigano até pra mandar a tradição. Tem muita família cigana perdendo totalmente a cultura, a essência, tem ciganos que nem falam mais romanês, é um bagulho que me deixa espantado, espantado e triste. Tem uns grupos ciganos no whatsapp né cara? E eu fiz umas amizades com uns pessoal lá de cima, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Goiás, e tem muita gente lá que quando a gente falava romanês não entendia, porque uns fizeram faculdade, uns viveram muito afastados dos outros ciganos e acabaram se isolando naquele mundo, tá ligado?

Por serem mais conservadores de seu estilo de vida milenar (os rom), são os mais estudados pelos pesquisadores, já sobre os sinti e os calon quase não há pesquisa no Brasil. Quando li isso nos textos de Moonen, perguntei para Obina se ele conhecia algum calon ou sinti e a resposta foi: “Eles não são bem ciganos”. Não quero de maneira alguma dizer se isso está certo ou não, mas é interessante pensar na complexidade que resulta apenas dessa resposta.

Assim, cria-se uma hierarquização dos ciganos, uma forma de “ser cigano”, em que os rom são os “ciganos autênticos”.

Ou seja: a cultura rom passa a ser considerada a ‘autêntica’ cultura cigana, a cultura ‘modelo’. E quem não falar a língua como eles, quem não tiver os mesmos costumes e valores... Bem, estes só podem ser ciganos de segunda ou terceira categoria, ciganos espúrios, inautênticos, quando não falsos ciganos. (MOONEN, 2012, pg. 10)

Moonen ainda diz que considera cigano cada indivíduo que se identifica com algum dos grupos rom, calon e sinti e que também é reconhecido pelo seu

grupo. Assim, para o autor não há uma hierarquização, mas que todos são ciganos e que todos devem ser respeitados assim como tais. Por mais que as diferenças sejam grandes, as sua história é parecida no que diz respeito ao anticiganismo¹⁸, ao ódio e à perseguição.

Ou seja: não existem ciganos autênticos e ciganos espúrios: os Rom, Sinti e Calon possuem inúmeras autodenominações, falam centenas de línguas ou dialetos, têm os mais variados costumes e valores culturais, são diferentes uns dos outros, mas nem por isso são superiores ou inferiores uns aos outros. Em comum todos eles têm apenas uma coisa: uma longa História de ódio, de perseguição, de discriminação pelos não-ciganos, em todos os países por onde passaram, desde o seu aparecimento na Europa Ocidental, no início do Século XV (MOONEN, 2012, pg. 15)

Outra questão que precisamos debater é a imagem folclorizada que os ciganos possuem na sociedade. Quando perguntamos a uma pessoa qualquer sobre o que ela pensa sobre ciganos, logo vem a sua cabeça todo estereótipo: mulher é aquela idosa que lê as mãos, quase uma maga que pode ver o futuro, já as mulheres mais novas são sensualizadas. O homem, por sua vez, é visto como aquele de mal caráter que usa qualquer forma de negócio para seu sustento. Como diz Junior:

Percebemos que a visão sobre o cigano ainda não mudou. A imagem cigana, quando apresentada em programas de televisão, minisséries e documentários disponibilizados em nossas redes midiáticas, colocam o cigano sempre numa postura folclorizada, com roupas coloridas, homens com panos da cabeça e mulheres sensualizadas. Esses estereótipos são aceitos pelo grande público, mas o cigano que vive nas periferias, em barracas rotas, e que se utiliza de suas artimanhas como comerciante é completamente rejeitado. O cigano real torna-se perigoso e fere a boa conduta da civilização (JÚNIOR, 2013, pg. 103)

Sobre esses estereótipos ainda se diz:

As crenças coletivas ou estereótipos sobre os ciganos são também abertamente negativos. A imagem de que eles estão ligados ao roubo é a mais frequente, seguida da visão de que “levam uma vida fácil”, são “enganadores, trapaceiros”. O estereótipo do cigano como violento também é marcante, totalizando 14,1% das respostas (“briguentos”, “violentos”, “matam”). Enfim, mais de 58,0% das respostas referem estereótipos negativos dos ciganos, isso considerando apenas as respostas com frequência não inferior a dez. (LIMA; FARO; SANTOS, 2016, pg. 224)

¹⁸ Moonen (2012) entende anticiganismo como a hostilidade, preconceito, discriminação ou racismo direcionado especificamente ao povo cigano.

Obina conta que conheceu uma menina de Minas Gerais em um aplicativo de relacionamento, disse que a mesma tinha uma opinião totalmente diferente sobre ciganos:

Teve uma guria que eu conheci lá de Minas. A gente saiu. Aí ela disse: “teu olhar é bem diferente, tua pele, dá pra ver que tu não é daqui”. Joguei limpo com ela e falei: “Sou cigano”. Ela ficou sem entender, ficou apavorada. Lá para Minas tem muito os Calon. Ela disse assim: “como assim cigano? Tu não te veste igual cigano”. Ai eu contei para ela o que é cigano, tivemos um assunto tri massa, ficamos horas conversando. Aí ela disse: “totalmente diferente. Pra gente ser cigano é quem usa dente de ouro, quem usa roupa colorida, os ciganos que usam trança, cabelo grande com trança, mora em barraca”. Beduíno lá em Minas Gerais, eles chamam os moradores de rua, os papeleiros. Eu fiquei apavorado, lá pra cima eles têm um conceito muito diferente do que é cigano do Rio Grande do Sul, entendeu? Foi um assunto legal de conversar, ela tinha uma ideia muito diferente do que é ser cigano.

Estes estereótipos ajudam no anticiganismo porque reduzem a cultura a nada, quando esse “nada” torna-se algo, é um algo ruim, que leva perigo à sociedade. Para analisar melhor esse anticiganismo, precisamos ir para a história e entender como se deram as ondas migratórias na Europa, como chegam até o continente europeu, como sobrevivem lá, de que forma são tratados até chegar às américas. E é o que faremos ao longo da pesquisa, buscaremos toda história do anticiganismo, como se deu na Europa, como se dá no Brasil e, após, faremos relações com o tema cidade, tentando compreender e chegar à realidade do que acontece com a comunidade cigana na cidade de Pelotas.

Faremos isso no terceiro capítulo, quando estabeleceremos uma relação deste “ser cigano” com o anticiganismo ao longo dos séculos no mundo. Mas antes precisamos entender melhor a cultura e esse “ser cigano”.

2.3 ALGUMAS ANÁLISES SOBRE OS CIGANOS

Podemos relacionar com alguns conceitos de Bourdieu para entender melhor algumas questões vistas, como: capital econômico; capital cultural; espaço; campo; habitus e etc. E será a partir desses conceitos que farei minha reflexão. Foram esses conceitos que me ajudaram consideravelmente na

reflexão sobre a cidade e a comunidade cigana. A ideia de capital seriam os recursos que os agentes sociais podem obter em diferentes níveis de quantidade e qualidade. É através desses capitais que os agentes farão parte da dinâmica social.

Quanto maior e melhor o capital, mais oportunidades, espaços e possibilidades esse agente¹⁹ vai ter, quanto menor e pior esse capital, mais dificuldades e restrições esse agente terá. Exemplo dessa ideia seria quanto mais riqueza tiveres, mais poderás chegar a casas, carros e a bens móveis maiores e melhores. Já, quem vive na extrema pobreza, que não possui o capital econômico, não poderá adquirir esses bens, e os bens a que tiver acesso serão precários. Mas o que são esses capitais? Só Dinheiro? Não! Para Bourdieu, não é só o econômico que opera na nossa sociedade como capital, assim existem outros capitais. São eles: capital econômico; capital cultural, que é subdividido em três dimensões - estado objetivado, estado incorporado e o estado institucionalizado; capital social e, por último, mas não menos importante, o capital simbólico. Explicando, Bonnewitz (2003) diz:

– O capital econômico, que é constituído pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelo conjunto dos bens econômicos: renda, patrimônio, bens materiais. – O capital cultural, que corresponde ao conjunto das qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família. Este capital pode existir sob três formas: em estado incorporado, como disposição duradoura do corpo (por exemplo, a facilidade de expressão em público); em estado objetivo, como bem cultural (a posse de quadro, de obras); em estado institucionalizado, isto é, socialmente sancionado por instituições (como os títulos acadêmicos). – O capital social, que se define essencialmente como o conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo. A detenção desse capital implica um trabalho de instauração e manutenção das relações, isto é, um trabalho de sociabilidade: convites recíprocos, lazer em comum, etc. – O capital simbólico, que corresponde ao conjunto dos rituais (como as boas maneiras ou o protocolo) ligados à honra e ao reconhecimento. Afinal, apenas o crédito e a autoridade conferem a um agente o reconhecimento e a posse das três outras formas de capital. Ele permite compreender que as múltiplas manifestações do código de honra e das regras de boa conduta não são apenas exigências do controle social, mas são constitutivas de vantagens sociais com conseqüências efetivas. (Bonnewitz, 2003, p.53-54)

¹⁹ “Todo agente, indivíduo ou grupo, para subsistir socialmente, deve participar de um jogo que lhe impõe sacrifícios. Neste jogo, alguns de nós nos cremos livres, outros determinados. Mas, para Bourdieu, não somos nem uma coisa nem outra. Somos o produto de estruturas profundas. Temos, inscritos em nós, os princípios geradores e organizadores das nossas práticas e representações, das nossas ações e pensamentos. Por este motivo Bourdieu não trabalha com o conceito de sujeito. Prefere o de agente.” (THIRY-CHERQUES, 2006, pg. 34)

Decidimos usar para esta reflexão apenas o capital econômico e o capital cultural, visto que foram os que trouxeram mais reflexões no debate do tema, e também porque são os mais eficientes capitais nas sociedades desenvolvidas (Bourdieu, 2001, p. 19). Então, existe o capital econômico, que é representado pelo patrimônio que o agente possui, ou seja, casas, carros, fazendas, conta bancária, herança, bens móveis, empresas e etc (Bonnewitz, 2003). Com esse capital, o agente pode adquirir prestígio, segurança, lazer, poder político e até mesmo outros capitais, como o capital cultural.

E o que é capital cultural? Capital cultural é dividido em outras três dimensões já citadas: estado incorporado, estado objetivado e estado institucional (BONNEWITZ, 2003). Capital cultural no estado incorporado é aquele capital que é inerente ao agente, que não é palpável como a riqueza. O econômico seria a forma de falar, a etiqueta, o sobrenome (família), e num país tão racista como o Brasil, a cor branca também é um capital cultural no estado incorporado, visto que ser branco já é um “poder”.

Há também o capital cultural no estado institucionalizado, que são os títulos conferidos por instituições educacionais, religiosas, políticas e etc. Graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado são exemplos de capital cultural no estado institucionalizado, e é esse capital que dá acesso a profissões, a espaços reservados para profissionais, a eventos acadêmicos, palestras, poder de fala e etc.

Por último, há o capital cultural no estado objetivado, que são os objetos corporificados adquiridos, como livrarias, livros raros ou não, peças de obra de arte, quadros, antiguidades e outros. Esse capital passa a ideia de inteligência para aquele que o possui e dá acesso a espaços em que aqueles que não o possuem não podem estar. Essa relação de ter ou não ter os capitais é o que reproduz a violência simbólica, que é causada naqueles que não possuem os capitais. Eles acabam por não compreender e não ter as ferramentas da dinâmica do campo em que esses capitais operam, por isso são excluídos do mesmo.

A ideia de meritocracia encaixa-se bem aqui. Aqueles que acreditam em meritocracia dizem que quem não chegou onde queria chegar, seja esse

objetivo econômico, cultural, educacional ou o que for, não chegou porque não mereceu chegar, e se não mereceu, não deve estar lá. Entender os conceitos de capital econômico e capital cultural ajuda a compreender a relação da comunidade cigana com a cidade. Os ciganos têm uma maneira diferente de viver, que é diferente do padrão da cidade e da sociedade. Igual ao padrão de sociedade que temos, há o interesse dos ciganos pelo capital econômico que é produzido pela própria cultura.

A maioria dos ciganos não sofre com a extrema pobreza, o trabalho é peça chave na cultura cigana, mas se engana aqueles que acreditam que todos são ricos. Há, entre eles, pobres. Obina diz conhecer alguns ciganos pobres:

Aqui em Pelotas não tem (ciganos pobres), mas em Porto Alegre tem, eu conheço alguns. Aqui no Brasil tem poucos, mas tem. Eu vi uns vídeos no Facebook de uns pastores aqui do Brasil, que foram para Romênia, lugares assim, dos ciganos que passam fome, que moram em favelas, em barraquinhos, e eles levando, falando sobre Deus, levando cestas básicas, levando roupa de frio porque lá faz frio, levando calçados, coisas assim. Mas aqui no Brasil é difícil, mas em Porto Alegre tem alguns, mas são os que caíram pro vício, tá ligado? Tinham dinheiro mas caíram pro vício da bebida, das drogas.

Já John diz nunca ter visto. Mas ainda questiona o que é ser pobre:

Eu não nunca vi cigano pobre. Cigano pobre, que a gente pode dizer, é cigano que trabalha na rua e tem um UNO novo, sei lá, pra mim isso não é pobre, é uma pessoa trabalhadora que passa dificuldade, mas que não tem falta. A questão dos caras serem pobres é questão psicológica, entende? Porque cigano é aquilo, ele sabe vender super bem, isso é cultural, desde criança tu vai aprendendo.

Das dimensões do capital cultural, o estado institucionalizado e o estado objetivado não são valorizados na cultura deles. A maioria pensa ser perda de tempo estudar; completar o ensino fundamental, médio e superior não é visto com bons olhos em uma cultura em que se trabalha desde muito cedo. Mas sobre isso, John reflete, dizendo que trabalhar na rua é muito difícil e não traz estabilidade:

Tem muito cigano que estuda e vê de uma forma diferente. Eu acho, igual estávamos conversando aquela vez a respeito de fazer concurso, se parar pra pensar tu não tem segurança nenhuma trabalhando na rua. Se tu focar ali (nas vendas), “dale firme” tu pode ganhar muito dinheiro, mas se tu adoecer tu não tem segurança, não tem segurança nenhuma entendeu? Enquanto tu tiver bem tu vai conseguir trabalhar, então é uma questão de pensamento, de futuro.

Não é mais comum crianças trabalharem, como já foi, mas é comum crianças de dez anos aprenderem a dirigir e a trabalhar nessa cultura. John diz que seu pai trabalhou desde cedo, devido às dificuldades e à cultura.

Antigamente as crianças trabalhavam, meu pai com 8, 9 anos, meus tios colocavam ele descalço com um balde cheio de coisa a vender na rua, hoje não é preciso, mas desde pequeno é ensinado, eles vão te dando o caminho para quando tu for maior, tu saber.

O analfabetismo é grande entre os idosos. Nessa comunidade não há um formado no ensino superior. Das pessoas ciganas que eu conheço há um homem só cursando o ensino superior, no curso de direito, mas não vive nessa casa, porém mora no bairro Fragata também. Isso é interessante, porque na opinião deles a faculdade pode ser um inimigo da cultura, fazer faculdade é se distanciar das tradições, como diz Obina:

Não não, o que eu penso, de repente ele (Alexandre) pense parecido comigo também. Uma: os ciganos têm medo que a cultura do brasileiro entre no meio dos ciganos, principalmente das filhas, então eles não deixam estudar muito, só aprender a ler, e os guris trabalham desde cedo, então eles já montam já a cabeça que eles nasceram pra vender entendeu? Nenhum cigano cresce pensando: "Vou estudar para virar um médico". Poucos, de 100, 1. O medo que as filhas tenham relacionamento com brasileiros é o maior temor deles. Eles têm muito medo disso aí. Tem medo que os filhos não vão puxar... os ciganos têm muita a questão de respeito, de nome. Pro meu pai, pro meu vô, se eu não seguir os "bagulhos" ciganos é uma vergonha gigantesca para eles, é bem extremo. Se eu fosse um magrão que fizesse faculdade e tudo mais, sem dúvida o cara deixa de lado a cultura, entendeu?

E ainda continua:

Essa guria que o Alexandre falou, ela gosta de ser cigana. Ela gosta de ser cigana só que no momento que ela entrar na faculdade, ela já vai ser vista como brasileira, entendeu? Ela vai agir como brasileira, ela não vai agir mais como cigana. Ela não vai usar saia, ela vai usar calça. Se ela ouve falar algum bagulho, tipo os ciganos conversando, ela já vai achar estranho porque ela só fala com pessoas mais educadas, ela já vai ver os ciganos falando errado.

Logo, para eles não há o reconhecimento de instituições, pois esse capital institucional não vale muito na sua cultura.

O estado objetivado também não é valorizado, mas sim o capital cultural no estado corporificado. Para os ciganos é de suma importância o "ser" cigano,

a forma de se vestir, o sotaque na fala, a forma de se portar, a opinião ética e moral é um capital poderoso no meio da comunidade. Nesse “ser” cigano há toda uma história, uma ancestralidade, um modo de vida que é subjetivo, mas está incutido em todos que fazem parte da comunidade. “Ser” cigano e a porta de acesso ao “mundo” cigano, às festas, aos casamentos e ao dia a dia. Mas cabe ressaltar que este capital corporificado que eles possuem é diferente do capital corporificado que a cidade de Pelotas e o bairro Fragata possuem. São modos distintos de operacionalização, e provavelmente seja esse um dos motivos dos preconceitos que eles sofrem, ou seja, as violências simbólicas.

Para entendermos isso tudo é importante ter a ideia de outros conceitos de Bourdieu (2003), que são os conceitos de espaço, campo e habitus. Para Bourdieu (2003), o espaço social como um campo de lutas por manter ou mudar sua posição seria esse cosmos no qual existem os microcosmos sociais que ele chama de campo. Para ele, é necessário analisar o espaço social para entender as relações e as transações do mesmo. É necessário compreender o espaço e suas dinâmicas. E para entender o espaço teria que compreender os agentes. Cada agente teria sua posição demarcada neste espaço e essa posição seria definida pelo volume e qualidade do capital que se tem.

Aqui, a ideia de Bourdieu (2003) dialoga com outros autores, como Raquel Rolnik (1995), sobre o tema da cidade, que foi muito debatido no primeiro capítulo deste texto. Como Raquel Rolnik (1995) diz, a cidade é dividida em classes. Há espaços de ricos e há espaços dos pobres, da classe trabalhadora. Essa cidade, que demonstra a segregação espacial criticada por autores como Rolnik (1995), Bouldous (2015), Lefebvre (2001) e outros, pode ser entendida com os conceitos de capitais, espaço e campo de Bourdieu.

É como se a cidade fosse um quebra-cabeça, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais [...]. É a este movimento de separação de classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos da cidade chamam de segregação espacial. (Rolnik, 1995, pg. 40)

Toda essa lógica é legitimada por uma definição de mundo social conforme os interesses de alguns poucos que reproduzem essas posições sociais.

As diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo da tomada de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. (Bourdieu, 2003, p. 11).

O campo tem uma dinâmica e uma operação que só é compreensível aos agentes daquele campo. Exemplo disso é o campo jurídico, em que há uma forma de falar e de escrever que são característicos daquele campo e são estranhos a outros campos. O modo de falar, de vestir, de escrever de um advogado que pertence ao campo jurídico é diferente do modo de falar, vestir e escrever de um padre, que é do campo religioso. Se mudassem os agentes de campo, um com o outro, provavelmente não saberiam operacionalizar no campo do outro. Aqui também podemos refletir sobre esse desencaixe entre a comunidade cigana e a cidade. O campo também pode ser comparado a um jogo (BOURDIEU & WACQUANT, Apud BONNEWITZ, 2003, p.61) e também “[...] em cada campo se encontrará uma luta” (BOURDIEU, 1983, p.89).

Como espaço de forças potenciais e ativas, o campo é também um campo de lutas tendentes a preservar ou transformar a configuração de ditas forças. Ademais, o campo como estrutura de relações objetivas entre posições de forças subordina e guia as estratégias mediante as quais os ocupantes de ditas posições buscam, individual ou coletivamente, salvaguardar ou melhorar suas posições e impor os princípios de hierarquização mais favoráveis para seus próprios produtos. As estratégias dos agentes dependem de sua posição no campo, isto é, na distribuição do capital específico e da percepção que tenham do campo segundo o ponto de vista que adotem sobre o campo como uma visão desde um ponto no campo. (BOURDIEU; WACQUANT, 2005, p.155-156 – traduzido)

E também se pode acrescentar:

Dependerão do volume do seu capital e também da estrutura deste, sendo o objetivo do jogo conservar e/ou acumular o máximo de capital, respeitando as regras do jogo. Os indivíduos em posições dominantes optarão por estratégias de conservação. Mas os jogadores também podem procurar transformar estas regras, por exemplo, desacreditando a espécie de capital sobre a qual repousa a força do seu adversário: trata-se de estratégias de subversão, mobilizadas principalmente pelos indivíduos dominados. (BONNEWITZ, 2003, p.61-2)

Por que eles não são assistidos pelo Estado? Será que é só desinteresse cultural na educação “brasileira” ou é culpa do desinteresse do Estado em levar educação aos ciganos de uma “forma cigana”? Será que não

existem também questões de violência simbólica sofridas pelos ciganos nas escolas “brasileiras”? Nessa questão, os ciganos deixam nítido que é uma decisão deles ter menos envolvimento com a educação brasileira, mas que estudar é bem difícil sobre algumas questões, na fala de João, o mesmo diz:

A Diuli²⁰ voltou ao colégio. Mas quando ela entrou no colégio, todo mundo dizia: “ó a cigainha”. A diretora chamou os guris e disse: “não, ela é igualzinha a vocês”. Uma gurira que mora nos apartamentos aqui é muito amiga dela. Os vizinhos aqui nunca viram uma briga, um bate-boca aqui. Aí eles disseram no colégio: “A Diuli não é o que vocês tão pensando”.

John também afirma que acontece preconceito nas escolas e que isso é um incentivo para não estudar:

Cara, eu acho que o preconceito ele serve mais como um incentivo para ter mais desinteresse nos estudos. Tem muito cigano que estuda e vê de uma forma diferente. Eu acho, igual estávamos conversando aquela vez a respeito de fazer concurso, se parar pra pensar tu não tem segurança nenhuma trabalhando na rua. Se tu focar ali (nas vendas), “dale firme” tu pode ganhar muito dinheiro, mas se tu adoce tu não tem segurança, não tem segurança nenhuma entendeu? Enquanto tu tiver bem tu vai conseguir trabalhar, então é uma questão de pensamento, de futuro. Porque cigano, na verdade, acredita no: “tu vai ficar velho, vai ter filhos e a obrigação dos teus filhos é te cuidar e te sustentar”. Eu acho que é mais da cultura (o fato de não se interessar pela educação brasileira), vem mais dos antigos, pais, tios, avós que vão colocando isso na cabeça dos mais novos. Mas eu acredito que o preconceito é um incentivo, porque se tu já tem um monte coisa que colocam na tua cabeça que faz tu não ter prazer de estar ali, e aí têm essa exclusão de colegas, tu vai cada vez mais perdendo o interesse.

Outro conceito importante de reflexão é o conceito de habitus. Cada campo tem seu habitus, ou seja, seu modo de operar, relacionar, falar, escrever, vestir e etc.

Os habitus são princípios geradores de práticas distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e divisão de gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro. (Bourdieu, 2001, p. 22)

²⁰ Diuli é o nome fictício que criamos para se referir a menina mais nova da casa, que é menor de idade e acabou por não ser entrevista por isso.

Os agentes são comandados por esse habitus, mas não são fadados a ele, não são destinados a ele, é algo que pode ser desconstruído e construído, e é esse habitus que viabiliza viver em sociedade. Mas o habitus também reproduz essa sociedade, porque pela força dele é que reproduzimos a estrutura social sem sequer saber que estamos fazendo isso. Assim, os ciganos têm um habitus diferente do habitus padrão da cidade/sociedade, logo não compreendem e não são compreendidos pela cidade, o que pode estar levando-os à exclusão social. Essa estrutura e nossas posições no campo já são determinadas pelos capitais e pelo volume de capital que temos. Mas cada campo tem seu capital mais operante.

[...] é construído de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que [...] são, sem dúvida, os mais eficientes – o capital econômico e o capital cultural. Segue-se que os agentes têm tanto mais em comum quanto mais próximos estejam nessas duas dimensões, e tanto menos quanto mais distantes estejam nelas. (BOURDIEU, 2001, p.19)

Portanto, na comunidade cigana, já vimos os capitais que são mais operantes. Relacionando a ideia de capitais de Bourdieu com o que já vimos sobre os ciganos, conseguimos entender melhor algumas questões que se dão nas comunidades ciganas, problematizando o porquê de os ciganos desprezarem todo estilo de vida “brasileiro”, como assim dizem.

Isso tudo mostra que os ciganos, de fato, possuem uma maneira diferente de viver dos “brasileiros” e não há problemas nisso. Acreditamos que o que os “brasileiros” precisam é conhecer essa forma diferente de viver. Estudos mostram a importância disso:

Os resultados encontrados nesse estudo indicam que morar perto ou longe das comunidades ciganas tem impacto no conteúdo e na estrutura das imagens sociais. Para os que moram perto, o núcleo central da representação é negativo e desumanizador; para os que moram longe, predomina a visão do cigano místico e nômade. Interessa pontuar que a zona de contraste indica que morar perto implica em incluir para excluir os ciganos (“iguais a nós”); ao passo que para os que moram longe a alteridade forjada é a da exclusão radical: “diferentes” e “criminosos” (LIMA; FARO; SANTOS, 2016, pg. 225)

Nesta pesquisa, pôde-se constatar que morar perto dos ciganos acaba alterando para melhor a imagem que os brasileiros têm dos ciganos. João fala exatamente isso, quando diz que morar na rua onde moram foi um processo complicado. Eles foram ganhando a confiança dos vizinhos, que no início possuíam alguns preconceitos, com o mesmo diz:

Aos poucos, aqui, fomos mostrando para as pessoas que não eram o que eles estavam pensando. Uma vez uma vizinha disse “eles são ladrão”. E o esposo dela disse: “Não, nunca roubaram nada de ninguém”. Vieram aqui pedir desculpas depois. Nessa mesma casa os guris, depois desses episódios, viviam lá o tempo todo (na casa deles). Essa mulher sabia ler, sabia escrever, trabalhava no banco, não era ignorante, e ainda pensava dessa forma, que cigano era ladrão, mas depois ela pediu desculpa.

Entendemos que a questão não é o morar perto dos ciganos, mas morar perto para as pessoas acabarem por conhecer os mesmos e sua cultura. Acreditamos que se tivermos mais pesquisas e difundirmos o conhecimento sobre os mesmos, teremos uma grande melhora no que diz respeito à qualidade de vida cigana na cidade. O conhecimento é uma arma contra a ignorância, e a ignorância é uma arma do preconceito. Muito se evoluiu ao longo do tempo no que diz respeito à difusão do conhecimento sobre os ciganos.

Existe uma importante associação chamada Associação Internacional Mayle Sara Kali (AMKS/Brasil), que é uma organização da sociedade civil criada em 2009. A AMKS/Brasil tem se dedicado ao levantamento, sistematização e ampla divulgação de informações sobre o povo Romani do Brasil. No site da associação podemos encontrar a afirmação: “Como se mata um povo? Destruindo sua herança, subjugando sua cultura, fingindo não ver, banalizando suas necessidades primárias, matando suas referências”. Neste mesmo site encontramos algumas dissertações e teses que possuem a temática cigana e que contribuem para a defesa dos direitos dos ciganos.

Assim, partimos para o terceiro capítulo, onde falaremos acerca do antiganismo e de como isso se deu ao longo da história e como se materializa nos dias de hoje.

3 O ANTICIGANISMO COMO ESTIGMA

Falar sobre anticiganismo é de suma importância visto que, como já vimos, ao longo da história, os ciganos sofreram o tempo todo com perseguições e violências²¹ de direitos. Não estamos falando apenas de história, de algo que é passado e que está distante dos nossos olhos. Acreditamos que esta pesquisa é, de fato, de suma importância porque os ciganos sofrem ainda hoje. Brooks (2012), sobre isso afirma:

Os Roms ocuparam uma posição particular e uma posição específica de sujeito na Europa e no mundo, uma posição marcada por uma combinação racista de fantasmas e de desprezo, que permanece ainda hoje. Neste momento, as populações romanis estão sendo excluídas do sistema de saúde, da educação, e estão sendo expulsas de muitos estados-nação e sendo assassinadas [...]. Com o aumento da violência contra as populações romanis em toda Europa e em outros lugares, no século XXI, a necessidade do ativismo e da teoria, [...], assumem uma urgência que não pode ser negada (BROOKS, 2012, p. 9-10)

E pra legitimar essas marcas, são criadas lendas e estórias absurdas contra o povo cigano, como diz Moonen (2012):

Outras estórias, por sinal, também falam da participação dos ciganos na crucificação de Jesus, seja como fabricantes dos pregos usados na crucificação, seja como ladrões do quarto prego (pelo que só sobraram três e os pés tiveram que ser pregados com um prego só). A Novo Testamento, no entanto, em lugar algum faz referência a ciganos. Por isso talvez seja mais provável que estas estórias, lendas e fantasias, que ainda têm várias outras versões, tenham sido inventadas por não ciganos. Comprovadamente, nunca um cigano esteve presente na crucificação de Jesus, nenhum deles fabricou pregos e nenhum deles roubou um prego sequer. Simples: naqueles tempos ainda não existiam ciganos na “Terra Santa”, porque estes resolveram sair da Índia somente uns mil anos depois (MOONEN, 2012, pg. 20)

Mas que marcas são essas que os ciganos possuem? No primeiro capítulo, falamos sobre cidade e vimos de que forma a cidade tem sido produzida, reproduzindo modos de viver e estigmatizando as minorias que

²¹ Dentro do que sabemos da história escrita, não há um momento onde os ciganos viveram em harmonia por mais de 50 anos - uma geração - todas as gerações de ciganos, como povo organizado, ao longo da história sofreram com violências físicas e subjetivas. Por mais que os ciganos hoje tenham uma melhor qualidade de vida, ainda sofrem com o silenciamento produzido pela cidade de várias formas já explicitadas no texto.

vivem de maneira “diferente” do padrão esperado. No segundo capítulo, vimos como os ciganos têm vivido, como pensam e o que acreditam. Fica nítido que, de fato, eles são diferentes e possuem o direito de serem diferentes. Mas essa diferença age de que forma para com os ciganos? Qual é o resultado dos ciganos possuírem um modo de viver diferente do modo de viver dos “brasileiros”? O resultado é o estigma que produz anticiganismo.

Entendemos o estigma como um conceito trabalhado pelo autor Erving Goffman (2008) em seu livro “Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”. Com certeza há outros autores que trabalham a temática, assim, neste último capítulo daremos maior foco à obra de Goffman, relacionando com a fala dos ciganos.

Mas o que seria esse estigma? Estigma é um conceito que teria nascido com os gregos, seria um sinal feito com corte ou com fogo no corpo que testificava que o portador da marca tinha algo de mau, que devia ser evitado (GOFFMAN, 2008).

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou um traidor - uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos. (GOFFMAN, 2008, pg. 11)

Desta ideia de estigma o autor cria toda uma teoria, como se ainda hoje houvesse marcas, não mais criadas por marcações de fogo ou com cortes no corpo para demarcar quem deve ou não ser evitado, mas marcas subjetivas, socialmente construídas, que fazem com que grupos sofram preconceitos, ameaças e até mesmo sejam alvo da necropolítica (MBEMBE, 2018). No caso dos ciganos, temos o pressuposto de que os estigmas podem ser um dos instrumentos de criação do anticiganismo, visto que eles fogem ao padrão de ser e também de fazer cidade.

Mas como se impõe os estigmas, de que maneira são reconhecidos? Goffman cita três tipos de estigma: as abominações do corpo, as culpas de caráter individual e os estigmas tribais de raça (GOFFMAN, 2008).

Podem-se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferentes. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as vadias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativa de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 2008, pg. 14)

Então, reafirmando o que Goffman vai falar sobre estigma, ele se apresenta na sociedade nessas três formas e provavelmente já fomos estigmatizados alguma vez na vida ou ao menos já vimos alguém ser. Goffman, em seu primeiro tipo de estigma, vai falar das “abominações do corpo”, aqui o mesmo se refere a todo corpo que foge ao padrão socialmente construído. Assim, uma pessoa que nasceu sem as pernas ou que possui alguma mancha no rosto, um gordo, alto, magro, baixo, uma pessoa que possua os dedos grudados ou que tenha um dedo a mais nas mãos ou pés, que tenha lábio leporino ou até mesmo que seja careca sofrerá algum tipo de estigma, porque foge dos padrões sociais de como deve ser um corpo.

Assim, essas pessoas farão de tudo para esconder seu corpo estigmatizado, visto que seu corpo é como um ponto fraco de si mesmo. “ O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo depreciativo” (GOFFMAN, 2008, pg. 13). Assim, se essa pessoa acabar mostrando seu corpo, poderá ser tratado de forma depreciativa. O autor ainda afirma “acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano” (GOFFMAN, 2008. pg. 15).

Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN, 2008, pg. 12)

O segundo tipo de estigma chama-se “as culpas de caráter individual”. Esse estigma é identificado nos presidiários, prostitutas, pedófilos, dependentes químicos, homossexuais, pessoas com distúrbio mental, desempregados, pessoas que já tentaram o suicídio e até mesmo pessoas com

comportamento político radical. Assim, por “quebrarem” o ideário de como um cidadão deve agir, acabam sendo estigmatizados com uma marca que prejudicará suas relações.

Os ciganos encaixam-se aqui de duas formas, a primeira é que os ciganos trabalham de maneira autônoma, vendendo carros, panelas, lençóis e outros produtos. Essa ideia de não ter um trabalho fixo e dos mesmos fazerem seus próprios horários de trabalho, faz com que muitos os chamem de “vagabundos” (MOONEN, 2012), assim acabam por ser estigmatizados de vagabundos pela sua forma de trabalhar. Encaixam-se nesse tipo de estigma, também, quando são chamados de desonestos. E isso acontece diariamente com eles, nas falas de João:

Eu tava trabalhando, e aí um cara disse assim: “não quero que tu bote os pés na minha casa porque vocês são tudo uma cambada de ladrão e sem vergonha”. Cara, a gente trabalhando, vendendo mercadoria pra sobreviver, não vamos roubar, não somos assaltantes. Falei para os guris “vamos embora”. Aquilo me marcou muito. O cara disse para os amigos dele que o cara ia roubar ele, barbaridade, aquilo me doeu.

E continua:

O cigano que anda mais sofre mais preconceito, porque acham que ele está viajando muito por roubar e fugir. O cara sai daqui e vai para Porto Alegre pra trabalhar e já dizem que saiu daqui porque roubou aqui, pra ninguém achar ele, mas ele está indo achar um meio de achar dinheiro mais fácil, para vender mais.

Moonen (2012) explica que esse estigma vem desde os tempos das migrações europeias, quando os ciganos foram expulsos de um canto para o outro e acabaram sofrendo um processo de expulsão, quando não possuíam acesso ao trabalho, à educação, vida social, nem a políticas, e, ainda, sofriam perseguição e repressão policial. Para sobreviverem, os ciganos tiveram que fazer pequenos delitos e também foram desonestos em alguns negócios, assim perdura o estigma até hoje.

Os ciganos apareceram na Europa Ocidental somente a partir do início do Século XV. Os documentos históricos deixam claro que muitos destes ciganos aparentemente tinham uma conduta pouco compatível com os valores culturais europeus da época, pelo que, já no Século XV, começaram a ser formados os primeiros estereótipos, segundo os quais os ciganos: 1) eram nômades, que nunca paravam muito tempo num mesmo lugar; 2) eram parasitas, que viviam mendigando ou aproveitando-se da credulidade do povo; 3) eram

avessos ao trabalho regular; 4) eram desonestos e ladrões; 5) eram pagãos que não acreditavam em Deus e também não tinham religião própria (MOONEN, 2012, pg. 93)

Assim, o fato deste povo fugir ao padrão de ser sociedade, da época, torna-se motivo para este povo ser estigmatizado. Aqui entramos no terceiro tipo de estigma, os “estigmas tribais de raça”. Será sobre esse estigma que teremos de nos debruçar. Esse estigma se dá quando diz respeito à “raça, nação e religião, que pode ser transmitido através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (GOFFMAN, 2008, pg 14).

Os ciganos não são um povo originário do Brasil, nem da Europa, não se sabe com exatidão de onde os ciganos vieram, mas há uma relação linguística com a língua indiana, o que faz a maioria dos pesquisadores acreditarem que os ciganos podem ter vindo da Índia, ou vivido muito tempo na Índia (MOONEN, 2012). O fato dos ciganos virem de um lugar com uma cultura diferente da Europa Ocidental, não crendo na mesma religião, vestindo-se de forma diferente, falando outra língua, morando em barracas e não tendo ponto fixo de moradia, sendo nômades, fazem com que os povos que o recebem – neste caso a Europa e o Brasil – os tratem como não-vizinhos (MOONEN, 2012).

Óbvio que há diferença entre os ciganos europeus e os ciganos brasileiros. Também há diferença na forma como a Europa dos anos 1500 tratou os povos ciganos da forma que a Europa de hoje trata, da mesma forma há diferenças dessas relações aqui no Brasil, até mesmo de estado para estado. Mas aqui queremos salientar as características iguais que o continente europeu e o Brasil tiveram, no trato aos ciganos, ao longo dos anos.

Os ciganos foram tratados como não-humanos (MOONEN, 2012), foram estigmatizados por serem um povo diferente. Por fugirem ao padrão, foram massacrados, ameaçados, reprimidos, expulsos e até mesmo assassinados.

[...] após 1989 era comum ocorrerem revoltas populares, atacando a população não-cigana a comunidade rom local, destruindo ou incendiando suas casas, expulsando-os da área, e em muitos casos assassinando vários rom. O motivo (ou o pretexto) podia ser o fato de um rom qualquer ter ofendido, enganado, furtado, ferido ou morto um não-cigano. Ou seja, em lugar de prender e processar este cigano, a vingança costumava ser imediata e contra a comunidade rom em sua totalidade. A violência anti-rom era, portanto, da população civil não-

cigana, e a polícia local na maioria das vezes apenas assistia a tudo sem interferir, ou às vezes até participando da violência anticigana. (MOONEN, 2012, pg. 69)

Ou seja, através do estigma da etnia dos mesmos, acabaram por sofrer o anticiganismo. É importante explicitar que o estigma por si mesmo não é nada nem tem poder algum. Como o próprio Goffman (2008) diz: “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso” (GOFFMAN, 2008, pg. 13). Ou seja, os ciganos que são destratados e que sofrem anticiganismo, exatamente por terem esse estigma racial, são bem tratados e bem recebidos em outras comunidades ciganas exatamente por isso, por serem ciganos. Esse deve ser um dos motivos para haver tanta ligação do cigano com sua comunidade e com seus familiares e uma certa “aversão” aos “brasileiros” – assim que eles chamam os não ciganos.

Considerarei que há um conjunto de indivíduos dos quais o estigmatizado pode esperar algum apoio: aqueles que compartilham seu estigma e, em virtude disto, são definidos e se definem como seus iguais. [...] pelos “informados”, ou seja, os que são normais, mas cuja situação especial levou a provar intimamente da vida secreta do indivíduo estigmatizado e a simpatizar com ela, e que gozam, ao mesmo tempo, de uma certa aceitação, uma certa pertinência cortês ao clã. (GOFFMAN, 2008, pg. 37)

Alguma coisa, coisa tal de que não temos certeza, se a forma de se vestir, de falar, ou a aparência, tem sido estigma para o anticiganismo. Os ciganos reclamam que eles têm sido reduzidos ao “ser cigano”. João diz:

Vou te dizer uma coisa, eu nem sei. Porque eles têm muito preconceito. A tradição nossa, cigana, os nossos descendentes vieram da Europa, tá? Hoje em dia tu sai na rua, o cara já vem falar “aí vem o cigano”, e o cara já começa imitar “o cara” pra falar, debochar que a gente é cigano, isso dá vontade de pegar o cara e “esgoelar” ele. [...] os caras chegam cumprimentam todo mundo, aí chegam no cara e falam “daí cigano”. Isso incomoda o cara, é a mesma coisa que chegarmos num negro e falar “daí negrão”.

Isso também é afirmado por John:

O preconceito, cara, cara aconteceu já, acredito, com o pai, comigo, com todo mundo, aconteceu há pouco tempo com o Obina que ele foi trocá o pneu, cara, o mais comum é acontecer o cara imitar a gente jeito de falar, aí o cara tenta puxa o sotaqueção, falando em português, e tentando imitar como se fosse “ah, um cigano falando”, tu sabe como é que é, quando o cara fala.

Tiago também afirma:

Não, por exemplo assim, algum lugar que tu chega a primeira coisa que eles chamam é cigano, cigano pra lá, cigano pra cá, e aí eles começam a fazer piadas em cima dos cigano e aí a gente fica todo errado né, e esse é o preconceito maior.

Obina ainda reafirma:

Quando eu estudava, eu ía na kombi para o colégio com o Pedro²². A gente era chamado de cigano e ciganinho. Quando eu namorava a Valquíria²³, sempre me tratavam super bem, mas só a Valquíria me chamava de Obina, o resto só me chamavam de cigano. Eu não dou bola, porque eu gosto de ser cigano.

O que foi possível perceber nesse tempo de contato que tivemos, nas várias conversas sobre seus anseios, é que estão cansados de serem resumidos a “ciganos” pelos “brasileiros”. Imagine eu chegando na casa deles e sendo recebido com a frase: “Aí chegou o brasileiro”. De fato, esse tipo de pensamento já nos afastaria, já nos deixaria distante.

Os ciganos estão cansados de “não terem nome”. Veja, aqui na pesquisa, ainda sigo chamando-os de “ciganos”, porque estou falando de uma família como um todo, e também de um povo como um todo, mas nunca chamamos de “cigano” o indivíduo, mas sim, como em qualquer lugar, cada um por seu nome. É como se cada pessoa, cada homem, cada mulher, cada jovem, cada idoso, cada criança perdesse por completo suas características, sua história, seus medos, seus sonhos, sua identidade, e fosse resumido a “cigano, ciganinha”. Isso acaba por deixar os mesmos extremamente estressados, como conta Obina:

Uma vez entrei no bar, e o filho do dono disse “chegou o cigano”. Eu disse “o cigano chegou, mas o gordo baleia tá sentado aí faz tempo”. Outra vez, eu tinha chegado e ele disse assim: “E esse carro aí? Roubando muito? Assim até eu hein”. Aí eu disse: “Da onde eu roubei? Eu pedi dinheiro emprestado pra ti? Tentei de enrolar? Fiz alguma coisa assim?”. Aí ele disse: “É que vocês ficam vendendo coisa ruim”. Aí eu disse: “O que eu vendo? Tu não sabe nem o que eu vendo. Tem muito preconceito.

²² Nome fictício de um cigano residente de Gravataí, o qual não foi entrevistado.

²³ Nome fictício de uma brasileira, que é ex-namorada de Obina.

É interessante ver que quando cada indivíduo é chamado de “cigano” parece que sempre vem cheio de preconceito, como na história contada por Obina. É como se o chamar de “cigano” não fosse um cumprimento, mas uma ofensa, a própria palavra já é esvaziada do seu sentido original e acaba por ser carregada do sentido pejorativo, estigmatizado.

Depois que o cigano é visto, recebido, há outro problema de que os mesmos reclamam, que acontece com eles diariamente, que é o fato de serem vistos como um “perigo”. Sobre isso, Roberta conta uma história:

Eu sei que a gente entrou ali, ela resolveu fazer um lanche, era de tarde, ela resolveu fazer um lanche, aí a gente entro ali, e do nada, do nada, uma mulher chegou na gente, não sei o que ela era, ela pegou e chegou e nós sentamos na mesa e ela chegou e disse “Não, que era pra nós se retirá dali.” O porquê, a gente ficou, a minha mãe ficou me olhando né, querendo saber o que que houve que tinha acontecido, e ela disse que “se a gente não saísse, ela ia chamar a segurança pra nós saí.” E ela nos tirou, praticamente nos tirou, eu, por mim eu ía pras cabeça, minha mãe não deixou. Porque... Do nada... E as pessoas ficaram tudo olhando pra gente, e deu pra entender que era porque a gente era isso aí.

John conta outra história impactante e marcante pra ele, que aconteceu com sua tia Lucinda²⁴:

O exemplo que posso te dar de preconceito foi da Lucinda. Uma vez, ela entrou lá pra comprar roupa né, aí ela procurando um negócio, ela usa saia, dá pra ver de longe que ela é cigana, aí chegou na hora do quarto ali, as mulheres começaram a cochichar, e ela ouviu as mulheres falando que provavelmente era cigana e tinha que cuidar, ficar mais na volta, aí começaram a fingir que estavam cuidando das etiquetas perto dela. Isso pelo fato dela usar saia e ter bastante aparência de cigano.

Mas por que os ciganos são vistos como perigo? Porque, como já vimos, ao longo do texto, eles sempre foram vistos como ladrões, bandidos, assassinos, vagabundos, mas principalmente como ladrões. E ainda hoje essa realidade permanece. Nesse tempo em que estive convivendo com os mesmos, não foi uma, nem duas, nem três vezes, foram várias vezes que os ciganos reclamaram das situações em que foram chamados de ladrões sem nenhuma prova ou embasamento. E isso é uma dor que os mesmos carregam

²⁴ Nome fictício criado para a tia de John, essa tia mora em Pelotas, no bairro Santa Terezinha, mas viaja muito, dificultando para entrevistas e participação na pesquisa.

há muitos anos. Já vimos isso nas falas de alguns desses ciganos. Nesse sentido foram várias falas:

Eles falam: Ah, cigano é ladrão, cigano é sem vergonha. Então, aí perguntava para eles “Qual é o motivo?”, se nós somos iguais. Pega o documento e vê se na identidade fala se é cigano, na identidade fala nacionalidade brasileira. Mas o preconceito é muito grande. É como contra a pessoa negra, tem preconceito. Contra nós ciganos, eles têm muito preconceito, falam que o cigano é ladrão, que pegam crianças para matar.

Tiago ainda afirma, sobre roubar crianças:

É, o Caldaraxa era um, era uma família diferente dos otos, aqui no Brasil o Brasileiro ele gostava muito de assustar as criança, “lá vem vindo o cigano, vai te roubar”, mandava as criança pra dentro de casa. Até pouco isso aí acontecia lá pros lado de Pedro Osório, Arroio Grande.

Moonen (2012) afirma que os ciganos ficaram com esse estigma de pegar crianças para matar desde as migrações europeias. Naquela época, era perigoso demais para uma mulher não casada ter um filho, quando acontecia de uma mulher engravidar sem estar casada, muitas vezes essas mulheres deixavam seus filhos com as ciganas mais velhas, para que a vida da criança não corresse risco, nem a sua. Sobre esse estigma de ser roubadores de crianças, Roberta fala:

Mas isso acontecia por quê? Porque antigamente os brasileiro davam os filhos, davam os filhos pros cigano porque não tinham condição de criá, davam, e depois diziam que os cigano roubava. [...] Eles (ciganos) não deixavam nem velho e nem criança, tu não vê dizer que abandonaram um velho, um cigano abandonou um velho num asilo, uma criança numa creche, num orfanato, tu não vê, não tem, não existe, eles pegavam deles pra criá.

Em poucos relatos conseguimos perceber como esse estigma imposto aos ciganos tem sido argumento para criar o anticiganismo, as ofensas, a revolta, o ódio e a violência. E quando perguntei para a “brasileira” Rafaela se ela tinha medo de sofrer algum preconceito por parte dos ciganos, tendo em vista toda essa realidade que eles sofrem dos brasileiros, ela me respondeu assim:

No começo eu fiquei meio com medo de sofrer preconceito, por não fazer parte da cultura, não sei a cultura, não sei falar, eu ficava “meio assim” de acontecer, mas de todos que eu conheci, eu não sofri preconceito por nenhum deles até então, não tenho o que falar.

Conheci ciganos que falavam romanês e me pediam desculpas por pensar “Ah, tô falando algo que ela não tá entendendo, acho que ela vai se ofender”. Então sempre foram respeitosos, por eu não saber a língua deles, sempre se preocuparam com o ambiente. Na questão de sofrer preconceito eu não tenho o que falar porque não sofri preconceito de ninguém. Eu acho que talvez eu possa sofrer algum preconceito, mas não da pra ter certeza.

É interessante pensar que um povo que sofre preconceito quase todo dia por parte dos não-ciganos trata muito bem essa brasileira quando ela entra em sua cultura, em seu dia a dia. Não estamos aqui tentando chamar os ciganos de “bom-samaritanos”, o próprio John, namorado de Rafaela, fala sobre essas possibilidades:

Cara, acho que ela não vai sofrer preconceito. Mas por ela ser brasileira... tipo, tem muito cigano sem noção, a gente entende de onde vem esse preconceito, tem muito cigano que não presta, como qualquer outro. Então, tipo, a questão de mexerem com ela por ela ser brasileira, a facilidade é muito maior, é muito mais inclinado para isso do que uma cigana, entendeu? Eu sendo cigano mexer com uma cigana da minha idade ou mais nova gera um conflito muito grande entre famílias. Na cabeça de alguns, por ela ser brasileira não tem essa questão, mexeu com ela, vai mexer comigo, eu vou ficar de cara, mas eles pensam: “Ah, brasileiro está acostumado a ficar com muita gente, dar moral pra muita gente”. Por não ser cigana tá mais propenso a ter isso com os mais sem noção.

Assim, a relação do povo cigano com os brasileiros é bem complexa. O que a pesquisa quer evidenciar é que com o passar dos anos a cultura cigana pode desaparecer, pode ser totalmente esvaziada de sentido, visto a pressão sofrida pelos “brasileiros”. Os ciganos deixam nítido seus medos e anseios do que pode vir a ser a cultura cigana nas próximas gerações.

Muito foi falado também quanto ao processo de mudança que está acontecendo por parte dos ciganos mais novos. Para os mais idosos, os ciganos jovens têm tido um certo desinteresse pela cultura, e isso, na opinião deles, é a cultura brasileira entrando e roubando o espaço da cultura cigana, até mesmo entre os próprios. Podemos ver isso na fala de cada cigano, mas primeiramente na fala de João:

Essa gurizada de hoje em dia, eles tão pendendo mais pro lado brasileiro que pro cigano. Dentro de casa os guris não falam mais em cigano, querem falar só brasileiro. A criançada vai perdendo a tradição, e a tradição a gente não pode deixar ela morrer, temos que levar ela pra cima. Nós particularmente, a nossa tradição aqui é bem diferente, dentro de casa é só falar em cigano. Na rua a gente não fala muito por causa do preconceito. [...] Pra mim é ruim, para os mais

novos não é tão ruim, porque eles são mais modernos. Eles tem namorada. Sai com as gurias, de primeiro tu não podia fazer isso. Deus o livre tu sair com uma guria brasileira. Os ciganos iam falar “o cara tá perdido, saindo com mulher que não é da família, que não é cigana”. Hoje não.

Tiago também fala nesse sentido:

A cultura cigana já tá quase, tá diminuindo, já tá quase terminando. Há uns anos atrás era muito mais rígida, era diferente, valorizava o costume, hoje em dia não. Essa juventude tá muito mudada, os antigo, os mais velho, antigamente eles mostravam a cultura cigana. Hoje em dia ninguém mais quer a tradição cigana. Mas é a verdade, e... Antigamente existia os cigano nas barraca, hoje em dia tu não vê mais cigano em barraca, né, antigamente eles faziam as festa, faziam os casamento, fazia, hoje em dia ninguém mais quer saber disso aí, até, eles ficam até com vergonha disso aí.

Obina ainda segue, confirmando o desinteresse dos mais novos:

Eu acho que a cultura dos ciganos ainda é viva, o que segura a cultura são os velhos dentro de casa, porque se não todo mundo falaria só português, não seguiria a cultura. Tem muito bagulho que esses gurizão de hoje não sabe, por exemplo, quando morre alguém é umas cultura massa cara, tem que ficar de luto sem ligar a TV, tem que botar a última letra na lapide depois dos 39 dias, entendeu? Tem a cultura de pegar um bagulho de 5 litro de água e tu serve água todos os dias pro pessoal da tua família, eles jogam um pouquinho e bebem, eles acreditam pra alma da pessoa não ficar com sede. É uns bagulho assim, que são massa, que são muito antigos e que muita gente leva, só que se morrer todos velhos ninguém fará mais, porque ninguém sabe. Eles também fazem uma “festa” sem música com as comidas que a pessoa morreu gostava, fazem um discurso antes e todo mundo senta na mesa e come e na hora de se levantar todo mundo tem de se levantar junto, entendeu? É uns bagulho massa e essa gurizada de hoje não sabe. [...] tinha que acabar com a internet (risos). Óbvio. Uma criança quer ser youtuber hoje, não quer ser vendedor. A guria quer ser modelo, quer fazer novela, entra no Instagram e vê fotinho das outras gurias na balada, quer ter uma vida normal, e não pode. Então acho que a internet destrói muito isso aí.

Dessas afirmações surgem uma série de perguntas e questionamentos. Por que a cada ano que passa o desinteresse tem sido maior? Por que os mais velhos precisam fazer força para segurar a tradição viva, como disse João? Podemos estar errados, mas o que parece é que, como dissemos nos dois primeiros capítulos, há um padrão de cidade e de modo de viver que é hegemônico e também agressivo. Esse padrão de cidade e de modos operandi não é estático, mas é vivo, forte, agressivo, subjetivo e presente, também na cidade de Pelotas e na mente de cada um de nós.

Os ciganos sofrem com esse padrão não porque são fracos, porque nessa lógica todos seres humanos seriam fracos, mas porque resistem ao seu direito de serem diferentes. Ser diferente não é bonito ou feio, é premissa da vida, todos são diferentes uns dos outros, somos diferentes até nas nossas igualdades. Entretanto, é nítido que ser diferente é um problema para o sistema, bem explicado no primeiro capítulo. Ser diferente não gera lucro para o capital. Quando o cigano decide acampar em sua barraca, ele está sendo resistência contra especulação imobiliária e, assim, sendo ameaçado pelo mercado imobiliário que produz a cidade de forma violenta e igual, que nega as diferenças dos povos.

O problema é que esse mercado (o capital) tem muito poder. Como explicamos no primeiro capítulo, é o mercado que financia boa parte das candidaturas, estando presente de forma massiva nas câmaras municipais, estaduais e federais, tendo quem represente seus interesses. Na mídia é a mesma questão. Quantos desses influenciadores de internet têm padronizado uma maneira certa de viver, mostrando que só seremos felizes quando tivermos tal sapato, tal calça, tal moletom, tal carro, tal casa e etc. Enfrentar esse despejo de subjetividade é difícil até mesmo para nós “brasileiros”, que somos maioria aqui, quanto mais para os ciganos.

Toda essa realidade tem gerado nos ciganos mais novos uma necessidade de se fazer não-cigano quando trabalham na rua. Já vimos a fala de João dizendo que não fala romani quando está trabalhando. E isso não é aceitável, ao menos não pode ser aceitável que um cigano não possa falar sua própria língua na rua. E, infelizmente, não é somente a linguagem que precisam mudar, há necessidade de mudança de postura, de vestimenta e até mesmo de sotaque para serem “aceitos” no meio dos não-ciganos. Isso faz com que os ciganos sejam violentados de uma forma subjetiva (violência simbólica de Bordieu se expressando aqui também), mas que se expressa no físico, aumentando os níveis de estresse, de ansiedade e de outros possíveis problemas de saúde.

Pensando em tudo isso, perguntamos se eles consideravam boa essa mistura entre cigano e “brasileiros” em todos os quesitos, sejam para trabalho, casamento e etc. As respostas foram quase todas no mesmo sentido:

O cigano, ele não quer que a mulher dele saia de mini saia, mas ele usa as brasileira só para o prazer. Hoje eu tenho uma mente bem diferente, eu não me vejo hoje casado com uma brasileira. Eu já tive que acabar namoro por ser cigano. Eu achei melhor terminar com ela do que fazer ela sofrer, foi racional da minha parte, ela ia largar o sonho dela pra viver comigo e eu não vou fazer ela feliz por que ela é brasileira, entendeu? Ela tem uma cabeça diferente da minha, da minha família, tem uma cultura diferente tá ligado? Eles vão julgar ela, e eu também vou julgar ela, pelas atitudes, entendeu? Pra vocês é normal a mulher sair com as amigas para um barzinho, para nós não é. Eu acho, o certo, hoje, é cigano casar com cigano, e cigana casar com cigano, até pra manter a tradição. Tem muita família cigana perdendo totalmente a cultura, a essência, tem ciganos que nem falam mais romanês, é um bagulho que me deixa espantado, espantado e triste. Tem uns grupos ciganos no whatsapp né cara? E eu fiz umas amizades com uns pessoal lá de cima, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Goiás, e tem muita gente lá que quando a gente falava romanês não entendia, porque uns fizeram faculdade, uns viveram muito afastados dos outros ciganos e acabaram se isolando naquele mundo, tá ligado? Eu acho que se eles vivessem com ciganos, casassem com ciganos, mantesse a tradição, acho que até aliança seria mais forte, um ajudando o outro. Meus avós falam muito que antigamente não tinha esse “bagulho” de botar “olho” nas coisas dos outros, de desejar coisas ruins para os outros no meio dos ciganos, se eu comprasse um carro novo tu festejava comigo, hoje não, eu acho que isso é muito a cultura de fora que entrou.

Essa resposta de Obina cria algumas reflexões. Obina não é contra a relação total de ciganos com brasileiros, a grande maioria dos amigos dele são brasileiros, mas acredita que deve haver uma separação, que certos espaços e tradições devem ser respeitadas. Ele é totalmente contra casamento de ciganos com brasileiras, ou de ciganas com brasileiros. Acredita que não há possibilidade de ambas culturas serem respeitadas caso isso aconteça; ou ele sofrerá abdicando de sua cultura para fazer sua mulher brasileira feliz, ou sua mulher será infeliz na sua cultura, visto que teve toda uma base diferente da cultura cigana. Na opinião dele, o encontro de culturas, ou a mistura de culturas, faz com que a cultura dos brasileiros sobreponha a cultura dos ciganos, que cada vez mais ficará “brasileira”. Sobre essa relação, continua:

Acho que vai existir ciganos adaptados ao Brasil só, entendeu? Essa guria que o Alexandre falou, ela gosta de ser cigana. Ela gosta de ser cigana, só que no momento que ela entrar na faculdade, ela já vai ser vista como brasileira, entendeu? Ela vai agir como brasileira, ela não vai agir mais como cigana. Ela não vai usar saia, ela vai usar calça. Se ela ouve falar algum bagulho, tipo os ciganos conversando, ela já vai achar estranho porque ela só fala com pessoas mais educadas, ela já vai ver os ciganos falando errado.

A própria geração mais nova sabe bem que tem vivido de forma diferente da tradição conservadora dos ciganos. John mesmo diz isso:

Bom, tu me conhece. Eu me visto de maneira diferente, eu penso de maneira diferente, a questão do estudo eu penso de maneira diferente, por mais que hoje eu não esteja fazendo uma faculdade, eu terminei o médio e futuramente eu até pretendo fazer um curso, fazer alguma coisa, entendeu?

Tivemos inúmeras conversas sobre o modo de viver cigano, sobre as dificuldades que eles passaram e passam no dia a dia trabalhando na rua, e o que se nota é que eles, no fundo, sabem bem por que está havendo essa mudança, por necessidade. Os ciganos precisam se “abrasileirar” para sofrerem menos. É um estigma pesado. O medo tem feito os ciganos passarem por um processo de mudança, que é subjetivo e violento. Para poderem ter a liberdade comum, de entrar nas lojas, escolher a roupa que quiserem, poderem ir ao supermercado, fazer o rancho mensal com tranquilidade, para trabalhar na rua como vendedores e trazerem o sustento para casa, é necessário que eles sejam o mínimo possível cigano. O estigma tira oportunidade deles. Quando perguntei se o fato de ser cigano atrapalhava seu trabalho, Obina respondeu:

Sim, óbvio. Até quando me perguntam, tu és beduíno? Eu falo não. Eu sou turco, eu sou árabe, eu sou outro bagulho, menos cigano, eu não falo, já aconteceu vezes de eu falar que era cigano e a pessoa não comprar de mim. A pessoa tá ali, já escolheu os bagulho e acaba não comprando.

A cultura cigana tem como objetivo central o trabalho, mas precisam “deixar de ser ciganos” para conseguir vender seus produtos. Produtos esses que também são estigmatizados devido ao anticiganismo. Roberta fala da maneira que os brasileiros veem os produtos ciganos:

Tem preconceito, geralmente não é nós que fazemos, né, nós compramos e revendemos. Mas geralmente a pessoa, tem gente que, que sabe e é assim “ah, é coisa de cigano, não presta”, mas não é a gente que faz, a gente compra pra revender. Aí a gente vê como que tem o preconceito, né.

Esse estigma criado sobre os ciganos tem gerado todo esse anticiganismo que os ciganos relatam. Esse anticiganismo, como John diz, é “um incentivo” para que os ciganos não se interessem pela educação, e cada vez mais se tornem mais parecidos com os brasileiros. E isso não é normal. É

uma violência acontecendo, não só na cidade de Pelotas, mas por todo o Brasil, onde os ciganos vivem há muitos anos.

Entendemos a importância do debate, visto que os ciganos por muito tempo foram invisibilizados pelo Estado e também pela academia, que pouco prioriza essa minoria. Minoria essa que tem sofrido na luta pela sobrevivência de sua cultura. Os ciganos, de modo geral, não querem uma cultura cigana abraçadeira, mas eles mesmos querem desconstruir e construir o que quiserem de sua cultura e de seu modo de viver, não sendo pressionados no modo de agir, vestir, falar, trabalhar e etc.

Moonen (2012) vai falar de 3 imagens (estigmas) errôneas sobre os ciganos: a imagem do cigano ladrão, a imagem do cigano trambiqueiro e a imagem do cigano vagabundo, daremos mais ênfase a esta última. Sobre a imagem do cigano ladrão, Moonen vai dizer:

Talvez nenhuma imagem dos ciganos seja mais antiga, mais divulgada e por isso mais difícil de ser corrigida do que aquela de que o cigano sempre foi, ainda é, e sempre será um ladrão, quando não apanhado em flagrante, pelo menos um ladrão em potencial. A fama de serem ladrões persegue os ciganos desde a sua chegada na Europa, no início do Século XV. (MOONEN, 2012, pg. 103)

O próprio Moonen (2012) vai dizer que quando acontece um crime por parte de um cigano, o que é possível, visto que eles são pessoas propensas a fazer o que qualquer pessoa do mundo faz, o autor diz que todos os ciganos pagam por esse erro:

O problema é apenas que, quando se trata de um criminoso cigano, os jornais, revistas e a TV costumam divulgar: "Um cigano cometeu este ou aquele crime", e com isto todos os ciganos se tornam cúmplices deste crime. Quando o mesmo crime é cometido por um não-cigano, menciona-se apenas seu nome - por exemplo, José da Silva - e não a sua origem étnica, regional ou nacional. (MOONEN, 2012, pg. 105)

Vimos o que os ciganos relataram ao longo do texto. Eles são chamados de ladrões o tempo todo em seu dia a dia, muitas vezes como xingamento, outras vezes de "brincadeira", mas, ainda, nos dias de hoje, são estigmatizados como ladrões.

Sobre a fama de serem trambiqueiros, Moonen (2012) diz:

Uma acusação que sempre reaparece, desde o Século XV, é a de alguém ter sido enganado por um cigano vigarista, ao realizar algum negócio com o mesmo, ou por uma cigana trambiqueira, quase sempre ao 'ler a mão' ou prever de outra maneira o futuro da suposta vítima. Em parte, tudo isto é verdade, em parte não, dependendo do ponto de vista de quem se analisa a questão. Os homens ciganos costumam ser acusados de serem vigaristas, desonestos, enganadores e seja lá o que for mais, em suas transações comerciais com os gadjé. Mal-afamado é especialmente seu comércio com cavalos, jumentos e burros. Cavalos decrepitos são milagrosamente recauchutados; pangaré desbotado aparece repintado; uma égua anêmica, com a ajuda de alguma pimenta num certo canto, se torna fogosa; um manga-larga bem brasileiro, com alguns retoques, é travestido num verdadeiro campeão árabe. O único conselho que neste caso se pode dar é que, se a pessoa não entende nada de equinos, melhor é não fazer negócio com um cigano, porque até muitos peritos perceberam, embora tarde demais, que os ciganos eram mais peritos ainda. (MOONEN, 2012, pg. 106)

Assim, Moonen (2012) diz que, na verdade, os ciganos são bons negociadores. Os ciganos não obrigam ninguém a comprar seus produtos, seja carro, panela, talheres, roupa de cama e etc. O trabalho dos ciganos no ato da venda é potencializar as partes boas de seus produtos e não deixar no foco o que é ruim, isso é o que todo vendedor faz. Chamá-los de trambiqueiros por isso e não chamar outros vendedores pelo mesmo motivo mostra que o problema é outro.

Sobre a imagem de serem vagabundos, Moonen (2012) afirma:

Tradicionalmente, os não-ciganos acreditam que os ciganos não gostam de trabalhar, que são uns vagabundos, uns desocupados preguiçosos. Os fatos históricos, no entanto, mostram uma realidade bem diferente: os ciganos trabalham sim, e trabalham duro para ganhar o seu sustento. O problema é que, como costuma acontecer frequentemente na Europa, muitas vezes os ciganos são legalmente proibidos de trabalhar ou suas atividades profissionais são dificultadas ao máximo. Pelo menos na Europa Ocidental, os ciganos, tradicionalmente, têm sido trabalhadores autônomos e não operários assalariados. (MOONEN, 2012, pg. 108)

Essa imagem é escandalosa para Moonen (2012) e para todo aquele que pesquisar as comunidades ciganas. Como já dissemos, o trabalho é tema central em toda comunidade cigana. Eles aprendem a vender desde cedo, gostam de trabalhar com isso e trabalham muito, mas muito mesmo. A maioria dos ciganos saem cedo de casa e voltam só à noite, fazem viagens curtas e longas em busca de produtos e também na venda dos produtos que já

possuem. Todos esses estigmas têm reforçado o anticiganismo vivido pelos mesmos.

Mas o que cidade, estigma e anticiganismo têm de comum? Sua base. O que constrói a cidade é o que constrói o estigma e o anticiganismo. O “belo”, o “padrão”, o “correto”, o “certo” tem produzido uma cidade que não é para todos, geograficamente falando, mas não só geograficamente. A difusão de toda lógica neoliberal, debatido no primeiro capítulo desta pesquisa, cria uma cidade - cidade aqui como um lugar palpável, conceito padrão de cidade - agressiva, mas também uma “cidade mental”, se assim podemos chamar o espaço da cidade onde os modos de viver, as ideias e a política são padronizados, e isso violenta o povo cigano.

Como já dissemos, não há um momento na história cigana em que o povo tenha vivido em paz, vivendo uma vida digna por mais de 50 anos. Em toda história escrita que se tem deste povo, eles foram perseguidos, escorraçados, excluídos, expulsos. Não é diferente nos dias de hoje, não é diferente também em Pelotas. Aqui, os ciganos sofrem, não de maneira diretamente física, não apanham mais da polícia, como muito aconteceu, não se vê ciganos sendo assassinados simplesmente por serem ciganos. Mas há uma violência simbólica, velada, e que é tão agressiva e maléfica quanto a física.

Nas palavras de João, um cigano idoso, vimos o quanto isso é marcante na vida dele e o quanto isso dói. Escutá-lo traz dor, reflexão e muitas perguntas: “Por quê?”. A certeza que nós temos é de que algo precisa ser feito quanto a tudo isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com todo o debate que foi feito ao longo desta pesquisa, sabemos que algo precisa ser feito no que diz respeito aos problemas que estão acontecendo na cidade, cidade essa que deveria ser de todos e para todos. A cidade, como vimos no primeiro capítulo, tornou-se um produto caro, ao qual nem todos estão tendo acesso. E quando dizemos “nem todos”, nos referimos à classe trabalhadora e às minorias, das quais fazem parte os ciganos. Essa cidade, produto capitalista, tornou-se um lugar de luta, de resistência e de sobrevivência. Com certeza não resolveremos a questão apenas com políticas públicas, com programas e outros instrumentos, sabemos que o problema é estrutural, e apenas um novo modelo de sociedade - cidade - seria capaz de acabar com as mazelas que não são naturais desse sistema capitalista, que concentra renda e normatiza os modos de viver.

Essa normatização dos modos de viver tem criado uma violência direta à vida dos ciganos. Com essa pesquisa, chegamos à realidade de que os ciganos estão mudando seu modo de viver para sofrer menos violência, ou seja, a cultura cigana está sendo exterminada de forma gradual. Os ciganos possuem um habitus diferente do habitus hegemônico da sociedade, ser cigano é uma afronta ao capitalismo e à cidade produto. Cada violência sofrida, cada vez que são chamados de ladrões, cada vez que são chamados de trambiqueiros, bruxas, é o sistema forçando-os a serem “normais”. E, sim, normal de normativo, o normal do sistema. Como os próprios ciganos disseram em várias de suas respostas e nesse longo tempo em que vivemos juntos nessa pesquisa, e ao longo dos anos que convivo com eles, a cultura está perdendo suas forças, e, conforme vão passando as gerações, mais se parecem com os “brasileiros”.

Desde que se tem registro dos ciganos na história, os mesmos estão sofrendo com perseguições, maledicências, preconceitos, ou seja, sofrendo com o anticiganismo. Não existe história dos ciganos sem anticiganismo. Anticiganismo tem sido inerente à história cigana, tudo isso pelo simples fato de viverem de modo diferente ao padrão imposto pela sociedade. O anticiganismo é um fato. Temos visto que os ciganos têm lutado para se livrar

desse anticiganismo, mas o estigma é tão grande que a única forma de não sofrerem com isso é perdendo os traços da cultura cigana, a língua, a forma de se vestir, o sotaque, a maneira de negociar, e isso, sim, é a negação do direito à cidade.

Estigma, anticiganismo e negação do direito à cidade andam juntos quando o assunto é ciganismo. Como vimos ao longo do texto, o direito à cidade é superior a outros direitos, ele é a expressão do viver na cidade, é o direito à saúde, à educação, ao trabalho, à liberdade, à sua própria cultura, ele é, sim, o direito ao viver. Se tem sido negado o “ser cigano” aos ciganos, a cidade também tem sido negada a eles, e de inúmeras formas. É negada quando os ciganos não conseguem trabalhar pelo simples fato de serem ciganos. É também negada quando os ciganos abdicam da educação quando sentem medo em perder seus filhos para a cultura brasileira. É negada quando sofrem um incentivo a deixar os estudos por sofrerem preconceito no colégio. É negada quando são chamados de ladrões pelo simples fato de estarem trabalhando na rua. É negada quando não são aceitos em lugares privados e públicos. É negada quando não possuem o direito de difundir sua cultura, e não só difundir, mas um direito ainda mais básico, como o direito de viver e expressar sua cultura. Sim, a cidade foi negada aos ciganos porque eles são uma afronta ao sistema imposto de cidade e sociedade.

Podemos ver nos próximos 50, 100 anos um novo cigano, um cigano mais “abrasileirado”, como eles mesmos dizem, um cigano mais distante de sua própria cultura, um cigano, até mesmo, envergonhado de sua própria cultura. Isso é outra realidade do capitalismo e dessa cidade padronizada, ela cria padrões e esse padrões criam o “belo” e o “feio”. Pode ser que nos próximos 50, 100 anos, os ciganos achem “feio” ser cigano, isso dito pelos próprios ciganos.

Com certeza, sabemos que é necessária alguma ação que seja interventiva a esse respeito. Considero necessário, cada vez mais, pesquisas com a temática cigana ganharem espaço no meio acadêmico. Esse não é só um problema do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos (PPG-PSDH) da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), onde esta pesquisa de mestrado é a primeira na história do programa com a

temática cigana. Como já vimos, se comparado a outros temas da academia, como cidade, o tema cigano é periférico demais ainda. Pesquisas nesse sentido são importantes porque elas servirão de auxílio para ações mais diretas à comunidade, como programas e políticas públicas que tenham essa comunidade como alvo.

Será o debate, seja ele acadêmico ou público (em câmaras de vereadores, deputados e etc), que construirá esses instrumentos que defenderão e difundirão a cultura cigana na luta contra o anticiganismo. É óbvio que não se fará isso longe dos ciganos. É necessário que os pesquisadores, políticos e outros sujeitos construam isso junto aos ciganos, somente eles sabem o que é melhor para eles. O intuito desta pesquisa não é dar voz aos ciganos, porque eles têm sua própria voz. O intuito desta pesquisa é lembrar que este povo tem sido silenciado e precisa ser ouvido. Precisamos pensar em alternativas multidisciplinares, capazes de dialogar com outras áreas do conhecimento como serviço social, psicologia, antropologia, sociologia e etc.

Por último, sabemos que só programas, projetos e políticas não garantirão o direito à cidade que os ciganos gostariam de ter. Para isso seria necessária uma construção de uma nova sociedade, onde toda cultura tivesse o direito de ser expressada de forma total em todo o tempo necessário, e que essas culturas dialogassem umas com as outras e mostrassem o quanto são ricas. Nesse mundo capitalista competitivo é quase inimaginável pensar nisso. Pode ser inimaginável, difícil, mas é necessário. Nas entrevistas dos ciganos a gente consegue ver muita dor de um povo que tem sofrido há muitos anos, são seres-humanos que estão sofrendo no seu dia a dia. Assim, é necessário continuar a produzir conhecimento, debate, ações para o bem deste povo.

REFERÊNCIAS

ALYRIO, Rovigati Danilo. **Métodos e técnicas de pesquisa em administração**. volume único / Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009,

ARAÚJO, James Amorim. SOBRE A CIDADE E O URBANO EM HENRI LÉFÈBVRE. GEOUSP - **Espaço e Tempo** [online], São Paulo, Nº31, pp. 133 - 142, 2012.

AZEVEDO, S. de. Vinte e dois anos de política de habitação popular (1964-86): criação, trajetória e extinção do BNH. **Revista De Administração Pública**, 22(4), v 22. n 4. pgs 107 a 119. 1988.

BATTAUS, D. M. de A. and OLIVEIRA, E. A. B. de. O DIREITO À CIDADE: URBANIZAÇÃO EXCLUDENTE E A POLÍTICA URBANA BRASILEIRA. **Lua Nova** [online].São Paulo, n.97, pp.81-106. 2016.

BOLAFFI, Gabriel. Habitação e Urbanismo: o problema e o falso problema. In: MARICATO, E. (org). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. 2.ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1982.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BONTEMPO, Valéria Lima. ACHILLE MBEMBE: A NOÇÃO DE NECROPOLÍTICA. **Sapere aude** – Belo Horizonte, v. 11– n. 22, p.558-572. Jul./Dez. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 2001.

_____; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

BOULOS, G. **Por que ocupamos? Uma introdução à luta dos sem teto**. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.

BROOKS, Ethel. "The possibility of romani feminism". **Signs**, v. 38, n. 1, p. 1-11, 2012.

CARDOSO, L. Costa. Nelson Werneck Sodré: Censura, Repressão, e Resistência. **Anos 90**. Porto Alegre. v. 20, n. 37, p. 237-267, jul. 2013.

CARVALHO, André Roncaglia et al. ESPAÇO TEMÁTICO: POLÍTICA, ECONOMIA E SAÚDE – LIÇÕES DA COVID-19: Vulnerabilidade social e crise sanitária no Brasil. **Cad. Saúde Pública** vol.37 no.9 Rio de Janeiro 2021.

DESLANDES, S. F. "A construção do Projeto de Pesquisa". In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. Ed - Petrópolis: Vozes, 2002.

EVERTON, César Roberto C. C. "O Planejamento Estratégico e a Cidade de Exceção: a fascização das políticas urbanas em meio ao Estado de Exceção permanente das cidades brasileiras". **Sociede. em Debate**. (Pelotas), v. 26, n. 2, p. 127-140, maio/ago. 2020.

FONSECA, Isabel. **Enterrem-me em pé: a longa viagem dos ciganos**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FRASER, A. **The Gypsies, Oxford: Blackwell Publishers** [1998. História do Povo Cigano, Lisboa: Editorial Teorema.] 1992.

FREIRE, I. de S. Uma cidade e a utopia autoritária. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 18, n. 29, 2o sem. 2017.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). Déficit habitacional no Brasil, 2018.

Ministério das Cidades. 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=76871&codUsuario=0>. Acesso em: 26/09/2020.

GILBERT, Martin. **A segunda guerra mundial**. Alfragide, Portugal. Dom Quixote. 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** [tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes]. 4.ed, [reimpr.]. – Rio de Janeiro: LTC. 2008.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada** – 10.ed. – São Paulo : Ática, 2014.

JÚNIOR, L. Andrade. Os ciganos e os processos de exclusão. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 33, nº 66, p. 95-112- 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001;

LIMA, M. E. Oliveira et al. A desumanização presente nos estereótipos de índios e ciganos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jan-Mar, Vol. 32 n. 1, pp. 219-228. 2016.

MARICATO, Erminia. “As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil”. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MARICATO, Erminia. MetrÓpole, legislação e desigualdade. **Estudos avançados**. vol.17 no.48 São Paulo May/Aug. 2003.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo e políticas ciganas, na Europa e no Brasil**. Recife – 2012.

RESENDE, Ubiratan Pereira. Especulação imobiliária e verticalização urbana: um estudo a partir do Parque Municipal Cascavel em Goiânia - **Geografia (Londrina)**, v.22, n.2. p. 79-102, maio/ago. 2013.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SANTOS, Kenneth D. dos. (IN) visibilidade dos povos ciganos: dados e políticas públicas de educação. **XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE – PUCPR**. Curitiba. 2013.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SOUZA, Lídio de et al. Processos identitários entre ciganos: da exclusão a uma cultura de liberdade. **Liberabit [online]**. vol.15, n.1, pp. 29-37. 2009.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP** - Rio de Janeiro 40(1):27-55, Jan./Fev. 2006.

VAINER, C. "Pátria, empresa e mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano." In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

APÊNDICE

Aqui, apresentarei minha trajetória pessoal que me motivou a pesquisar sobre o tema cidade e ciganos.

Tenho 28 anos, sou filho de mãe solo, tenho mais dois irmãos, eu sendo o do meio. Minha mãe criou a mim e a meus irmãos sozinha desde quando eu tinha 5 anos. Foi difícil. Tínhamos o básico para sobrevivermos porque minha mãe abdicou de sua vida, trabalhando para nos dar o suficiente. Desde pequeno, sempre fui muito pensativo e crítico, não sabia o porquê de passar por tantos “perrengues”. Não era só comigo o “problema”, como guri de vila, meus amigos também passavam por dificuldades. Olhar para minha vida e para a vida de meus amigos despertava em mim uma série de reflexões que foram bem entendidas na graduação de Serviço Social. A conclusão é que essa sociedade não é justa.

Lembro-me de quando li o “diário de uma favelada”. Lendo este livro lembrei-me de vezes em que minha mãe e eu saímos a catar material reciclável para vender e fazer um “dinheirinho”, ela me carregando no bagageiro da sua monareta (bicicleta). Eu, como uma criança comum, sentia vergonha quando via outros amigos, amigos do colégio e etc. Muitas vezes escutei chacota no colégio por ser pobre. Lembro de uma vez que levei colegas até em casa. Minha casa não tinha fechadura, mas havia um buraco na porta e um buraco na parede, a gente passava uma corrente no meio de cada buraco e fechava a casa à noite com o cadeado. Meus amigos viram isso e riram tanto, óbvio que eu dei risada também, não entendia como era complexo toda aquela situação. Hoje sei que eles passavam por coisas iguais ou parecidas com aquilo.

Junto a essa realidade, aparecem os ciganos para morarem na rua atrás da minha. Isso, há uns 16 anos. No primeiro dia já fomos todos para um campinho jogar futebol, ficamos amigos logo no primeiro dia. Nunca brigamos, sempre nos demos bem. Que regulavam de idade comigo, eram e são 3 amigos. Foram muitas vivências, muitas conversas, muitas festas, alguns dias de luto e muita risada. Conforme o tempo foi passando, fomos amadurecendo e

tendo conversas mais maduras também. Foram várias as vezes que conversamos sobre as dores uns dos outros. Assim, no dia a dia eu vi que eles também sofriam como eu, de maneira parecida, mas não pelos mesmos motivos, não por ser pobre, mas por ser cigano.

Quanto mais a gente se conhecia, mais perguntas ficavam sobre a cultura dos ciganos, visto que é uma cultura rica em expressões. E mais certezas eu tinha de que algo muito errado as pessoas que não tinham contato com os ciganos pensavam. Os ciganos são gente como eu, com dores, alegrias, objetivos, sonhos e uma história.

Quando me formei no Serviço Social tinha a certeza de que pesquisaria o tema cigano e a cidade na pós-graduação. Além disso, espero dar sequência a um doutorado futuro (Quem sabe?). O objetivo hoje é fazer com que, a cada dia que passe, menos ciganos sofram com o anticiganismo e com os estigmas impostos a eles, através da difusão do conhecimento de quem eles realmente são e querem ser.

APÊNDICE II

Entrevista dupla 1

Eu: tu acha que existe preconceito contra cigano?

João: sim

Eu: Já teve algum momento que tu tenhas sofrido algum preconceito ou conheces alguém que tenha sofrido?

João: Eles falam: ah, cigano é ladrão, cigano é sem vergonha. Então, ai perguntava para eles “qual é o motivo?”, se nos somos iguais. Pega o documento e vê se na identidade fala se é cigano, na identidade fala nacionalidade brasileira. Mas o preconceito é muito grande. É como contra a pessoa negra, tem preconceito. Contra nós ciganos, eles tem muito preconceito, falam que o cigano é ladrão, que pegam crianças pra matar.

Eu: teve alguma vez que te marcou?

João: Tem. Eu tava trabalhando, e ai um cara disse assim: “não quero que tu bote os pés na minha casa porque vocês são tudo uma cambada de ladrão e sem vergonha”. Cara, a gente trabalhando, vendendo mercadoria pra sobreviver, não vamos roubar, não somos assaltantes. Falei para os guris “vamos embora”. Aquilo me marcou muito. O cara disse para os amigos dele que o cara ia roubar ele, barbaridade, aquilo me doeu.

Eu: por que tu achas que isso acontece?

João: vou te dizer uma coisa, eu nem sei. Porque eles tem muito preconceito. A tradição nossa, cigana, os nossos descendente vieram da Europa, ta? Hoje em dia tu sai na rua, o cara já vem falar “ai vem o cigano”, e o cara já começa imitar “o cara” pra falar, debochar que a gente é cigano, isso da vontade de pegar o cara e “esguelar” ele.

João: nós estamos vivendo num mundo egoísta. Só porque somos ciganos, temos 2, 3 carros, já pensam que estamos roubando. Não. Graças a Deus, do velhinho lá em cima, a gente não rouba de ninguém, não pegamos o que não é nosso, o cara espera pra ganhar, trabalhar, sustentar a família. Isso é racismo. Isso acontece com nós.

Eu: Tu achas que existe menos preconceito nos dias de hoje?

João: melhorou um pouco, o preconceito não é tão grande assim, antes tinha mais preconceito. O cara que tem mais dinheiro que tem preconceito com cigano ainda.

Eu: tu acha que o preconceito que existe é por não ter conhecimento da cultura cigana?

João: sim, tem muita gente que não conhece ainda e acha que todo cigano é ladrão. Na garagem de carros do meu primo, o pessoal chega ali e pergunta de onde eles tiraram tanto dinheiro, de onde eles roubaram. O cara ta trabalhando todo dia, tem um ramo de trabalho. A gente sai de manhã e volta de noite, pra vender na rua e trazer pra casa. Graças a Deus nunca pegamos nada de ninguém.

Eu: tu acha que um cigano itinerante sofre mais preconceito?

João o cigano que anda mais sofre mais preconceito, porque acham que ele ta viajando muito por roubar e fugir. O cara sai daqui e vai para porto alegre pra trabalhar e já dizem que saiu daqui porque roubou aqui, pra ninguém achar ele, mas ele ta indo achar um meio de achar dinheiro mais fácil, pra vender mais.

Eu: Como foi casar com uma não cigana, na época?

João: Nós trabalhávamos com cinema, passávamos filme nas barracas. Foi ali que eu conheci ela. Finado pai dela ia muito lá no clube. Ai foi a convivência. O pai dela era alemão, polaco, polonês. Falavam pomerano. A mãe dela também. Ai pedi ela em casamento, convivemos muito tempo junto. Agora a pouco tempo perdemos o irmão dela e a irmã, os dois de covid, os dois mais novo. Nem podemos ir lá nele, porque eu estava operado a pouco tempo. Ai a irmã dela, mais velha disse pra nem ir porque era perigoso. Ela foi convivendo com nós, e aprendendo, a mãe ensinou ela muito, minha irmã também ensinou ela muito.

Maria: eu sou casada a mais de 50 anos com o João, nunca sofri represália dos ciganos. Sempre fui bem tratada.

Eu: tu achas que a cultura cigana no meio dos mais jovens está diminuindo?

João: essa gurizada de hoje em dia, eles tão pendendo mais pro lado brasileiro que pro cigano. Dentro de casa os guris não falam mais em cigano, querem falar só brasileiro. A criançada vai perdendo a tradição, e a tradição a gente não pode deixar ela morrer, temos que levar ela pra cima. Nós particularmente, a nossa tradição aqui é bem diferente, dentro de casa é só falar em cigano. Na rua a gente não fala muito por causa do preconceito.

João: Não é defeito o cara ser pobre, o pior é o cara ter dinheiro e se aproveitar dos outros. O cara ser pobre não é defeito. Ninguém nasceu rico, todo mundo nasceu pobre, ai os caras foram trabalhando e fazendo. Aí dizem que os caras roubam muito, por isso tão rico, não. Esse guri trabalha, sai de manhã volta de noite pra vender na rua, perigo de assalta, perigo de acidente na estrada. O cara tem que trabalhar pra sobreviver.

Eu: tu achas bom essa relação da cultura cigana com a brasileira?

João: Pra mim é ruim, para os mais novos não é tão ruim, porque eles são mais modernos. Eles tem namorada. Sai com as gurias, de primeiro tu não podia fazer isso. Deus o livre tu sair com uma guria brasileira. Os ciganos iam falar “o cara ta

perdido, saindo com mulher que não é da família, que não é cigana”. Hoje não.

João: A Georgina (nome fictício) voltou ao colégio. Mas quando ela entrou no colégio, todo mundo dizia: “ó a ciganinha”. A diretora chamou os guris e disse: “não, ela é igualzinha a vocês”. Uma gurria que mora nos apartamentos aqui é muito amiga dela. Os vizinhos aqui nunca viram uma briga, um bate boca aqui. Ai eles disseram no colégio: “A Georgina não é o que vocês tão pensando”.

Obina: Quando eu estudava, eu ia na kombi para o colégio com o Pedro (nome fictício). A gente era chamado de cigano e ciganinho. Quando eu namorava a Valquíria (nome fictício), sempre me trataram super bem, mas só a Valquíria me chama de Obina (nome fictício), o resto só me chamavam de cigano. Eu não do bola, porque eu gosto de ser cigano.

João: os caras chegam cumprimentam todo mundo, ai chegam no cara e falam “daí cigano”. Isso incomoda o cara, é a mesma coisa que chegarmos num negro e falar “daí negrão”.

Obina: uma vez entrei no bar, e o filho do dono disse “chegou o cigano”. Eu disse “o cigano chegou, mas o gordo baleia ta sentado ai faz tempo”. Outra vez, eu tinha chegado e ele disse assim: “e esse carro ai? Roubando muito? Assim até eu hein”. Ai eu disse: “da onde eu roubei? Eu pedi dinheiro emprestado pra ti? Tentei de enrolar? Fiz alguma coisa assim?”. Ai ele disse: “é que vocês ficam vendendo coisa ruim”. Ai eu disse: “o que eu vendo? Tu não sabe nem o que eu vendo. Tem muito preconceito.

Obina: teve uma gurria que eu conheci lá de Minas. A gente saiu. Ai ela disse: “teu olhar é bem diferente, tua pele, da pra ver que tu não é daqui”. Joguei limpo com ela, e falei: “sou cigano”. Ela ficou sem entender, ficou apavorada. Lá para minas tem muito os Calon. Ela disse assim: “como assim cigano? Tu não te veste igual cigano”. Ai eu contei para ela o que é cigano, tivemos um assunto tri massa, ficamos horas conversando. Ai ela disse: “totalmente diferente. Pra gente ser cigano é quem usa dente de ouro, quem usa roupa colorida, os ciganos que usam trança, cabelo grande com trança, mora em barraca”. Beduíno la em MG, eles chamam os

moradores de rua, os papaleiros. Eu fiquei apavorado, lá pra cima eles tem um conceito muito diferente do que é cigano do Rio Grande do Sul, entendeu? Foi um assunto legal de conversar, ela tinha uma ideia muito diferente do que é ser cigano.

João: Beduíno significa “cavalheiro do deserto”. Cigano é diferente do beduíno. Não da pra levar na ponta da faca, se não a gente se estressa muito. Eles dizem “você são ciganos e você roubam”. Tu trabalha honestamente, ta? Tu vai vender na rua, tu ta trabalhando, ai “o cara” vai chegar e dizer: “ai vai o cigano ladrão”. Estavamos trabalhando e o cara saiu correndo atrás de nós com um facão, dizendo: “sai daqui cigano ladrão”. Ai chegou a brigada perguntando o que houve, ai eu disse que não tinha acontecido nada, que eles eram preconceituosos, e o “brigadiano” disse para o cara que ele era racista.

João: aos poucos aqui, fomos mostrando para as pessoas que não eram o que eles estavam pensando. Uma vez uma vizinha disse “eles são ladrão”. E o esposo dela disse: “não, nunca roubaram nada de ninguém”. Vieram aqui pedir desculpas depois. Nessa mesma casa os guris, depois desses episódios, viviam lá o tempo todo. Essa mulher sabia ler, sabia escrever, trabalhava no banco, não era ignorante, e ainda pensava dessa forma, que cigano era ladrão, mas depois ela pediu desculpa.

Entrevista dupla 2

Eu: tu acha que cigano sofre preconceito, e se sim, por quê?

Alexandre: Primeiro que a gente é cigano, alguns chamam a gente de beduíno e “olha o cigano ladrão”, primeira “coisa “ é isso ai. “Cuida os carro, as coisas, as crianças”. Primeira coisa que eles falam é: “olha o cigano, cigano é ladrão”.

Eu: tem alguma vez que te marcou na vida?

Alexandre: ah tem, tem. Um amigo nosso ainda. A gente era criança ainda. Por mais que passou, é um grande amigo meu, mas me machucou bastante. Eu não esperava isso ai. Eu cheguei na casa dele e ele me disse: “minha mãe falou pra gente não brincar contigo nem pra tu entrar na nossa casa porque você são cigano

ladrão.”

Eu: tu acha que o fato de ser cigano prejudica teu emprego hoje?

Alexandre: Bastante, bastante! Em qualquer lugar que a gente vai, se for num shopping, se for num restaurante, eles já olham pra ti diferente né. Eles podem falar inglês, podem falar outros idiomas, daí se a gente falar no nosso, que é iugoslavo, eles já ficam olhando e falando: “olha o cigano, cuida as coisas”.

Alexandre: Vou te dar um exemplo: fui no posto abastecer e o cara do posto me disse: “eai cigano, ta roubando alguma coisa aí? Biduino!

Eu: E tu Obina, o que acha? Tu achas que cigano sofre preconceito?

Obina: cara, sem duvida ciganos sofrem preconceito. Eu desde criança lembro de várias situações, no começo, quando a gente é criança a gente não sabe reagir né, não sabe porque o pessoal ta fazendo isso ai também. Lembro de uma vez, eu tinha uns 12 anos, eu estava em Gravataí com minha vó né, e minha vó, claro, se vestia que nem cigana, e a gente foi no centro comprar colchão. Ai entramos na loja de colchão e ninguém quis atender. A gente ouviu a mulher falando “é cigana, não é para atender” e fizeram de conta que a gente nem existia, eu vi que minha vó ficou bem mal, e eu fiquei sem entender também. No colégio era horrível, ninguém me chamava pelo nome, era o “cigano”, só “cigano”, ninguém me chamava pelo nome. Aqui na rua “o cara” sofreu algumas coisas que eu lembro, teve várias situações. Agora por ultimo, eu fui fazer essa tatuagem aqui, o tatuador não era preconceituoso, até me defendeu bastante. Mas tinha um amigo dele lá, o amigo dele era negro, e o cara me disse assim: “é verdade que cigano é ladrão”? Bem assim. Eu respondi, vou te fazer outra pergunta: “é verdade que todo negro é ladrão, todo negro é drogado?”. Ele respondeu: “Não, eu não sou drogado, nunca fumei”. Ai eu respondi: “então, eu também nunca roubei”. A gente vive numa sociedade, existe pessoas com caráter bom e pessoas com caráter mal, independente se é cigano, italiano, alemão, a pessoa nasce com um caráter e morre com um caráter, não tem nada a ver se é cigano ou não ser cigano. Aquela hora eu tinha me alterado já, mas ai o tatuador me defendeu.

Eu: Os ciganos não tem costume de acabar o colégio, já escutei de alguns que “fazer colégio é burrice porque vender na rua dá mais dinheiro”. Tu achas que não tem nada a ver o preconceito em “expulsar as crianças do colégio”?

Obina: Não, não, o que eu penso, de repente ele (Alexandre) pense parecido comigo também. Uma: os ciganos tem medo que a cultura do brasileiro entre no meio dos ciganos, principalmente das filhas, então eles não deixam estudar muito, só aprender a ler, e os guris trabalham desde cedo, então eles já montam já a cabeça que eles nasceram pra vender entendeu? Nenhum cigano cresce pensando: “Vou estudar para virar um médico”. Poucos, de 100, 1. O medo que as filhas tenham relacionamento com brasileiros é o maior temor deles. Eles tem muito medo disso ai. Tem medo que os filhos não vão puxar... os ciganos tem muita a questão de respeito, de nome. Pro meu pai, pro meu vó, se eu não seguir os “bagulhos” ciganos é uma vergonha gigantesca para eles, é bem extremo. Se eu fosse um magrão que fizesse faculdade e tudo mais, sem dúvida o cara deixa de lado a cultura, entendeu?

Eu: a cidade de pelotas é uma cidade boa para ser cigano ou não?

Obina: em questão de preconceito é horrível. Rio grande do sul inteiro é horrível, é um dos lugares mais preconceituosos do universo, eu sei por que eu fui para vários lugares. Até porque aqui tem muita cultura alemã, italiana, tem muito branco, acho que tem muito racismo até com negro, ta ligado? Mas economicamente é um dos melhores lugares que tem, melhores estados, muita indústria, muito emprego. Economicamente é bom, mas em preconceito é ruim, lá pra cima o pessoal tem a mente mais aberta.

Eu: o fato de ser cigano prejudica nas tuas vendas?

Obina: sim, óbvio. Até quando me perguntam, tu és beduíno? Eu falo não. Eu sou turco, eu sou árabe, eu sou outro bagulho, menos cigano, eu não falo, já aconteceu vezes de eu falar que era cigano e a pessoa não comprar de mim. A pessoa tá ali, já escolheu os bagulho e acaba não comprando.

Eu: e a questão de namoro prejudica pra ti o fato de ser cigano?

Obina: Ele (o cigano em geral) não quer que a mulher dele saia de mini saia, mas ele usa as brasileira só para o prazer. Hoje eu tenho uma mente bem diferente, eu não me vejo hoje casado com uma brasileira. Eu já tive que acabar namoro por ser cigano. Eu achei melhor terminar com ela do que fazer ela sofrer, foi racional da minha parte, ela ia largar o sonho dela pra viver comigo e eu não vou fazer ela feliz por que ela é brasileira, entendeu? Ela tem uma cabeça minha diferente da minha, da minha família, tem uma cultura diferente, ta ligado? Eles vão julgar ela, e eu também vou julgar ela, pelas atitudes entendeu? Pra vocês é normal a mulher sair com as amigas para um barzinho, para nós não é. Eu acho, o certo, hoje, é cigano casar com cigano, e cigana casar com cigano até pra mandar a tradição. Tem muita família cigana perdendo totalmente a cultura, a essência, tem ciganos que nem falam mais romanes, é um bagulho que me deixa espantado, espantado e triste. Tem uns grupos ciganos no whatsapp né cara? E eu fiz umas amizades com uns pessoal lá de cima, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Goiás, e tem muita gente lá que quando a gente falava romanes não entendia, porque uns fizeram faculdade, uns viveram muito afastados dos outros ciganos e acabaram se isolando naquele mundo, ta ligado? Eu acho que se eles vivessem com ciganos, casassem com ciganos, mante-se a tradição, acho que até aliança seria mais forte, um ajudando o outro. Meus avós falam muito que antigamente não tinha esse “bagulho” de botar “olho” nas coisas dos outros, de desejar coisas ruins para os outros no meio dos ciganos, se eu comprasse um carro novo tu festejava comigo, hoje não, eu acho que isso é muito a cultura de fora que entrou.

Eu: tu acha que para resolver isso teria que acabar a relação inter-racial?

Obina: de casamento, sim. E tu ter mais orgulho do teu povo. Eu tenho muito orgulho de ser cigano.

Eu: como poderia voltar o “orgulho cigano”?

Obina: acabar com a internet (risos). Obvio. Uma criança quer ser youtuber hoje,

não quer ser vendedor. A gurria quer ser modelo, quer fazer novela, entra no instagram e ve fotinho das outras gurias na balada, quer ter uma vida normal, e não pode. Então acho que a internet destrói muito isso ai.

Eu: tu acha que os ciganos estão destinados a acabar sua cultura então?

Obina: sim, eu acho que a cultura dos ciganos ainda é viva, o que segura a cultura são os velhos dentro de casa, porque se não todo mundo falaria só português, não seguiria a cultura. Tem muito bagulho que esses gurizão de hoje não sabe, por exemplo, quando morre alguém é umas cultura massa cara, tem que ficar de luto sem ligar a tv, tem que botar a ultima letra na lapide depois dos 39 dias, entendeu? Tem a cultura de pegar um bagulho de 5 lt de agua e tu serve agua todos os dias pro pessoal da tua família, eles jogam um pouquinho e bebem, eles acreditam pra alma da pessoa não ficar com sede. É uns bagulho assim, que são massa, que são muito antigos e que muita gente leva, só que se morrer todos velhos ninguém fará mais, porque ninguém sabe. Eles também fazem uma “festa” sem música com as comidas que a pessoa morreu gostava, fazem um discurso antes e todo mundo senta na mesa e come e na hora de se levantar todo mundo tem de se levantar junto, entendeu? É uns bagulho massa e essa gurizada de hoje não sabe.

Eu: como foi tua infância? Como tu chegou em Pelotas? Como são os ciganos, ricos ou pobres?

Obina: realmente, existe isso. De 10 ciganos, acho que 8 são ricos. Por que eles são ricos? Eles trabalham bastante, mas não só isso. Muita gente tem herança dos bisavós, dos avós, dos pais, entendeu? Antes os ciganos trabalhavam só com ouro, tanto que hoje quando uma pessoa normal fala de cigano já pensa direto em ouro, dente de ouro, joias, camionete, porque é real. Deixaram muita herança, muitos ciganos, a maioria, vieram da Europa, da parte da Russia, sei lá, da Europa em si, e lá eles juntaram muito ouro, e quando vieram para cá só juntaram mais e mais e foram dividindo entre os filhos e na hora de morrer o filho menor ficava com tudo, ficava com carro, casas, ouro, tudo e muitos ciganos não vendem os ouros.

Eu: existe pobreza? Cigano pobre? Aqui em pelotas tem?

Obina: óbvio. Aqui em Pelotas não tem, mas em Porto Alegre tem, eu conheço alguns. Aqui no Brasil tem poucos, mas tem. Eu vi uns vídeos no Facebook de uns pastores aqui do Brasil, que foram para Romênia, lugares assim, dos ciganos que passam fome, que moram em favelas, em barraquinhos, e os eles levando, falando sobre Deus, levando cestas básicas, levando roupa de frio porque lá faz frio, levando calçados, coisas assim. Mas aqui no Brasil é difícil, mas em Porto Alegre tem alguns, mas são os que caíram pro vício, ta ligado? Tinham dinheiro, mas caíram pro vício da bebida, das drogas.

Eu: mas na tua prospecção de vida nos próximos anos? Tu pretendes casar e morar em casa mesmo ou tu quer morar em barraca?

Obina: Morar em casa. A barraca era uma questão também de cultura, os ciganos moravam muito em barracas por se locomover... hoje eles alugam casa ou ficam em hotel. É uma questão de conforto, segurança... sei lá, tem tuas crianças, tua mulher ali, questão de segurança, o mundo mudou muito né. Acho que é por isso que parou as barracas.

Obina: outro bagulho que seria legal tu botar. Cada cigano tem um pensamento diferente. Um tem um pensamento que os ciganos vieram da Iugoslávia. Meu pensamento é contrário, não acho isso. Meu avô me ensinou uma coisa, o avô de outro ensina outro. Cada um acredita em uma coisa e nenhum dos dois sabe o que é certo. Isso que é ruim, não tem algo que é certo, que tu saiba de onde tu vem. A gente sabe que os ciganos vieram do deserto, mas ninguém sabe de onde eles partiram certo, uns falam da Índia, outros da Pérsia, da Iugoslávia, Romênia..

Obina: Os ciganos tem muito bagulho que são misturados. Tipo a Sarmi, a Sarmi é do Líbano, ta ligado? Só que tem outro nome, que eu não sei. Já comi a Sarmi do Líbano. É bem parecida, só que tem menos pimenta, é tipo um charuto, menor.

Obina: Acho que vai existir ciganos adaptados ao Brasil só, entendeu? Essa guria que o Alexandre falou, ela gosta de ser cigana. Ela gosta de ser cigana só que no momento que ela entrar na faculdade, ela já vai ser vista como brasileira, entendeu? Ela vai agir como brasileira, ela não vai agir mais como cigana. Ela não vai usar saia, ela vai usar calça. Se ela ouve falar algum bagulho, tipo os ciganos conversando, ela já vai achar estranho porque ela só fala com pessoas mais educadas, ela já vai ver os ciganos falando errado.

Eu: ciganos não participam do colégio por preconceito, é verdade?

Obina: Os ciganos que não aceitam isso porque isso vai acabar com a cultura. O colégio faz o papel dele – liga para as crianças aqui. Os educadores fazem o papel deles, nunca me trataram mal, mas a sociedade em si sim. Pode até ser porque o pessoal não tem uma cultura de ensinar o que é o ser cigano, até porque é uma

extrema minoria. Eles tem uma ideia diferente, e a gente tem medo que as nossas crianças fujam da cultura. Não que ser brasileiro é ruim. Eles tem medo de não seguir o bagulho, ser uma vergonha pra família, ta ligado? O nome é muito importante, muito importante.

Entrevista dupla 3

Eu – Marcos (nome fictício), a primeira pergunta: tu acha que cigano sofre preconceito? Se tu acha que sim, tu conhece alguém que já tenha sofrido alguma coisa?

Marcos – Já, conheço sim.

Eu – Tu nunca sofreu? Me conta alguma história que tu saiba, qualquer uma que tu saiba disso, que tu conheça de preconceito, ou que tu estava junto, ou que alguém te contou alguma coisa.

Marcos – Não, por exemplo assim, algum lugar que tu chega a primeira coisa que eles chamam é cigano, e aí eles começam a fazer piadas em cima dos cigano e aí a gente fica todo erado né, e esse é o preconceito maior.

Eu – Sim, e tu tipo, tu já morou em outro lugar além de Pelotas, né?

Marcos – Sim.

Eu – Tu é uma pessoa que viaja bastante, como tu acha que é essa questão de ser cigano em Pelotas? Tu acha que Pelotas é uma cidade boa pra ter a cultura cigana, ou tu acha que não? Que ela é uma cidade ruim, e que recebe mal a cultura? O que tu pensa sobre isso?

Marcos – Ah, eu acho que aqui é mais acolhedor aqui, em outras regiões mais da fronteira que são piores aí, né, preconceito cigano é maior que aqui, aqui são menos.

Eu – E o que tu achas Marjorie (nome fictício)? Tu acha que existe preconceito com cigano, tu já passou alguma coisa, ou tu conhece alguém que tenha passado?

Marjorie – Andei de contando, aquela vez que eu te contei que fizeram eu e a minha mãe sair de dentro da lanchonete, a gente sem saber o porquê, lá, eu vim, não morava aqui, né, e ela veio de viagem, ela ia no médico aqui, e ela resolveu entrar num restaurante que é ali onde é a Furabolo, lembra?

Marjorie – Eu sei que a gente entro ali, ela resolveu fazer um lanche, era de tarde, ela resolveu fazer um lanche, aí a gente entro ali, e do nada, do nada vem uma mulher, não sei o que ela era, ela pegou e chegou e, nós sentamos na mesa e ela chegou, e disse “não, que era pra nós se retirar dali.” O porquê, a gente ficou, a minha mãe ficou me olhando né, o que que houve que tinha acontecido, e ela disse que “se a gente não sáísse, ela ia chama a segurança pra nós saí.” E ela nos tirou, praticamente nos tirou, eu, por mim eu “ia pras cabeça”, minha mãe não deixou.

Porque... Do nada... E as pessoa ficaram tudo olhando pra gente, e deu pra entender que era porque a gente era isso aí.

Marjorie – Porque a gente entrou na loja falando em cigano.

Marjorie – Ah... Foi... Eu sei que minha filha era pequena, tinha o que... Uns 5 anos.

Eu - Tu achas que melhorou com o tempo, com o passar do tempo, o tratamento aos ciganos?

Marjorie – Ah, melhora sim, melhora, mesmo porque é racismo, né, e agora com esse negócio de não poder mais fazer, já tá mais maneirado. Mas antigamente era terrível.

Eu - Tá, e tu não acha que melhorou pelo fato de vocês estarem morando aqui há muitos anos, tipo, vou dar um exemplo, tu acha que tem algum tratamento diferente aqui da rua, com o pessoal que mora aqui da rua, com o pessoal que não conhece vocês, ou tu acha que não, todo mundo trata vocês de uma maneira diferente? O que tu acha Marcos? Tu acha que tem diferença? Tu acha que o pessoal aqui da rua trata vocês melhor?

Marcos – Sim, sim.

Eu – Por ter mais contato?

Marcos - É claro. Aqui todo mundo já conhece a gente já.

Marjorie – Aqui sabe, aqui eles sabem que a gente é e não diferenciam a gente, né, a gente, pelos anos também, né, que a gente mora aqui.

Marcos – Na rua já é diferente já, pessoa principalmente que não sabe quem é ela, quem é eu, não sabe quem é cigano, trata diferenciado.

Eu - Em relação à cultura, Marcos, tu achas que a cultura do cigano tá diminuindo? Tu achas que de alguma forma a cultura brasileira, vamos falar assim, tá entrando na cultura cigana, ou tu achas que não?

Marcos – A cultura cigana já tá quase, tá diminuindo, já tá quase terminando. Há uns anos atrás era muito mais rígida, era diferente, tinha costume, hoje em dia não.

Eu – Por que tu achas que não, Marcos? Por que tu achas que tá ficando menor?

Marcos - Essa juventude tá muito mudada, os antigo, os mais velho, antigamente eles mostravam a cultura cigana. Hoje em dia ninguém mais quer a tradição cigana.

Eu – É interessante ver como as respostas de vocês são parecidas, mesmo sendo pessoas tão diferentes...

Marcos – Mas é a verdade, e antigamente existia os cigano nas barraca, hoje em dia tu não vê mais cigano em barraca, né, antigamente eles faziam as festa, faziam

os casamento, fazia, hoje em dia ninguém mais quer saber disso aí, até, eles ficam até com vergonha disso aí

Marcos – Na realidade a juventude de hoje, eles não querem nem saber que é cigano, eles se fazem passar por quem não são.

Eu – Mas tu não acha que é porque tu sofres alguma coisa se falar que é cigano?

-

Marjorie - É, é por isso.

Marcos - É... Eu não sei te dizer assim, se sofre alguma coisa, mas eu acho que eles ficam, eles mesmo ficam vergonha disso aí.

Eu – Porque tu precisas de alguma forma moldar pra ser aceito no ambiente.

Marjorie - Não, e tem uma coisa, antigamente eles não estudavam, eles não tinham muito convívio, né, e agora têm, eles vão pra pras escola, eles fazem trabalho, eles vão pra casa de um, de outro.

Eu – Conhecem outras pessoas...

Marjorie – Antigamente não, antigamente não podia ter, a gente não tinha envolvimento nenhum.

Eu - Tá. Tu acha que essa mistura, brasileiro com cigano, em questão cultural, começando a ver outras culturas, outros modos de viver, né, tu acha que isso é bom pros ciganos ou tu acha que isso é ruim? Como é que tu, vocês, veem esse contato com a cultura brasileira?

Marcos – Eu vô te dizer assim ó, pelo modo de vida de hoje em dia, isso aí tá ficando menor.

Marjorie - É obrigado, é obrigado a acompanha a evolução, não adianta.

Marjorie –Cigano casa com brasileira era muito raro, era muito difícil, a nossa língua mesmo não se ensinava pra ninguém.

Marjorie – A nossa língua é tipo de uma defesa.

Marjorie - Eu acho que não devia assim, não, não devia ensinar a língua a não ciganos, que é uma coisa da nossa cultura mesmo.

Eu – Que a individualidade vai se perdendo, né?

Marjorie – Sim.

Eu – Parece que pô, os ciganos tinham uma maneira individual de viver que tá se perdendo com o tempo e vai cada vez mais perder se não acontecer alguma coisa.

Marjorie - Até nossas comida, desde o cigano, eles, né, da nossa idade, a gente

gosta da nossa comida assim, tempero, a pimenta. O jovem já não gosta, tem alguma coisa que eles come, que eu não gosto nem de chegar perto.

Marcos – Eu gosto.

Eu - Como é, como é que era, Marcos? Como é que era ser cigano a uns 30 anos atrás?

Marcos – Era bom.

Eu – Muito? Era bom em que sentido tu achas?

Marcos – Era bom o convívio da família.

Marjorie – A gente tinha mais liberdade.

Marcos – Era...

Marjorie – A família era mais unida.

Marcos – Era muito bom no convívio da família, era muito, mais muito, era... Hoje em dia não, hoje em dia é cada um por si, Deus por todos.

Obina – Eu ia fala isso aí, que meu vô me falou isso aí também, que antigamente os ciganos eram muito mais unidos, não só família, todos eram.

Eu - É, estava lembrando da tua resposta sobre isso, é muito parecida..

Marcos – Antigamente, a uns anos atrás, os cigano, onde é que eles se ajuntavam, eles ficavam 3, 4 meses . Hoje em dia não, hoje em dia quanto mais a te dá tchau, vão embora e deu.

Obina – Eu acho que hoje em dia... Eu sei que entrevista é com eles.

Eu - Não, não, pode falar, porque acrescenta.

Obina – Hoje em dia se alguém ficar no hospital, eles não vão por preocupação, eles vão por obrigação.

Marjorie - É, o que o Ciclano vai falar se eles não ir, não pela pessoa no caso.

Marcos – Antigamente os cigano se respeitavam muito os velho, pessoa mais velha se respeitava muito. Quando um velho falava assim, os mais novo não podia nem tenta e se intrometer na conversa deles, hoje em dia não, os mais jovem manda os mais velho calar a boca.

Marjorie - Não, é que hoje em dia eles se impõe mais, impõe a opinião deles, e antigamente a gente não tinha isso, Deus o livre se a gente fosse se meter, mas isso não é só na nossa cultura.

Marcos – Eu acho que assim, Rodrigo, a vida cigana mudou, muito, muito e muito, bastante. Mudou e mudou bastante.

Eu – De cultura se perdeu muita coisa?

Marcos – De culturas, tradições... Há uns anos atrás, mulher não podia usar calça, era só saia, até as gurias nova, minha Georgina, não podia andar dentro de casa de calça, só de saia.

Marcos - É isso aí cara, a cultura cigana há uns anos atrás era até bonito de se vê, né, mas hoje em dia...

Marjorie – Muita coisa mudou.

Marcos – Hoje em dia como... A ganância é muito grande.

Eu – E tu aconselharia pra um cigano de fora aqui de Pelotas, morar na cidade de Pelotas, tu acha que é uma cidade boa então pra cigano?

Marcos - É boa, é boa, portanto que todo mundo venha pra cá fica.

Eu – Trabalho assim tu acha de boa? Tu achas bom o trabalho?

Marcos – Trabalho, sim, trabalhar, sim. Se trabalha muito melhor aqui do que fora do que é Rio Grande.

Eu – Tu achas que o fato de ser cigano prejudica teu trabalho, tua vida econômica, ou tu achas que não?

Marcos - São muito preconceituoso ainda, tem muita gente preconceituosa ainda.

Marjorie – Tem, geralmente não é nós que fizemos, né, nós compramos e revendemos. Mas geralmente a pessoa, tem gente que, que sabe e é assim “ah, é coisa de cigano, não presta”, mas não é a gente que faz, a gente compra pra revender. Aí a gente vê como que tem o preconceito, né.

Marcos – Por exemplo, quando vai fazer um negócio, “ah é cigano, vai me engana”, e as vezes não, as vezes ele tá enganando nós. Essa é a situação, às vezes a gente vende e que eles não paga. Aí não é nos que tamo enganando, é eles que tão me enganando.

Marjorie – Meu pai que dizia... Falava: cigano não é ladrão, cigano é esperto, ele sabe negocia, e as pessoas acham que eles tão roubando, mas não é, é que eles sabem negocia.

Eu – Eu vi, eu vi num estudo lá, eu estava vendo que na Europa 1500-1600, já existia a lenda de cigano ladrão, roubador de crianças, sequestrador de criança, né, falavam muito isso.

Marcos – Sim, era um cigano que por exemplo, tem o “caldaraxa”, tem o outro, tem

é várias tipo de raça.

Eu – Sei, sei.

Marcos – O Caldaraxa.

Eu – Ursari, tinha os Ursari também.

Marcos- É, o Caldaraxa era um, era uma família diferente dos outros, aqui no Brasil, o Brasileiro ele gostava muito de assusta as criança, “lá vem vindo o cigano, vai te roubar”, mandava as criança pra dento de casa. Até pouco isso aí acontecia lá pros lado de Pedro Osório, Arroio Grande.

Marjorie – Mas isso acontecia por quê? Porque antigamente o brasileiro davam os filhos, davam os filho pros cigano porque não tinham condição de cria, davam, e depois diziam que os cigano roubava.

Eu – E pior que vocês falando, eu vi exatamente isso lá em 1600, que como as ciganas eram, principalmente as mais velhas eram pessoas muito famosas no meio da comunidade, as mulheres que tinham filham naquela época, filho fora do casamento, morriam, elas eram mortas se o filho fosse fora do casamento e aí elas deixavam os filhos, pra não matar a criança, elas deixavam os filhos com as ciganas, e aí surge a lenda de que as crianças roubavam as crianças, no caso.

Marjorie - Eles não deixavam nem velho e nem criança, tu não vê dizer que abandonaram um velho, um cigano abandonou um velho num asilo, uma criança numa creche, num orfanato, tu não vê, não tem, não existe, eles pegavam deles pra criar.

Eu – E levavam a culpa...

Marcos – Dizem muito que o cigano é ladrão, que é isso, que é aquilo lá, quantos cigano tu já viu na cadeia? Não tem, é muito raro tu vê um cigano na cadeia. Quantos brasileiros tem na cadeia? Tão cheias. Então eles botam muita culpa nos cigano, né, porque passou um cara ali e roubou alguma coisa, passou um cigano logo depois, é o cigano que robou, e aí é o preconceito que vem em cima dos cigano

John - A gente não vai longe né pai, quando o Juliano (nome fictício) foi preso, o que foi dito? “É cigano, pega ele que vai, tudo igual, tudo a mesma coisa”.

Marcos – Foi dito por um promotor dentro do Fórum quando eu gritei “isso aí é racismo”, aí veio um brigadiano perto de mim que tava lá, veio dizê “grita que eu tô aqui, grita que eu tô aqui”, eu digo, isso é racismo, o cara uma autoridade fala isso aí sobre cigano, ele não podia nem tá sentado ali, começo, já começo a me corre assim, é porque eu tava sentado ali, é aí é o preconceito do cigano

John - O preconceito cara, cara aconteceu já, acredito, com o pai, comigo, com todo mundo, aconteceu a pouco tempo com o Obina que ele foi troca o pneu, cara, o mais comum é acontecer o cara imitar a gente jeito de falar, aí o cara tenta puxa o “sotaquezão”, falando em português, e tentando imitar como se fosse “ah, um cigano

falando”, tu sabe como é que é, quando o cara fala.

Eu – Sei, sei.

Marcos – Mas aí quando os cara fazem isso aí pra mim, eu pergunto “sê não come merda, né?” (Risadas)

John - É, tipo, é que ele não dá espaço, mas os caras fazem isso, entendeu?

Marcos – Esses tempo atrás num... Não me lembro onde é que foi, cara, -”Cigano!”, -”não, não sô”, -”tu é sim”, -”não, não sô”.

Marjorie – É que muitas pessoa acha que é uma raça, como branco, preto e pardo, aí quando vê não, é um etnia, é por isso que alguns dizem assim “ah, cigano”, que nem tá escrito que é branco, preto, pardo, aí acham que tá escrito ali “cigano”.

Marcos - Aí eu tava lá dentro, não lembro onde é que era, Rodrigo, , não vô te mentir onde é que era, não vô te menti onde é que era, mas, tchê, não me lembro se foi no banco... Não me lembro, aí veio um outro colega, o cara que tava me atendendo que eu disse que mostrei a minha carteira pra que ele disesse onde é que dizia cigano, aí eu olhei pro outro e disse “esse ai é retardado, pode manda lá levar pro hospício. Eu sô cigano mesmo, não vai ser o outro que vai dizer, baixou a cabeça e “picô” a mula dali, eu não dou espaço pra isso.

Entrevista dupla 4

Eu: Tu achas que cigano sofre preconceito no dia-a-dia?

John: Sofre. Principalmente no trabalho né, porque a gente trabalha de forma diferente, a gente trabalha de casa em casa na rua né. Vou te dar um exemplo: por eu estar vendendo, trabalhando daquele jeito, a pessoa deduziu em mim, me chamou de biduino e começou a me contar historias de contatos e negócios que ela teve com pessoas biduinas. O exemplo que posso te dar de preconceito foi da Lucinda uma vez, ela entrou lá pra comprar roupa né, ai ela procurando um negocio, ela usa saia, da pra ver de longe que ela é cigana, ai chegou na hora do quarto ali, as mulheres começaram a cochichar e ela ouviu as mulheres falando que provavelmente era cigana e tinha que cuidar, ficar mais na volta, ai começaram a fingir que estavam cuidando das etiquetas perto dela. Isso pelo fato dela usar saia e ter bastante aparência de cigano.

Eu: E tu Rafaela? Tu achas que cigano sofre preconceito?

Rafaela: Olha, desde pequena nunca vi essa diferença entre cigano e brasileiro. Mas já vi pessoas falando que não tem preconceito, mas que tu vê que estavam “meio assim” sabe? Até pessoas amigas da minha mãe, eu já ouvi falar quando tocavam em algum assunto, não queriam ter mas na maneira de expressar acabavam saindo meio preconceituoso, sabe?

Eu: E no colégio? Por que os ciganos não estudam muito? È questão deles ou tem haver com preconceito?

John: Cara, eu acho que o preconceito ele serve mais como um incentivo para ter mais desinteresse nos estudos. Tem muito cigano que estuda e vê de uma forma diferente. Eu acho, igual estávamos conversando aquela vez a respeito de fazer concurso, se parar pra pensar tu não tem segurança nenhuma trabalhando na rua. Se tu focar ali (nas vendas), “dale firme” tu pode ganhar muito dinheiro, mas se tu adoecer tu não tem segurança, não tem segurança nenhuma entendeu? Enquanto tu tiver bem tu vai conseguir trabalhar, então é uma questão de pensamento, de futuro. Porque cigano, na verdade, acredita no: “tu vai ficar velho, vai ter filhos e a obrigação dos teus filhos é te cuidar e te sustentar”. Eu acho que é mais da cultura (o fato de não se interessar pela educação brasileira), vem mais dos antigos, pais, tios, avós que vão colocando isso na cabeça dos mais novos. Mas eu acredito que o preconceito é um incentivo, porque se tu já tem um monte de coisa que colocam na tua cabeça que faz tu não ter prazer de estar ali, e aí tem essa exclusão de colegas, tu vai cada vez mais perdendo o interesse.

Eu: tu acha que essa mistura da cultura cigana com a brasileira é boa ou ruim?

John: eu acredito que a cultura cigana não vai deixar de existir, mas ela vai se transformando, se adaptando mais a outra cultura, que no caso seria a brasileira. Eu acho que em partes é ruim, porque é uma cultura única, entendeu? Mas eu não acredito que tu não possa falar, a Rafaela não possa falar (Romani). Eu não acredito que isso vai fazer com que a cultura extinta. Depende de mim ensinar meus filhos, a cultura, a falar, eu não vejo problema nenhuma em outra cultura participar da minha, desde que respeite, entende? Eu acho que é cigano que brasileiros andem com ciganos. Ciganos trabalham com brasileiros e brasileiros trabalham com ciganos. Como a gente vai viver no Brasil onde todos são brasileiros, e não podendo conviver junto, imagina como seria. Aí eu acho que aumenta muito o preconceito, porque acaba querendo se tornar melhor, ou ser diferente, entendeu?

Eu: tu acha que o cigano tem que ser diferente do brasileiro ou tu acha que não é importante?

John: A maneira de se vestir, e crença, obviamente não. Não acho que tenha que ser diferente. Eu acho que sou um cara bem conservador, os valores pela família, pela cultura eu acho bem importante e legal. Por exemplo, casamento, a festa em si, eu não dou muita bola, mas há outras coisas importantes na cultura cigana que deve ser valorizada.

John: Tipo assim, o que acontece... A relação que a Rafaela tem com a mãe dela, é diferente a questão de família entende? Pra cigano o filho mais novo tem que ficar com o pai e a mãe e sustentar. Ela – Rafaela – já vê totalmente, no momento que ela tiver o trabalho dela será o trabalho dela, ela vai ter a casa dela, não que ela não vá ajudar a mãe dela, mas cada um na sua casa. É um choque pra nós isso, é uma situação meio complicada.

Eu: E como tu vê Rafaela essa questão do futuro de vocês? Tu acha que vai ser um problema o embate de culturas? Tu tem medo em relação a algum preconceito futuro, tu acha que tu vai sofrer algum preconceito pelo John ser cigano?

Rafaela: Tem assim, aquela coisa, um embate de uma cultura com a outra. Tem isso. Tem um pouco disso. Mas eu acredito que mais pra frente a gente vai conversar, a gente vai se resolver e a gente vai acertar. Não acredito que seja uma coisa que vai ter que cada um pro seu canto, um negócio desses. No começo eu fiquei meio com medo de sofrer preconceito, por não fazer parte da cultura, não sei a cultura, não sei falar, eu ficava “meio assim” de acontecer, mas de todos que eu conheci, eu não sofri preconceito por nenhum deles até então, não tenho o que falar. Conheci ciganos que falavam romanês e me pediam desculpas por pensar “ah, to falando algo que ela não ta entendendo, acho que ela vai se ofender”. Então sempre foram respeitosos, por eu não saber a língua deles, sempre se preocuparam com o ambiente. Na questão de sofrer preconceito eu não tenho o que falar porque não sofri preconceito de ninguém. Eu acho que talvez eu possa sofrer algum preconceito, mas não da pra ter certeza.

John: Ela (Maria) é considerada cigana, mas acho que a questão de ser cigano é tu nascer ou não. Pra tu ser cigano tu tem que ter pai cigano e mãe cigana. Qualquer cigana sabe quem é ela, mas não tem puro sangue de cigano. Os filhos dela vão ser cigano, entende? Mas é aquela coisa, de puro (risadas)

Eu: existe muito isso né, de alguns ciganos dizer que outros ciganos não são ciganos.

John: Cara, acho que ela não vai sofrer preconceito (Rafaela). Mas por ela ser brasileira... tipo, tem muito cigano sem noção, a gente entende de onde vem esse preconceito, tem muito cigano que não presta, como qualquer outro. Então tipo, a questão de mexerem com ela por ela ser brasileira, a facilidade é muito maior, é muito mais inclinado para isso do que uma cigana, entendeu? Eu sendo cigano mexer com uma cigana da minha idade ou mais nova gera um conflito muito grande entre famílias. Na cabeça de alguns, por ela ser brasileira não tem essa questão, mexeu com ela, vai mexer comigo, eu vou ficar de cara, mas eles pensam: “ah, brasileiro está acostumado a ficar com muita gente, dar moral pra muita gente”. Por não ser cigana tá mais propenso a ter isso com os mais sem noção.

John: respondendo tua pergunta sobre o que é ser cigano. Eu acredito que foge muito do que tu falar ou simplesmente viver no meio dos ciganos, ou de ter um estilo de vida dos ciganos. É muito fácil, a Rafaela pode vir andar comigo e começar a agir igual eu. Como a Maria, trabalhou muito tempo com o João, tudo fazia junto, mas eu acredito que a questão de ser cigano é através de, é coisa sanguínea entendeu? Tu pode estar no raio que o parta, tu vai ser um cigano la no raio que o parta. Não é algo que tu faça ou algo que tu tenha que vai te intitular cigano ou não. Por mais que eu acredito que tenha muito cigano que se baseia nisso, o que se faz, o que se pensa, é maneira de agir, ou de viver, eu não penso assim. Eu não acho que ser cigano é um estilo de vida, não é a maneira que tu pensa, que tu age. Bom, tu me conhece. Eu me visto de maneira diferente, eu penso de maneira diferente, a questão do estudo eu penso de maneira diferente, por mais que hoje eu não esteja fazendo uma faculdade, eu terminei o médio e futuramente eu até pretendo fazer um curso, fazer alguma coisa, entendeu? Eu penso naquela questão de estabilidade, de segurança. Uma hora tu vai ficar “mal das pernas”, não vai conseguir trabalhar do mesmo jeito, porque é muito sugado. A vida não se resume em dinheiro, tu gasta tua vida, teu tempo, tua saúde, trabalhando dessa forma.

Eu: tu achas que o trabalho é tema central na vida do cigano né? Por que tem poucos ciganos pobres? Mesmo não tendo ciganos em classes mais ricas - médicos e etc – como não tem cigano pobre?

John: Ah, é. Eu tinha 9 anos quando a gente se conheceu, tu sabe. Eu nunca tive uma visão de cigano, eu ia com o pai nos bagulho, fazia as coisas, acompanhava ele, mas não sentia prazer naquilo ali. Depois ainda me converti né, a igreja ensina muito principio pra gente, te faz pensar de forma diferente. Tua visão de mundo, de vida, muda totalmente. Não é por eu ser cigano que eu não posso ter, entendeu?

John: Eu acho que a questão de um cigano ajudar o outro, é muito pelo contrário. Se os caras puderem se ralar um ao outro, vão. Eu não nunca vi cigano pobre. Cigano pobre, que a gente pode dizer, é cigano que trabalha na rua e tem um UNO novo, sei lá, pra mim isso não é pobre, é uma pessoa trabalhadora que passa dificuldade, mas que não tem falta. A questão dos caras serem pobres é questão psicológica, entende? Porque cigano é aquilo, ele sabe vender super bem, isso é cultural, desde criança tu vai aprendendo.

John: antigamente as crianças trabalhavam, meu pai com 8, 9 anos, meus tios colocavam ele descalço com um balde cheio de coisa a vender na rua, hoje não é preciso, mas desde pequeno é ensinado, eles vão te dando o caminho para quando tu for maior tu saber.

Eu: tu acha que Pelotas é uma cidade boa para ser cigano?

John: Eu acho que sim, eu já sofri mais preconceito fora da cidade, trabalhando em outras cidades, aqui na cidade eu não me lembro de ter sofrido algo, os caras sempre me trataram bem. Aqui não tem muitos ciganos como, por exemplo, em Porto Alegre. Os ciganos que tem aqui fizeram uma reputação muito boa, porque nunca teve negócio de roubo, todo mundo conhece todo mundo. Por exemplo, quando éramos menores, nossa rua aqui era conhecida como rua dos ciganos. No começo o pessoal não olhava muito para nossa cara, não cumprimentavam muito. Mas conforme a gente foi se conhecendo foi melhorando. Um exemplo disso é um amigo nosso, que a mãe dele não gostava da gente, e a gente se deu bem com o filho dela e começamos a frequentar seguido a casa dela, depois disso a opinião dela mudou muito sobre nós.

Eu: beduíno é uma ofensa?

John: Eu não conheço muito beduíno né. Eu sempre vi os beduíno como os Calon. Eu sempre via os beduíno como esses caras, esses caras sim, esses caras roubam, passam pra trás, eles tem muita grana. Alguns né, outros não. Eu me sinto ofendido porque eu acredito que são duas coisas totalmente diferentes. Uns são ciganos e os outros querem ser e forçam a barra pra ser, porque eu já vi os caras na rua, e sei lá, os “magrão” são muito “fora da casinha”.

John: Isso, o fato de não ser mais itinerante, foi algo que melhorou a convivência dentro de Pelotas. Criar raiz no lugar. Antes eram os “ciganos”, agora é o John. Foi o que aconteceu aqui na rua.